

REVISTA DE ENSINO
DA
ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO
PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

—
PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO
—

Redactor-chefe : — ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Redactor-secretario : — JOÃO PINTO E SILVA

REDACTORES EFFECTIVOS

JOAQUIM LUIZ DE BRITO

ROMÃO PUIGGARI

JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA

EMILIO MARIO DE ARANTES

RAMON ROCA DORDAL

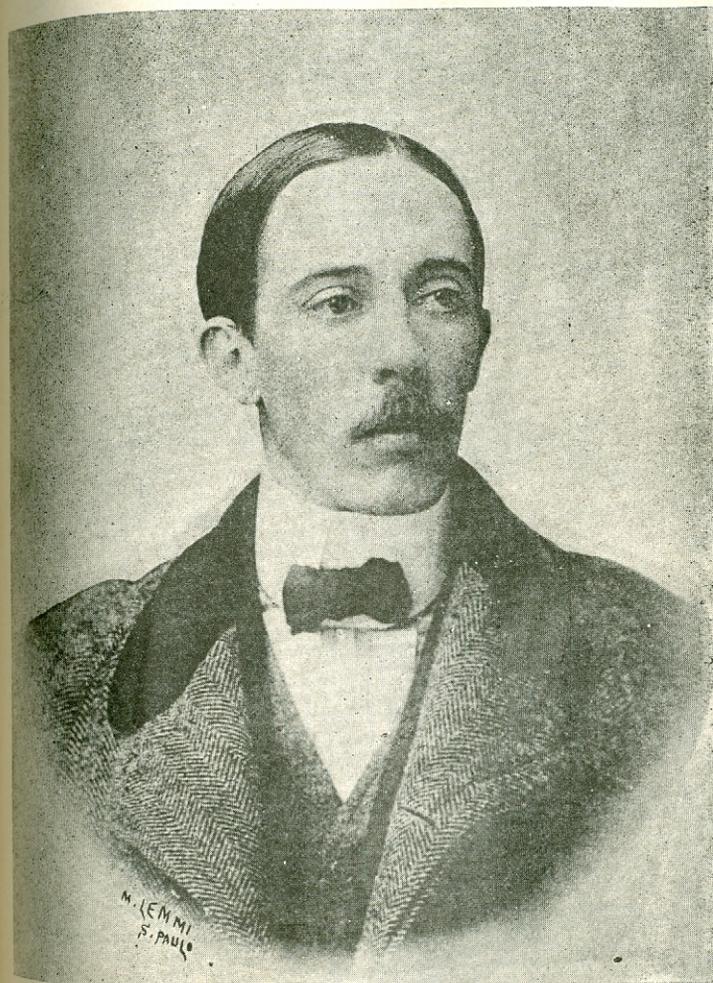
JOÃO CHRISOSTOMO B. DOS REIS JUNIOR

NUMERO 4

SAO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1903



D.^R ALBERTO SANTOS DUMONT

Homenagem da «REVISTA DE ENSINO»

SANTOS DUMONT

Cantemos todos a gloria
Do paladino sem par,
Que já levou para a Historia
O nome de Rei do Ar!

Um bello hymno entoemos	Mas que elle sempre nos seja
A's victorias do Progresso,	O mensageiro da paz,
Que em breves dias veremos	Que nelle o orbe só veja
O balão vencendo o expresso.	Aquelle que o bem lhe traz.

Passando por sobre os mares,	Nesse flagello tremendo
Os lagos, rios, collinas,	Que o homem chamou de guerra,
A deslisar pelos ares	Em que o sangue vai correndo
Na região das neblinas,	A nodoar toda a terra;

Os balões irão bem certos	E que traz para as nações
Por toda parte do mundo,	A morte, o atrazo e o penar,
Levar até nos desertos	Sirvam sómente os balões
O progredir mais fecundo.	Para soccorros levar.

Com as leves areonaves	A escola acompanha a fama
Dispensado o mar e o rio,	Que o grande invento produz
Já não será só p'ras aves	E o nosso nome recama
Dos ares o senhorio.	Com mil estrellas de luz.

Do fulgurante porvir
Nas cup'las do Pantheon
Já podereis ver luzir
O nome — SANTOS DUMONT.

F. Mendes Vianna.

2 DE OUTUBRO DE 1903

Na série de economias que o Congresso vai apresentar este anno á feitura da lei de orçamento, para equilibrar a receita com a despesa do futuro exercicio, está incluída, ao que se diz, a da redução de 10 ou 20 % dos vencimentos dos professores publicos.

Essa medida, que, a principio, parecerá equitativa, pois que vai ser extensiva aos demais empregados estaduaes, bem ponderada é a mais cruel possível em relação aos professores.

Effectivamente, na classe geral de empregados publicos, quando se trata de qualquer reforma relativa a economias, os professores, quando não são os mais, são os unicos que soffrem córtes profundos em seus ordenados.

Assim foi, ainda ha bem pouco tempo, com a revogação de um artigo da lei de 8 de Setembro de 1892, em que os professores foram dura e injustamente lesados.

O art. 126 do Reg. que baixou com essa lei, a contar da data da sua promulgação, 8 de Setembro de 1892, assegurava aos professores publicos, no fim de dez annos de exercicio, e isso como uma compensação á aposentadoria que se lhes tirava, uma melhoria da quarta parte dos seus vencimentos; no fim de 15 annos, de mais uma terça parte; e no fim de 20 annos de mais a metade.

Pois bem; essa prerogativa, que era como um premio estimulador aos que faziam do magisterio uma verdadeira carreira e não um simples emprego provisorio, foi-lhes tirada em 1901, justamente nas vespas de a gosarem, Isto é, depois de nove annos do regimen da lei que lhes acenava a justa recompensa aos seus esforços.

Fez-se a economia, é verdade, mas os únicos que para ella concorreram foram os professores publicos, que desde 1902 estão a perder 75\$000 mensaes, conforme lhes garantia a lei.

Ora, si elles já contribuíram com a sua parte para as economias exigidas pelo Estado, sem uma queixa, sem o minimo protesto, porque se lhes pretende fazer novas reduções nos vencimentos ?

Será muito o que ganha um professor publico, com a exigencia do art. 132 do mesmo Reg., que prohibe que elle exerça a sua actividade em qualquer outro emprego ou cargo, remunerado ou não, ou no exercicio de outras profissões, sendo-lhe só permittido o ensino particular, que, digamos de passagem, no interior é muito problematico ?

Pondere-se que o professor publico occupa uma elevada posição social, tem familia, tem apresentação, e pela missão que exerce, aliás uma das mais delicadas e para a qual deve estar exclusivamente voltada a sua preocupação, como sabiamente preceitua o art. 134, e avalie-se o circulo em que elle pode agir, a salvo da miseria, com os 300\$000 mensaes, que são na média o que ganha o professor paulista.

E' claro que esse ordenado lhe bastará, na crise que atravessamos, mas absolutamente não lhe é de mais, a ponto que possa economisar uma pequena parcella para as suas despezas imprevistas.

Não lhe é de mais, absolutamente, repetimos, e podemos até accrescentar que mal lhe chega para um passadio modestissimo.

Reduzir de novo esses já tão minguados recursos é propellir os professores a usarem de evasivas e de mentiras, elles que têm de exercitar uma auctoridade moral, afim de claudicarem, sem sem ser punidos, revogando por si, levados pela necessidade, o art. 132.

Ao cumprimento exacto desse art. hão de antepôr o bem-estar e a decencia de suas familias, pelo que de modo algum poderão ser censurados, quanto mais punidos pelo art. 134.

Reflectam, pois, os srs. congressistas na crueldade que encerra uma nova diminuição nos vencimentos dos professores publicos ; e no mal que acarretará tal diminuição para a nossa instrucção primaria !

Sem aposentadoria ; sem a melhora de vencimentos que compensava aquella ; sem poder recorrer a outro mister para ajudar as despezas de seu lar, de braços amarrados pela ameaça de uma punição ; tolhido completamente em sua actividade, mas tambem desesperado por ver faltar á sua familia o indis-

pensavel bem-estar, que todo o homem válido deseja dar aos seus, o actual professorado publico, que tanto elevou o nome e a grandeza de S. Paulo, ou ha de descurar ou abandonar o magisterio, ou ha de ficar reduzido a uma vida cheia de difficuldades e de vicissitudes, tendo de lançar mão de expedientes quasi sempre incompativeis com o seu elevado ministerio.

O professor não pode ser um pária.

Boa instrucção publica, exige muita dedicação, muito esforço, muito estudo.

Mas para isto é mister que o professor não tenha outras preocupações que as do seu cargo, o que só acontecerá si os seus vencimentos, embora parcos, o garantirem de difficuldades e de afflicções.

E a diminuição que se pretende fazer, reduzindo ainda mais os recursos com que elle mal e mal vai equilibrando a sua vida, além de o pôr em sérios embaraços, poderá ainda obrigar-o a desviar-se da linha recta e nobre por onde tem trilhado até agora.

QUESTÕES GERAES

A instrucção em Londres

Uma das maiores preocupações da Inglaterra é a da instrucção popular. Por toda a parte encontram-se bons edificios escolares e admiravel organisação de ensino.

Notavel membro do Parlamento inglez, tratando da instrucção publica, disse que a questão educacional era de grande importancia para a Grã-Bretanha, porque della dependia o bem estar nacional.

O School-Board (Conselho escolar) de Londres, compõe-se de homens que tomam interesse especial pela tarefa que lhe está confiada, e ser membro desse conselho é tão honroso como ser membro da Camara dos Communs.

Os conselheiros são eleitos pelo povo e, nessas eleições, lutam para o triumpho do melhor homem pais de familia, professores, discipulos e todos os que se interessam pela grande causa.

Cada professor cumpre o seu dever, e se não o fizer, não se conservará meia hora em seu posto. Aos sabbados não ha aulas, para que os alumnos tenham tempo para o exercicio de jogos ao ar livre, e para que os professores possam assistir as conferencias didacticas ou as leituras dadas nos museus ou nos cursos da «Extensão Universitaria.» O professor sabe

que é seu dever estudar, que só são premiados e distinguidos os que merecem sê-lo e que só são removidos os desidiosos.

Os inspectores do Conselho são homens de experiencia comprovada. Semanalmente dão aulas modelos nas escolas de seus districtos. São affaveis conselheiros de seus directores e professores graduados, porém, inexoraveis quando se trata dos ociosos ou dos pouco assiduos.

Nos Lyceus de Witechapel, reinam ordem e disciplina como nas melhores escolas de Wes-End. Existem escolas especiaes para os embusteiros, como tambem existem estabelecimentos especiaes para os fracos de intelligencia ou meninos que padecem de deficiencia intellectual.

E' o seguinte o methodo de ensino nas escolas elementares do School Board, de Londres: escripta á letra vertical, quasi exclusivamente; nada de letra gothica e floreada; a questão é que o menino ou menina escreva ligeiro e legivelmente. Idioma: inglez, repetidos exercicios de leitura, orthographia e composição; estudo incidental de grammatica. Nos dous grãos superiores começa o estudo de litteratura ingleza, e no sexto grão estudam trabalhos de autores como Shakespeare e outros. Arithmetica diaria e praticamente desde os grãos inferiores. Constantes exercicios de analyses e de calculo mental. Geographia e

historia: além de mappas, exercicios cartographicos pelos alumnos, textos feitos por bons mestres e quadros chromo-litographados. Usam-se muito as projecções luminosas. Não ha escola que não tenha tres ou quatro lanternas e na Secretaria do Conselho ha grande quantidade de vistas que circulam entre as escolas, segundo a requisição dos professores. Em geographia, cosmographia, zoologia, botanica e historia, as projecções são um grande meio de ensino na Inglaterra.

A physica e a chimica ensinam-se theorica e praticamente nas escolas elementares. Não se usa texto algum; nos primeiros grãos o professor ensina oralmente e faz ligeiras experiencias que os alumnos observam com interesse e, em seguida, de explicação do modo mais claro e conciso. Nos dous ultimos grãos os alumnos trabalham nos laboratorios; cada um tem seu logar fixado, com tudo o que necessita, e nestes salões figuram grande quantidade de apparatus e productos para os respectivos trabalhos.

Esse systema de ensino dá os mais salutaes resultados, pois que os alumnos tomam o maior interesse nos estudos que elles mesmos procedem.

Em cada escola elementar existe grande officina, onde os alumnos trabalham em madeira e metal e em algumas se adopta o Slojd dos Suécos, mas, em geral, o systema tem uma tendencia industrial.

Desde o quinto grão se dá muita liberdade aos alumnos quanto á escolha do seu trabalho. Se um alumno deseja fazer um thermometro ou barometro, apresenta um croquis ao professor, especificando bem a escola, etc. Uma vez que o croquis mereça approvação do professor, proporciona-se ao discipulo o necessario para o seu trabalho. No museu de South Kensington acha-se grande numero de trabalhos executados por alumnos das escolas elementares.

O caderno de cada alumno consigna o trabalho do mesmo durante o anno, e para cada trabalho existe um caderno especial, bem escripturado e sem erros.

Tratando dos trabalhos praticos, cada caderno tem o seu titulo, por exemplo: O que me propuz a fazer, resultado obtido, apparatus que usei e sua representação graphica, etc.

Nos grãos superiores estuda-se um idioma estrangeiro, francez ou allemão; na maioria, porém, das escolas, preferem o francez.

O methodo de Gonin usa-se com bom resultado. A Associação de professores francezes proporciona excellentes mestres do idioma aos Conselhos de Districto que lhes solicitam.

Em uma obra intitulada—Estatistica do Conselho Escolar de Londres, encontram-se dados sobre os vencimentos dos professores, suas obrigações e plano de cada edificio escolar da grande cidade.

(Do *Jornal do Commercio*).

O SECULO XIX

POR

E. M. DE VOGUÉ

(TRADUÇÃO DE J. BENEVIDES)

Piedade filial ou curiosidade do espirito, todos os nossos sentimentos estão de accôrdo em querer conhecer a figura verdadeira, os traços distinctivos e a significação historica do seculo do qual acabamos de saber. Mas, tão proximos d'elle estamos ainda, que taes pesquisas se tornam muito incertas: bem impertinente seria a pretensão de nesta hora, em algumas paginas, fazer o juizo que está reservado aos futuros historiadores, que terão a vantagem do longinquo da perspectiva.

Preparar-lhes, pois, materiaes, submeter-lhes deposições nas quaes terão de rever erros proprios de um golpe de vista muito proximo e de um coração muito empenhado, eis tudo o que podemos fazer agora e o que vamos tentar.

* *

Estudante do anno 2000—que resume do essencial do seculo XIX te farão teus professores, para que conheças o seu caracter especifico e o seu grande titulo de honra?

Certo, o verão no progresso prodigioso dos conhecimentos scientificos, em sua applicação ao aproveitamento das forças naturaes, na unificação do globo, nas transformações da vida social. Ou, talvez, se impressionarão por phenomenos mais sensiveis: conflictos de povos armados, revoluções politicas, deslccamentos do poder publico e mudanças profundas nos costumes sob a influencia de principios philosophicos legados pelo seculo XVIII.

Seja como fôr, em ultima analyse, terão de concluir que os grandes factos desse seculo, e os seus consequentes, tiveram sua origem no gabinete do sabio, no laboratorio do physico, na exploração do geographo.

Foi assim que o seculo XIX se tornou o herdeiro directo e por assim dizer o irmão-gemeo do seculo XVI. Hoje, como então, a maior parte das concepções do homem, e consequentemente de seu modo de viver, foram rectificadas ou radicalmente modificadas por um progresso rapido do conhecimento do universo e de suas leis. Vê-se bem como as diversas applicações do vapor e da electricidade determinaram relações novas, pacificas ou hostis, entre povos que se ignoravam; e como estas mesmas applicações determinaram em grande parte necessidades, tendencias, trabalhos, agrupamentos e portanto a organização das sociedades.

Nossa sociedade moderna, armada de seu magnifico apparelho scientifico, e organizada segundo o plano por elle determinado, será mais feliz ou mais moralizada do que as suas antepassadas? A somma das necessidades creadas será igual á somma das satisfações obtidas?

São essas questões ociosas e inso-luveis.

Adquirimos, certamente, forças que eram desconhecidas dos nossos antepassados, e que, sommadas com as que elles possuíam, se tornaram incomensuraveis. Eis tudo. — Legitimo motivo de orgulho, são taes forças no emtanto egualmente activas tanto para o bem como para o mal, para o acrescimo da nossa felicidade ou de nossa miseria. São como o pão que comemos, que é indifferentemente creador de energia para o trabalho util ou para o crime.

Diz-se, porém, que a instrucção é moralisadora... Grande burla dos tempos modernos que se desfaz com a simples leitura de uma pagina de historia ou com a observação de um quadro estatistico.

Havia maior instrucção na côrte de Luiz XV do que em uma aldeia da Baixa-Bretanha—e nesta haveria por ventura maior moralidade?

Quanto ás populações actuaes a resposta a tal pergunta é dada pelos quadros comparativos dos criminalistas.

A verdade é que hoje, como em todas as epochas, o homem só encontra contentamento e aperfeiçoamento moral em si proprio e na assistencia de uma graça superior. As sciencias e suas applicações d'elle fazem um rei habil, poderoso, mas não um feliz e um justo. Nenhum espirito imparcial poderá desconhecer a grandeza extraordinaria do seculo XIX, sendo certo tambem que nenhum espirito reflectido poderá concluir que tenba elle sido melhor e menos cheio de soffrimentos do que os anteriores.

Dissipada esta muito frequente confusão, ficamos mais á vontade para glorificar o espirito scientifico do seculo XIX, e para admirar como elle illuminou as intelligencias, disciplinou a materia, civilisou as fracções do genero humano que approximou do fóco europeu.

* *

Pouco ha ainda que se attribua a maior parte de taes effeitos á Revolução do seculo (XVIII), ás doutrinas que ella espalhou no mundo, ás innovações duradouras que attestam depois de cem annos a importancia desse acontecimento historico.—Illusão essa bem desculpavel do amor proprio nacional que prendia todo o desenvolvimento humano ao ideal philosophico que enthusiasmou nossos paes. Este ponto de vista particular parece hoje muito estreito a quem quer lançar um olhar de conjuncto sobre o seculo XIX. Elle vai findar: as idéas dirigentes e os factos em que ellas se realisam dão um desmentido formal ás esperanças que tinhamos depositado em seu berço.

Os Francezes de 1789 tiveram um bello sonho:—a fusão de todo o genero humano na liberdade, na fraternidade, na concordia; uma republica universal em que os cidadãos emancipados, governados só pela razão, não mais conheciam nem senhores nem fronteiras. Bem depressa obrigados a tomar as armas para propagarem este novo *Islam*, acolhidos com enthusiasmo pelos povos que libertavam, os apóstolos conquistadores semearam suas idéas em todos os campos de batalha de Europa. Mas dessa sementeira brotou justamente aquillo que se tentava extinguir. Foi como que um immenso *quiproquo*. Havia-se bradado aos povos—Liberdade! Os povos applaudiram e responderam: Sim, certamente,—independencia nacional! Os sonhadores

humanitarios despertavam no seculo das nacionalidades. Ouçamos o historiador que mais claramente appreciou o facto (A. Sorel—L'Europe e la Revolution française—vol. I, pag. 548):

«A Revolução franceza teve como resultado simplificar singularmente «a carta da Europa; em lugar de «nella propagar a anarchia universal e a revolta geral dos povos contra «os reis, contribuiu, pelo contrario, «para tornar os Estados mais poderosos e as nações mais ligadas aos seus «principes... Nenhum desses povos, «quando lhes falaram dos *Direitos do homem* e da *soberania nacional*, «considerou o homem abstracto, o homem sem corpo e sem alma, a nação «ideal sem territorio e sem habitantes; nenhum delles se perdeu em «perseguir nas brumas de uma humanidade intangivel o phantasma «de uma liberdade metaphysica... E' «assim que uma revolução que se dizia da humanidade, e que pretendia para sua cidade ideal os cidadãos do mundo, substituiu a Europa «relativamente cosmopolita do seculo XVIII pela Europa tão ardente-mente nacional, mas tão profundamente dividida do seculo XIX.»—

Esta reacção imprevista produziu todos os seus effeitos na segunda metade do seculo. Sobre as ruinas das pequenas tyrannias feudaes, destruidas pelo canhão revolucionario, grandes Estados se formaram; um movimento irresistivel reuniu em seus quadros os membros separados das grandes unidades historicas — Italianos, Germanos, Slavos, Anglo-Saxões. Ao lado dessas poderosas agglomerações, a mesma aspiração de vida separada resuscitava nações minusculas; por toda a parte grupos ethnicos se differenciam, se oppõem; por toda a parte o genio especifico da raça vence a idéa abstracta da humanidade.

Si, porém, aos revolucionarios fallhou o seu principal intento—é de justiça reconhecer que concorreram

para muitos beneficios: codigos suavizados, administrações reformadas, mais justiça, mais respeito á pessoa humana, e tudo isso foi um bello legado. Muito devem os povos, em geral, aos singulares libertadores que marchavam sob os estandartes de um despotismo!

O socialismo internacional mantem em nossos dias o ideal cosmopolita dos revolucionarios de 1789: muitos democratas e antigos liberaes ainda não o renunciaram. E parece que todas as condições da vida moderna conspiram para a realisação desse ideal: facilidade de communicações, trocas, desenvolvimento do credito, necessidades economicas, compenetração reciproca e instantanea das idéas, interesses, unificação progressiva do mundo pela mesma civilisação, pelas mesmas sciencias, pelas mesmas industrias, pelos mesmos usos e costumes... Entretanto barreiras se levantam entre as nações, cada vez mais elevadas, defendidas por maior numero de soldados, e pelos corações cheios de cioso patriotismo. Estas duas correntes contrarias caracterizam o seculo. Qual triumphará? O cosmopolitismo nivelador ou o exclusivismo nacionalista? E' um dos grandes problemas que o seculo XIX lega ao seu successor.

* *

Um revolucionario de 1792, si hoje resuscitasse, ficaria surprehendido e desapontado com a politica territorial da Europa, e mais ainda com o seu estado social.

Os homens da Revolução acreditavam que tinham abolido todos os privilegios e que haviam assegurado o reinado de igualdade. E, enlevados pelo seu optimismo, esqueceram-se de que toda a vez que uma sociedade se desembaraça das antigas distincções, dos antigos poderes espirituaes e temporaes, fica ainda dominando um senhor inexpugnavel, o mais duro e ao

mesmo tempo o mais subtil dos senhores—o «Dinheiro».

Insinua-se elle nos altos logares vagos, apodera-se de toda a auctoridade arrancada a seus rivaes, e restabelece em seu proveito, embora sob outras formas, as distincções e privilegios. Todos lhe obedecem porque é o unico dispensador de tudo que dá valor á vida.

No correr do seculo, os progressos scientificos serviram maravilhosamente ao poder do «Dinheiro»; proporcionaram-lhe mil empregos novos; as forças naturaes captadas pela sciencia não podiam ser utilizadas senão com o auxilio de grandes capitaes, e augmentaram-lhe assim a sua propria força. Os desenvolvimentos simultaneos da grande industria, das machinas, do credito, do espirito de associação, foram outros tantos instrumentos do reinado do «Dinheiro». Submettia, elle, as agglomerações operarias que forneciam seus braços ás empresas de trabalhos, de minas, de transportes, ás usinas e as fabricas. Certo, a creação de um proletariado industrial não é coisa nova—nada é novo em absoluto; mas os seculos anteriores só conheceram o esboço do phenomeno social que se generalisou em nossos dias. A egualdade theorica, introduzida nas leis, nos direitos civis e politicos, nas relações usuaes, tornou mais insupportavel a enorme desigualdade de gozos, as distincções praticas entre ricos e pobres, o privilegio daquelles que podem tudo comprar.

Assim, no solo nivelado ha cem annos pela philosophia, as applicações da sciencia tornaram a crear uma feudalidade financeira; uma lucta inevitavel, ora surda, ora franca, se travou entre esta feudalidade e as massas operarias. Estas dependem economicamente dos dispensadores do seu pão; elles, por sua vez, dependem politicamente desses vassallos que armáram com o suffra-

gio universal. Não se deve extranhar que fallemos de «feudalidade» financeira no nosso tempo. Recusar applicar o termo proprio ao nosso estado economico, é fechar os olhos á evidencia das approximações historicas ou privar-se voluntariamente do termo que resume com mais exactidão um conjunto de factos. Pessoas timidas o repellem, entretanto, como si elle implicasse uma accusação, o que resulta de erro de apreciação historica do «feudalismo».

Mas, quaesquer que sejam os sentimentos de cada um sobre as vantagens e os inconvenientes de uma democracia politica enquadrada numa feudalidade financeira, todos os observadores concordam em reconhecer que ha algo de instavel e de perigoso no poder natural do «Dinheiro», quando não é mais contido pelo cóntrapezo dos poderes artificiaes que antigas tradições lhe oppunham.

A «questão social», como é denominada, é um dos problemas primordiales que o seculo vae legar ao futuro—problema esse que implica este outro: a grande industria, sem a qual não concebemos nossa civilização, poderá continuar a prosperar na hypothese de decadencia da feudalidade financeira?

* *

Menor não seria a surpresa do resuscitado, a que nos referimos, si passasse da observação dos factos para a das correntes de idéas. O espirito de seu tempo estava compenetrado de um idealismo por vezes chimerico, mas seductor e respeitavel. Conceitos metaphysicos presidião á destruição do antigo mundo, á criação do novo; a razão pura era soberana—dando pouco valor ás realidades e á experiencia; demoliu-se e reconstruiu-se com uma especie de embriaguez lyrica. Estes sentimentos mudaram de objecto, mas

não de natureza, quando passaram para a gloria militar e para as conquistas. O pensamento conservou-se resolutamente idealista. A metaphysica continuou a reinar com as especulações escocezas, com a philosophia kantiana e hegeliana, com o amalgama destas doutrinas que se fazia em França. O sopro revolucionario passou para a inspiração romantica: todas as literaturas da Europa foram arrastadas nesta torrente de lyrismo. Desafios da imaginação ás realidades, contemplação sentimental ou revolta apaixonada do individuo, estes ardores e estes languores do romantismo encantaram o seculo até a metade do seu curso.

Operou-se, então, uma reacção: o idealismo desacreditado cedeu o logar a um realismo que logo se manifestou nas novas direcções do pensamento e na conducta dos negocios humanos. O espirito scientifico, verdadeiro iniciador deste reviramento, retirava o governo do mundo da metaphysica e do lyrismo imaginativo. As sciencias da historia e da natureza engrandeceram-se prodigiosamente: suas obras magnificas conferiam a seus methodos uma auctoridade indiscutivel. Os methodos criticos do philologo, os methodos experimentaes do physico e do naturalista tornaram-se lei para todas as applicações da intelligencia. O philosopho e o homem de Estado, o literato e o artista, todos inconscientemente soffreram o contagio desse realismo, desse positivismo que se respirava nos arredores dos laboratorios e das clinicas sabias. As energias as mais activas dedicaram-se aos negocios industriaes. Pouco a pouco, esta combinação do espirito scientifico com o industrialismo inspirou as operações da politica, da guerra: subordinou a seus calculos a eloquencia do orador, as paixões do jornalista, o he-

roismo do soldado, as imaginações mesmo dos romancistas, dos dramaturgos, dos pintores. Tanto se perdeu em desinteresse, em generosidade, em elegancia cavalheiresca, quanto se ganhou com o habito de tudo pezar com o justo pezo da experiencia e da realidade.

Estas generalizações, porém, comportam sempre excepções numerosas. Em todos os campos, sob todas as formas, o idealismo conta ainda campeões intransigentes. Mas a corrente contraria, incontestavelmente, é maior. Por toda a parte um genio pratico e positivo substituiu as phantasias individuaes de nossos antepassados, que violentavam o mundo real com a esperanza de modelar o seculo á feição de seus raciocinios ou de seus sonhos.—Rendamo-nos á evidencia:—esta necessidade de exactidão é uma garantia de bom exito para as empresas humanas, tanto na ordem da acção como na ordem do pensamento.

* *

O positivismo scientifico reservava, tanto para seus adversarios como para os seus adeptos, surpresas que talvez consternassem os encyclopedistas, si taes precusores pudessem adivinhar o ponto terminal do caminho que elles abriram ao espirito humano.

Quando os philosophos proclamavam a soberania da razão e sua emancipação das antigas tutellas, contavam com o progresso indefinido dos conhecimentos para acabar de arruinar as velhas noções theologicas, as tradições politicas e sociaes que não lhes agradavam. Livre e desdenhosa de todo o obstaculo, embriagada de sua força critica, esta razão quiz experimental-a em todos os dominios: dissemos já como ella abandonou as especulações abstractas pelo estudo das sciencias positivas.

Os successos obtidos pareceram justificar a principio seu desprezo pelas tradições antiquadas. A «Razão», como ella se denominava no fim do seculo XVIII, «Sciencia», como ella preferio intitular-se cincoenta annos mais tarde, concebeu desmedido orgulho. Prometteu a si propria, e nos prometeu, satisfazer a todas as necessidades, acalmar todas as angustias do homem, substituir até as religiões que destruía. Por uma reacção inevitavel, os que lhe negavam este poder foram arrastados a discutir e a desconhecer muitas vezes as acquisições solidas nas quaes elle se ufanava de o fundar. Estes foram accusados de frieza e de ingratição para com a dispensadora de tantos e incontestaveis beneficios.

Estes malentendidos não podiam ser duradouros. As victorias innumeraveis das sciencias iam permitir ao espirito scientifico esboçar uma philosophia geral, muito prudente, muito diferente da que havia embriagado os jaectanciosos. A' medida que os resultados certos ou muito provaveis se consolidavam e se desprendiam das mesclas duvidosas, esclareciam os sabios de boa fé as intelligencias logicas em seu criticismo; percebiam estas a vaidade, a temeridade dos systemas apressados, edificados sobre investigações summarias; tornavam a encontrar, emfim, antigos conhecimentos nas conclusões ultimas da analyse experimental. Que surpresa! Estas conclusões se approximavam das verdades tradicionaes, quando não as confirmavam expressamente. O sociologo positivista, o physiologista, todos os observadores desinteressados da natureza e da vida, voltavam por um longo rodeio ás velhas tendas desertas no principio da viagem de exploração. Conservavam sua terminologia profissional, na verdade, o que occasionava duvida sobre a identidade de tendencias entre elles e os antigos dog-

matistas, que se serviam de outros termos: dir-se-ia dois povos que pensavam do mesmo modo, sobre os mesmos assumptos, e que não se entendiam por fallarem duas linguagens differentes.

Determinismo—dizem nossos philosophos; e, quando tentam a solução do arduo problema, vamos encontrar o velho principio de causalidade e as velhas causas efficientes; parece, por vezes, que se está ouvindo os casuistas do seculo XVI ou os jansenistas de Port-Royal disputando sobre a graça e a predestinação.—Atavismo, selecção, lucta pela vida, repetem os naturalistas; e prendem a estes factores essenciaes os phenomenos da vida, a duração, o aperfeiçoamento das especies e dos individuos. Um Darwin funda no seio das nossas sociedades democraticas uma doutrina aristocratica e tradicionalista por excellencia; um Renan, um Taine, chegam ao mesmo ponto por caminhos differentes. Positivistas ou criticos, estes homens e seus discipulos atacam rudemente as ficções egualitarias, as «conquistas da Revolução», que ingenuamente se haviam posto sob a guarda dos sabios e dos livres pensadores. O irreductivel fundo de barbarie ancestral, e mesmo de animalidade, que tão importante papel representa nas theorias dos nossos sociologos, não será a falta inconsciente por simples transposição de vocabulario a uma explicação de nossas miserias, onde, por fim, se reconhece a doutrina fundamental do «peccado original»? Os logros da natureza, as ciladas que ella nos arma para a conservação da especie, todas essas engenhosas hypotheses de um Schopenhauer—tudo isso chamava-se outr'ora as tentações da materia. A vontade collectiva do universo será outra cousa mais do que a *mens agitatur molem* do velho Virgilio? e os que procuram denominações para esta vontade ob-

scura estarão muito longe dos christãos que a baptisaram de—a Providencia? Não é tempo ainda, a nosso vêr, de systematisar estes exemplos; basta assignalar alguns dos pontos nos quaes a similhaça é evidente entre os ensinamentos traditionaes e as explicações scientificas, e que se vão augmentando com o movimento das idéas contemporaneas no caminho traçado pelos guias independentes.

Basta, para quem quizer ajuizar do caminho percorrido, ler hoje certas passagens propheticas de Joseph de Maistre e, entre outras, o famoso trecho seguinte:

«No vasto dominio da natureza viva, reina uma violencia manifesta, uma especie de raiva prescripta que arma todos os seres *in mutua funera*... etc... (Soirées de Saint-Petersbourg—7.º entr.)».—Esta pagina, considerada mysterio de obscurantismo, e que escandalisava em 1820 os homens do progresso, parece ter sido escripta hontem por um discipulo de Darwin ou de Pasteur! Examinae, no que ellas têm de mais plausivel e de mais credito, as recentes theorias sobre o funcionamento das leis naturaes ou das leis sociaes:—é a tradicção em linguagem moderna das conclusões ás quaes já havia chegado um profundo philosopho, um sabio e ousado defensor de certas theses que os economistas de hoje qualificariam de revolucionarias. Chamava-se elle S. Thomaz de Aquino. Ensinava á gente do seculo XIII doutrinas que reaparecem, e escandalisam os «espíritos esclarecidos», os interesses apavorados do fim do seculo XIX.

Assim, a experimentação sabia de nosso seculo honra e sanciona as verdades amontoadas pela experiencia pratica de todas as idades. E' esse, na ordem do pensamento, o phenomeno consideravel entre todos; e, si o maior interesse do homem é

restabelecer a paz e a harmonia em seu fôro intimo, este inestimavel serviço da sciencia deve ser mais apreciado do que os caminhos de ferro, o telegrapho e o telephone.

* * *

Isto nos leva a dizer ainda alguma cousa sobre a mais importante das questões.

Que logar occupou, em nossos tempos, o sentimento religioso? Foi menos forte do que no passado? O historiador do seculo XIX terá de restringir a importancia de que sempre gosou a Egreja, seus homens, suas obras, na narração dos acontecimentos temporaes?

A melhor resposta a estas interrogações é fornecida pelos conflictos travados entre os homens na maior parte dos grandes Estados da Europa. Observai o fundo dessas querellas: sob as apparencias e pretextos descobriveis, sempre um duelo-doutrinal, paixões religiosas que ora se declaram, ora se dissimulam, que chegam ás vezes mesmo a se desconhecere, mas que constituem toda a gravidade do debate. Acrescentemos uma observação cuja exactidão poderá ser verificada por qualquer leitor. Quando se nos diz de um homem publico ou privado que professa elle tal ou qual opinião politica, que pertence a um certo partido, esta indicação não nos habilita a prever seus actos provaveis: sua attitude, na maior parte dos casos, não corresponderá aos nossos prognosticos. Mas, si se nos esclarece sobre as origens religiosas do mesmo homem—origens essas das quaes se acha ás vezes muito afastado, esquecido, que diz e acredita serem sem influencia em suas idéas, então, quasi que com segurança, podemos predizer como elle procederá em cada circumstancia de sua vida.

Experimentem—os que duvidarem do valor deste *criterium*, e se vencerão assim de que a mola religiosa nada perdeu de seu vigor em nossa epocha, e que ainda é o motor secreto de todas as determinações importantes.

Atravessou o seculo crises ameaçadoras para o christianismo; conheceu alternativas de fervor e de abatimento religioso: houve momentos nos quaes a mais imperiosa das necessidades da alma pareceu como que extinguir-se, com relação a fracções da sociedade, consideraveis pela intelligencia ou pelo numero.

A Egreja catholica, particularmente, por seus representantes, teve de passar por provas determinadas pelas condições novas e difficeis resultantes do convulsionamento da Europa, da abolição do poder temporal, do triumpho dos partidos democraticos. Entretanto, roergue-se, vence as difficuldades, ganha num Estado o que perde em outro, e prepara uma especie de concordata moral e social para o futuro com as democracias. Todos sabem com que amplitude o seu chefe actual manifestou seu poder espirital, em falta do temporal, e como este soberano desapossado beneficiou as forças da opinião que substituem as forças materiaes.

Mas, para os que respeitam a verdade historica, não é accetavel o julgamento dos contemporaneos nestas questões, nas quaes se agitam os sentimentos os mais delicados, os mais ardentes, os mais respeitaveis. Aguardemos o historiador que tratará do conjuncto do seculo e delle fará o imparcial balanço.

E', porém, provavel, que chegue elle á conclusão seguinte:

A Egreja militante atravessou as tempestades do seculo XIX sem decahir da elevada posição a que tinha sido erguida pelos seculos anteriores; manteve sua posição apezar

de formidáveis ataques e seguiu a evolução geral; continuou a derramar benefícios; occupa, hoje, mais do que nunca, inquieta, ou tranquiliza todo o homem que medita sobre seu proprio destino ou age sobre o dos outros. Por seus interesses, sua auctoridade, sua gloria, a Igreja não tem motivos para lembrar-se com pezar da vida mais facil, menos energica e menos pura, de que gozou durante os seculos que lhe dedicaram mais obediencia externa e menos acção sobre os espiritos e corações.

E, ao terminar, despedindo-me do seculo XIX, dir-lhe-hei:

Justificaste, melhor do que outro qualquer, o decreto primordial que dava ao homem realza no universo. E, visto que o olhar ousado de teus filhos perscrutou os astros assim como o nosso planeta, convem que expires murmurando a admiravel oração do velho Kepler—aquelle que o ordenador do espaço escrevia lançando um ultimo olhar sobre suas cartas celestes: «Oh! tu que pela luz da natureza nos fizeste suspirar pela luz de tua graça, afim de nos revelar a luz de tua gloria, rendote graças, meu Creador e meu Deus, pelo que de tuas obras me foi permitido admirar e amar! Terminei o trabalho de minha vida com a intelligencia que me concedeste; narrei aos homens a gloria de tuas obras, tanto quanto o meu espirito pode comprehender sua infinita magestade... Que minha alma louve o meu Creador! E' por elle, e nelle, que tudo existe, o mundo material como o mundo espiritual, tudo o que sabemos e tudo quanto ainda ignoramos, porque muito deixamos por acabar (Kepler—Harmonie du Monde).»

Da composição e do estylo

Mais composição e menos grammatica: as linguas se falam na maior perfeição, quando as regras da grammatica estão completamente esquecidas.—Dr. J. K. pke.

A melhor grammatica é o esforço de cada um: é o capricho individual na escolha dos modelos. Sêde cuidadosos no que escreverdes e consisos no que falardes, attendendo ao exemplo e á correção dos mestres da lingua.

Bem desprezado, completamente esquecido nas escolas em que sómente predominam as grammaticas rotineiras; largado por ahí pelo descuido dos mestres—o ensino da composição e do estylo devia ser iniciado methodicamente nas classes elementares de todos os institutos de educação, e vir subindo progressivamente pelas classes intermediarias e complementares, para attingir, nos cursos superiores ou normacs, ao pino da perfeição, não consistindo em exercicios superficiaes de ultima hora, que não dão ao alumno consciencia firme de si mesmo.

Repudiando a tendencia descariosa de conhecer a lingua em que escrevemos, decidimos fazer esta pequena digressão sobre o ensino da lingua-gem: não desejamos, portanto, que nos quadre o intuito de figurar como *palmatoria do mundo*.

* *

Como pôde o professor ou profesora esboçar para a creança, nesse prolongado alvorecer escolar, o purismo da phrase e o judicioso uso das pompas e louçanias do idioma, que immortalisou Camões?

Como deve o mestre leccionar, em qualquer anno que esteja, para que ao alumno lhe madrugue o gosto, a necessidade de escrever limpamente?

Nas classes principiantes, em que os discipulos começam apenas a tra-

var as primeiras relações com a fórmula graphica, pronunciando *ôvo, vôvô e vôvô*—difficil, melindrosa e exigindo um cumulo de paciencia, se torna a situação do professor.

Mesattentos e irrequietos pelo frescor da idade, os pequeninos peraltas—ora de descendencia estrangeira—trazem nos labios uma miscellanea de termos exóticos, que retorcem os organs da palavra, retardando a aquisição do puritanismo vernaculo; outros, emergindo de um meio em que as phrases se disformam pela ausencia de cultura, reconduzem para a escola, como encomenda inesperada, como preciosa bagagem literaria, os vicios dos berços e das ruas, cuja extincção muita vez faz esmorecer a tenacidade dos mestres.

Si a creança frequenta um meio educado—a familia e a sociedade—embora tenha meia dazia de annos, não conhecendo patavina de *alpha* nem de *beta*, possui já, naturalmente, um diminuto mas escolhido vocabulario dos factos e das coisas e mantem uma conversação sobre assumptos que lhe são familiares.

E, como é interessante ouvir a palavra desabrochar, vacillante e sem *erres*, completamente liquida e doce, desses labios que receberam tantas vezes os effluvios dos corações maternos!

Parece que esses primeiros vocabulos, que trazem nas syllabas a doçura e a exquesitice da phraseologia maternal, foram ahí depositados, em repetidos beijos e caricias, pelo habito, por um sopro de uma alma amantissima e extremosa!

E' esse balbuciar de sons errados e melodiosos—a musica dos lares e o encanto das mães—que tornam as creancinhas uns animaesinhos engraçados e curiosos.

Si *les oiseaux sont les enfants gâtés de la Nature*, são as creancinhas as favoritas da Humanidade, as im-

plumes aves dos salões e da sociedade; são novas alvoradas, nuncios de paz e amor, que surgem festivas e alvintentes, sob o tecto da familia.

Eis porque escreveu Victor Hugo, o preclaro lyrista francez:

*Lorsque l'enfant paraît, le cercle de famille
Applaudit à grands cris: son doux regard qui brille
Fait briller tous les yeux:
Et les plus tristes fronts, les plus souillés peut-être,
Se dérident souvent à voir l'enfant paraître
Innocent et joyeux!*

Il est si beau l'enfant!

Quantas vezes não puxamos pela lingua a esses pimpolhos de faces rechonchudas e vermelhas, para, entre risos e surpresas, gozarmos dos deleites de suas tagarelices!

E' então que elles recebem as primeiras licções de composição; é esse o momento azado, é essa a hora propicia, para lhes fornecermos as primeiras noções de estylo, corrigindo, entre brincos e gracejos, as imperfeições da fórmula oral e as incertezas da dicção.

E que delicia, nesse interim, para aquelle que, improvisado professor, desce pelos degraus de trinta ou quarenta annos até á creança, nivelando-se com ella, falando-lhe locuções accessiveis a um cerebro em embrião e sentindo como sente um coração que nasce!

Subirá então, em extasis, o espirito do mestre, interrogando a Natureza, que modelou esses entes barulhentos e mimosos; e que festa entre os casaes, entre os parentes e amigos, quando a palavra, que é um dom da nossa raça, começa a encher os ares com um diluvio de sons estridulos, penetrantes!

E' um acontecimento domestico. Seria, agora, a oportunidade para caprichar, aprimorando os privilegios da especie.

Dá-se com a creança o que é sabidíssimo por todo o estudante de *republica*: todo o criado de académico é pernóstico em suas *prelecções*; fala mesmo com certo desembaraço, empregando vocabulos de elevada significação; e, no entretanto, deante de uma letra, de uma syllaba ou de uma palavra, é um boi deante de um palacio...

Pela influencia do meio, o criado se illustra a ponto de pronunciar discursos.

Si, em idade muito tenra, falando bem porque ouve bem falar, a creança soubesse escrever—a fórma graphica de suas sentenças teria a mesma correcção da fórma oral; e ella estaria nos casos de escrever phrases e pequenas composições sobre qualquer coisa que lhe tenha impressionado os sentidos: é assim que deve começar o ensino da composição.

Todos os professores sabem que, nos cursos elementares, o exercicio de literatura deve ter por base a licção de coisas, o ensino pelo aspecto, pela realidade, pela intuição, pela pratica reflexiva do sentido, pelo cultivo completo das faculdades de observação.

Condemnando as nomenclaturas—como dizem os mestres—o ensino intuitivo foge de tudo quanto é arbitrariamente convencional e formalístico: repudia as noções *a priori*; não tem por fito sortir a mente da creança de uma provisão mais ou menos copiosa de informações a respeito das coisas reaes—mas educar-lhe as faculdades no habito de desentranharem, com segurança, do seio da realidade, a expressão de sua natureza e das suas leis.

A missão do professor, deante do estudantinho primario, é meramente *cathectica*: cumprindo-a, não pôde o mestre vêr, ouvir, comparar, classificar, concluir pelo alumno, pelo discipulo.

O ensino objectivo tem, como instituto essencial seu, o desenvolvimento da linguagem, consistindo todas as licções, neste caso, em exercicios de falar e escrever: reune o cultivo da razão e o da palavra.

Mas, o que avulta, sobretudo, como base primordial desse processo pedagogico, é a *cultura dos sentidos*.

Quantas creaturas humanas têm vista e não vêem; ouvidos, e não ouvem?

Milhares ha capazes de percorrerem museus, sem aprenderem coisa nenhuma; e o facto é que nada vieram, porque não têm a intelligencia do que allí se lhes deparou: cega é a observação, si o espirito for incapaz de representar e conceber o que presenciã.

De tudo isso se conclue, sem rebuscar sophismas e adversativas, que exercicios geraes de observação, sem exercer o pensamento, são impossiveis; que a escola não desenvolverá, na creança, a actividade, a espontaneidade e o raciocinio, si não tiver as janellas abertas para a cidade, para a natureza, para a vida; que tudo o que permanece no estado de formula, tudo o que se refolha sob a letra, é morto, enquanto o espirito não fizer surgir das palavras a coisa visivel e palpavel, activa, envolvida em nossa existencia, que nos espera ao sabirmos da escola, para ser examinada, interrogada e revelar-nos os seus segredos.

A' medida então que a creança vai augmentando, sob a efficacia desse methodo, o seu vocabulario; á proporção que alarga suas idéas e que se põe em relação com objectos mais variados—assim tambem vai dilatando a sua habilidade de escrever.

O papel do professor, nessa tarefa puramente oral ainda, é provocar as faculdades creadoras da creança e estimular-lhe a faculdade natural de invenção.

Quantas seducções pela prosa litteraria não impulsionam os quintanistas dos cursos preliminares—quando o professor lhes pede uma insignificante composição!

Com que jubilo e gosto elles se applicam e timbram em fazel-as, esperando, anciosos, que a critica do mestre recompense, com boa nota, o merito do seu trabalho!

Mas, de que valem tamanha inspiração e tanta vontade, si, nas classes inferiores donde vieram, não lhes foi indigitado o modo de apurar os lavores litterarios?

Não basta que o alumno saiba contar taboinhas, ou *tabinhas* como enunciam alguns rebeldes ás exigencias das mestras; não basta que os discipulos conheçam bem todas as paginas arithmeticas de Parker, que lêem, com voz aguda, no recinto das aulas.

E de estylo? E de composição? Quasi nada!

De que serve conhecer o alumno capitulos de Botanica, de Zoologia, si lhes escapa a forma, o modo correcto e elegante de exprimir os pensamentos?

De que vale, nos cursos complementares ou normaes, ser o estudante amicissimo de Bourdon, *presque* emulo de Delambre e quasi collega de Lagrange, de Baillon ou de Desplats?

De que vale ser o estudante um sabio em *x* e *y*, em *Canopos* e *Es-pigas*, em *senos* e *cosenos*, em *acções* e *reacções*, em *movimento* e *repouso*—si a sua orientação litteraria de-cresce, á medida que avultam os seus conhecimentos scientificos?

Não se lhes pede—está claro—que redijam sentenças sobre sentenças, fofas e sem peso, que, comprimidas pela severidade da critica, pela impertinencia e pela vigilancia do professor, não pingam uma gotta da sabença, que lhes fecunda o bestunto....

O discipulo de hoje—mestre de amanhã—não irá sómente transmittir aos seus dirigidos todos os subidos

principios que possuem: e, si fôr leccionar nos *enormes palacios* escolares do sertão, verá logo que a modestia do edificio não comporta as opulencias de suas perdidas orações: nunca terá de utilizar-se do seu deposito de munições...

Será, por sem duvida, um estreiante illustrado e sabio; e, si não tivesse a felicidade de receber, nos bancos escolares, o diluvio de preceitos scientificos que lhe ornamentam o encephalo—tel-os-ia conquistado, em continuas locubrações, num estudo reservado de gabinete, pelo seu amor ás leis, á diversidade dos phenomenos e á descoberta da verdade.

Ha mais vantagens, ha mais utilidade pratica para a creança em saber exprimir as suas idéas com facilidade, clareza e correcção, num estylo simples ou mais ou menos temperado.

Não poderá, talvez, a sciencia hombrear com a litteratura?

Ora, si pôde! E, como fica seductora, bella, intelligivel e captivante, quando ostenta as primorosas roupagens de um estylo sublime e grandioso!

E' preciso, portanto, que o ensino da composição e do estylo parta methodisado das primeiras classes para os annos superiores e que, em nenhum degrau da hierarchia escolar, seja lançado ao ostracismo.

* * *

Ahi está nas escolas, com o intuito louvavel de esmerar a redacção das tarefas litterarias infantis, uma collecção graduada de seis cadernos de linguagem, em que os exercicios se vão complicando successivamente, a partir de uma *serie preparatoria*, de vinte cartões.

Nesses elegantes caderninhos, formando pequenos pensamentos á vista das figurinhas, sob a direcção do mestre—vão os alumnos firmando a base do discurso, pois de sentença em sen-

tença, edificaram os classicos os maiores monumentos literarios, em que vamos haurir o palavreado purista da lingua; ha tambem, simultaneamente com essa pratica, o augmento de vocabulario, pela adquisição de nova terminologia, e eloquentes estampas de variado contexto, que suggerem ligeiras composições e utilissimas noções de redacção e de descripção.

Nada adianta, porém, ao alumno, sob o ponto de vista literario—já que as regras da grammatica são coisas aprendidas inutilmente—o saber que é substantivo, ou adjectivo, ou verbo, ou circumstancia, etc.

Quem quizer estudar grammatica não precisa, quasi, de preparo prévio: basta recorrer á memoria e decorar as suas numerosas regras.

Si os auctores quizerem obviar a engrammaticação dos cursos preliminares; si o seu intuito delles foi ensinar linguagem, linguagem tão sómente—porque baptisaram o seu novo e util trabalho com o titulo de *Grammatica Escolar*?

Toda a grammatica ensina grammatica: logo, ficaria mais de accôrdo com as classes a que se destina a epigraphie—*Ensino Elementar de Linguagem*—com que se recommendaria á acceptação geral.

Porque, em vez das noções de grammatica em sua applicação immediata, por meio de suggestivos exercicios escriptos—não mencionaram a copia de trechos, sentenças ou topicos que o professor dicta e lê, fazendo o alumno a pontuação respectiva, a descripção por esboço, as composições collectivas da classe sob um titulo dado na occasião, a variedade de estrutura, a mudança de phraseologia, a redacção de pequenas noticias, a composição dialogada, as reproduções resumidas, as definições de objectos vulgares?

Pondo, pois, de lado a preocupação grammatical que se nota a partir do quarto caderno—aliás não em todas

as paginas—mesmo assim por ser o unico que enriquece a nossa litteratura didactica, veio esse recente trabalho preencher uma lacuna que o criterio dos mestres poucas vezes abudou.

Em que pese aos collegas Arnaldo e Roca, é essa a nossa modesta opinião: accetamol-a de eminentes mestres e de benemeritos educacionistas.

Convem, agora, que o professor leia e corrija, pagina a pagina, de caderno em caderno, de alumno em alumno, com o sonho talvez de uniformisar a instrucção litteraria de sua classe.

Uma classe deve ser um todo harmonico e homogeneo: ha mestres que, tendo trinta alumnos, têm egualmente trinta classes...

Como póde o professor nivelar uma classe de elementos tão heterogeneos?

Não deixando passar nenhuma incorrecção, deve—ora estimular os seus alumnos mais adelantados afim de não retrocederem das posições conquistadas, firmando-as cada vez mais—ora agitar e incitar os mais atrazados para que se approximem dos bons—embora se embale na utopia de uma uniformidade completa: os berços são tão diferentes!

E' pernicioso, ruim e inefficaz apeser de mais commodo, o systema de dar nota ás composições apenas pela circumspecção do assumpto, pela abundancia do conteúdo, pela rapida impressão de uma leitura, sem destacar, aqui e acolá, os descarrilamentos e os vicios de linguagem.

Da fórma resalta o fundo: examinando duas composições—uma com calligraphia, outra sem calligraphia—parece que a primeira é mais fecunda em idéas judiciosas, pois, na perfeição da fórma graphica, se tracta o seu autor, o seu amor ao Bello e á Ordem, revelando esmero no desempenho das suas obrigações.

O alumno se manifesta tal qual é e, na sua calligraphia, na essencia de seus labores, no aspecto de suas tarefas escriptas, reflecte-se o seu caracter, a sua indole: *ex digito gigans*.

Quem dirá que uma creança de máu genio, de comportamento irregular e constantemente censurado, seja capaz de apresentar na escola uma obra que seja a antithese da sua individualidade?

Sem fórma, pois, não sobressai a essencia?

* *

Dirá, por exemplo, o professor:—Fritz, o seu trabalho está bom; tem boa apparencia; falta, porém, paragraphar as suas composições: o paragrapho é um signal de pontuação.

— Não sabe você o que é paragraphar?

— Vá ao quadro negro e vejamos o que é fazer paragrapho.

— Bom: agora sabe você o que é um paragrapho?

— Qual de vocês da classe não sabe fazer paragrapho?

— E' preciso, sempre e sempre, em todos os trabalhos escriptos, haver paragraphos: não se esqueçam de paragraphal-os.

— Collocou você, Fritz, um *n* antes de um *b*; e é para lamentar que você, na classe em que se acha e com a idade que tem, não saiba ainda que—antes de *b*, antes de *p*, antes de *m*—nunca, jamais, em tempo algum, se põe *n*?

— Tal adjectivo está mal empregado; não se diz isso: os adjectivos devem ser empregados com cabimento; devem ser apropriado ás expressões.

— Tal phraseologia é franceza: não é da nossa lingua e deve você ser purista e não empregar nem commetter barbarismos. Barbarismos é o uso de termos estrangeiros.

— Repetiu você, mais de uma vez, tal palavra; fique, porém, sabendo que a nossa lingua é muito rica e

que a repetição de vocabulos enfeia o estylo.

— Tal passagem sua é muito infantil de mais: devia você *subir*, empregando outra mais *de gente*.

— Tal palavra não tem letra dobrada: na duvida, menino, quando não se sabe como se escreve, escreve-se como se ouve, seguindo o caminho mais curto.

— Abusa você da virgula; põe-na erradamente separando o sujeito do verbo. Não sabendo empregala, o melhor é não a pôr, pois toda a sentença começa por letra maiuscula e termina num ponto final. Si a sentença é composta, separam-se os membros pelo ponto e virgula; si for complexa, ha virgula entre as clausulas: mais tarde saberá você collocar bem a virgula, depois de attingir á sua utilidade e ao seu fim. A virgula nunca, jamais separa sentenças.

— No fim da linha, partiu você a palavra *nuvem* e collocou, como traço de união, duas pequenas linhas parallelas. Isso está errado: o traço de união é um traço só, isolado. Dois traços empregam-se em Arithmetica como signal de igual e, si você collocar os dois traços entre as syllabas da palavra *nuvem*, ficará *nu* egual a *vem*: *nu—vem*, o que é um disparate inqualificavel. Não o faça mais.

— Todas as composições devem ser feitas num papel á parte e, depois, serão passadas a limpo, no caderno que vai ao professor: assim serão evitados os erros e descuidos.

— Em resumo: apesar dos pezares, apesar de tantos enganões, a sua narração é boa e a melhor da classe.

* *

Como se deprehende dessa critica impertinente feita pelo professor em plena classe, haverá um aproveitamento collectivo; e o menino brioso e caprichoso tractará de evital-a, melhorando os seus trechos escriptos.

Deve o alumno saber exprimir correctamente—sem *nós vai*—claramente, os seus pensamentos; e, si não foram preparados desde as classes elementares, com que difficuldade o farão!

Parece á maior parte dos mestres que a arte de escrever póde vir sómente, quando o alumno conhece bem a orthographia e a analyse tanto grammatical como logica.

E' esse um grave erro: houve no Rio o inimitavel «Instituto Kopke», donde os alumnos sabiam compondo com clareza e correcção, sem terem o cerebro arcado ao peso das puras abstracções grammaticaes.

A creança, por mais nova que seja—com assombro para os *grammaticophilos*—é capaz de crear por si mesma os exemplos que se encontram no ensino da grammatica: têm no espirito noções simples, já promptas.

E' a *preoccupação grammatical* que faz o escolar de qualquer curso—preliminar, complementar e normal—patentear mutismo e paralysis da penna nos seus exames oraes e escriptos, no desenvolvimento do assumpto que lhe coube por sorte: não possui o estudante o menor traquejo da lingua, o minimo preparo litterario.

Que o alumno tome nota do phraseado que lhe não é familiar e sobre elle se exercite de diversos modos, gravando-o na memoria; que estude os classicos—os mestres da lingua—indicados préviamente; leia-os com elle o professor e mostre-lhe como se enriquece o glossario, tomando nota das palavras e das expressões pouco communs ou que ignoram, num caderninho convencional.

Poderão colligil-os sem perpetrarem um plagio: as palavras fazem parte do patrimonio da lingua e podem ser empregadas de varios modos, sem que haja um furto dos pensamentos alheios.

Armazenando assim esses apontamentos litterarios, os discipulos terão mais recursos e facilidade, quando se virem obrigados a compôr.

Quem não sabe que, conforme o mestre preferido e constantemente lido, se vão agglomerando, ao redor de seu nome, um pugillo de imitadores, que continuarão por seculos a cultura da sua *escola*?

O alumno terá estylo de Castello Branco, de Castilho e poderá, mesmo, apresentar sonetos *camoneanos*.

Deve o mestre mostrar-lhe o que é estylo indigesto, incomprehensivel ou nephelibata, afim de não commetter o peccado e o desastre de o adoptar.

A grammatica não arma o homem para a vida pratica.

Não é ella que ensina a redigir uma *carta*, a fazer um *officio*, um *requerimento*, uma *factura*, uma *circular*, um *recibo*, uma *narração*, uma *descripção*, uma *noticia*, ou qualquer trecho litterario.

Portanto, no que concerne ao ensino da Lingua Materna, acabemos com a teimosia de diplomar *joãos das regras*: mais composição e menos grammatica.

A arte de escrever é como a arte de desenhar: imitam-se os bons exemplares, á custa do incessante estudal-os.

AUGUSTO R. CARVALHO

Psychologia dos povos

II

«No nosso artigo anterior, deixámos exposto como a psychologia dos povos adquiriu fóros de sciencia, em que bases essa sciencia assentava e quaes eram os seus methodos. Desejamos dizer agora algumas palavras sobre os resultados que ella tem

obtido e as conclusões que nos auctorisa a tirar.

No curto espaço de que aqui podemos dispôr, não nos cabe a pretensão de dar uma idéa completa do character de todas as nações europeas, tal como fez o Sr. Fouillée. Os seus profundos estudos, apoiados nos mais firmes conhecimentos da historia, da philosophia, da litteratura, na mais vasta accepção da palavra, dos diversos povos que successivamente vão examinando, pareceriamos muito si fossem resumidos; cremos, todavia, que nos será permitido procurar neste livro, tão rico em observações topicas e cujas conclusões são ao mesmo tempo tão bem fundamentadas e tão bem dirigidas, alguns traços dominantes dos povos que mais interesse temos em conhecer.

Comecemos, como é de justiça, por esses Anglo-Saxões, cuja superioridade está em moda louvar e deante da qual o Sr. Fouillée se inclina—com algumas restricções. Oriundos da raça dolichocephala loura, pelo menos no seu mais vasto elemento, pois accusam tambem a proveniencia celto-ligura, os Inglezes têm no fundo do seu character, como os antigos Germanos e os actuaes Allemães, uma dupla antithese: «interiormente, o contraste do realismo e de certo idealismo mystico; nas relações sociais, conciliação do individualismo e do gosto pela subordinação hierarchica». Esse fundo primitivo tem sido modificado pela mistura com o elemento celto, menos idealista, e tambem pela influencia dos Normandos, esses descendentes dos invasores da Inglaterra, Germanos tambem, mas de umá especie particular, influenciados pelo contacto da cultura latina, espiritos firmes, finos e disciplinados, pouco dados a chimeras e com o emprehendedor e perseverante espirito de «ganhar».

Eis por que o realismo tem entre

os Inglezes muito maior dominio que o idealismo; diversas condições de meio vieram tambem accentuar essa tendencia. Como muito bem diz o Sr. Fouillée, existe na Inglaterra e na Allemanha «um fundo commum de intelligencia ponderada e sincera que tem produzido fórmulas de espirito muito differentes. Alli, soube-se dividir o tempo, de maneira a, depois de cumprido o *primo vivere*, se poder pôr em pratica o *philosophare*. Aqui, além da influencia celta e normanda, o turbilhão da vida activa—a industria, o commercio, a politica—determinou de outra maneira a direcção normal da intelligencia. Embora capaz de longos raciocinios, o Inglez recorre naturalmente á experiencia. Em vez de inquirir a grande distancia, como o Germano, observa; em vez de deduzir, induz; ás verdades syntheticas, ás generalisações, ás abstracções prefere a analyse paciente dos factos particulares e concretos. Não se deixa atrahir, como a cotovia franceza, pelo espelho dos systemas».

O sr. Fouillée cita a phrase characteristic de Burke referente ás abstracções: «Chego a detestar até o som das palavras que as exprimem» e a qual se oppoz a esta outra phrase de Royer Collard: «Desprezo o facto—que aliás, a nosso ver, vai muito além da opinião que sobre o valor dos factos tem geralmente a clara intelligencia franceza, apesar de todos os males que á França tem causado o abuso dos systemas. O predomínio do realismo no espirito inglez, a sua predilecção pelas coisas concretas, a sua desconfiança perante as abstracções, inspiram-lhe naturalmente o temor das alterações repentinas, a hesitação em adoptar as novidades não comprovadas pela experiencia, a preferencia pelas reformas graduas, a propensão para os compromissos, o respeito da tradição—e são esses os

bem característicos traços dos nossos vizinhos d'além-Mancha. O idealismo é rejeitado na poesia e na religião; até esta é considerada um modo especialmente pratico; «como um código da moralidade publica e particular».

Si o realismo se desenvolveu entre os Inglezes muito mais que o idealismo, do mesmo modo o individualismo lhe ganha, si bem que em inferior proporção, pelo principio que o Sr. Fouillée denomina «subordinação hierarchica». Com effeito, já não existe na Inglaterra a subordinação hierarchica propriamente dita, sinão nas fórmulas, que por si mesmas subsistem, principalmente em virtude do espirito de tradição, embora exerçam, como quasi sempre acontece, uma reacção util sobre o proprio fundo das coisas. Taes são os traços das instituições e dos costumes feudaes de que ainda está cheia a vida politica e social da Inglaterra. No fundo, porém, que para os inglezes tem muito mais importancia que a fórmula, a tendencia para a subordinação transformou-se em espirito de associação que, sem enfraquecer, disciplinou o individualismo. Entre nós, Francezes, dá-se o contrario; o individualismo vê-se frequentemente abatido, dissolvido, por assim dizer, pelo espirito de sociabilidade que nos impelle a reunir-nos sem outro fim que o de nos reunir, sem constituir classes permanentes—o que muito differe da tendencia dos Inglezes para a associação em via de acção.

O amor da acção, isto é, da lucta; a vontade firme, convicta, paciente e perseverante, mais audaciosa, mais emprehensora, mais arrebatada ainda pela iniciativa que entre os Allemães, eis o traço predominante do caracter inglez. «A energia voluntaria, diz o Sr. Fouillée, foi em primeiro logar para os Allemães um meio de conservação e de bem-estar, num clima

cujá rudeza parece dizer: trabalha ou desaparece.—A' força de visar sempre o util e o necessario, o Inglez acabou querendo pelo prazer de querer e luctando pelo prazer de luctar». Eis como se afirma e desenvolve a força moral do individuo. E quando esse individuo, incessantemente impellido pela sua vontade, applica na vida a outros fins diferentes della propria, está de certo admiravelmente preparado para vencer.

As qualidades que constatamos nos Inglezes, desenvolveram-se encontravam em que applicar-se a partir do seculo XVI. Até então, segundo uma opinião colhida pelo Sr. Fouillée, eram os Inglezes considerados «tão preguiçosos como os hespanhóes». Sêl-o-iam estes aliás, por esse tempo? O facto é que de então para cá, o descobrimento do Novo Mundo, a mudança das grandes vias de commercio internacional, que collocou a Inglaterra no principal caminho das negociações de que na idade média estivera tão afastada; a posição insular do paiz, que lhe permittia consagrar-se inteiramente á expansão exterior, sem o perigo do ataque pela rectaguarda; e mais recentemente, emfim, a existencia de enormes riquezas em carvão de pedra, excitaram o ardor dos Inglezes á lucta pela vida, que tão proveitosa lhes havia de ser, e essas circumstancias, aliadas ao senso realista, ao espirito de associação, á energia da raça produziram o desenvolvimento de aptidões industriaes e commerciaes que outr'ora não existiam.

A par das suas qualidades, o Inglez tem certamente defeitos nascidos das suas proprias qualidades: o egoismo, a insociabilidade, o orgulho, o culto da realiação e do exito e até ás vezes o desprezo do fraco e do pobre, mesmo quando elles venham em seu socorro. Essas qualidades e esses defeitos dos Inglezes, seja qual fór

a importancia que liguemos a uns e outros, devemos têl-os na lembrança, não somente quando estabeleçamos negociações com esse povo, o que tão frequentemente succede. E' sobretudo necessario não esquecer o seu realismo, o seu horror a systemas e abstracções, o seu culto pela realiação e pelo exito. Por não recordarmos esses traços do caracter dos Inglezes é que algumas vezes nos tem acontecido suscitar a sua má vontade contra nós, irrital-os, sem disso tirar proveito algum. Em materia de politica colonial, por exemplo, si a Inglaterra occupar um territorio, e nós lhe demonstramos cem vezes, até á mais completa evidencia, que lhe não assiste direito algum sobre elle, o facto de o haver occupado valerá aos seus olhos muito mais que todas as demonstrações, nem ella procurará, como a Allemanha faria, oppôr aos nossos outros direitos mais antigos ou de natureza superior; si em ultimo caso os expuzer, será unicamente *pro fôrma*; o seu argumento supremo consistirá sempre no facto de haver tomado posse. A unica maneira de proceder com ella, é a de precipitar a acção, antecipal-a, occupar o territorio sem lhe dar tempo a pôr lá o pé; então poderá ella resmungar, mas o facto realizado impor-se-lhe-á; é esse o processo, ou então o de lhe fallar francamente, e desprezando qualquer argumento de direito, propor-lhe um negocio, uma transacção. Desta maneira poder-se-á sempre viver com ella em boa harmonia, tanto mais que pouco dada a recriminar o passado, a Inglaterra não guardará nunca resentimento de um negocio em que o seu papel tenha sido o do negociante desastrado. Os Inglezes são, em summa, os vizinhos com os quaes menos difficil nos será entender-nos; ponto é que nos dedicamos um pouco ao estudo do seu caracter.

Bem diferente do Inglez é o Al-

lemão. Não é um Germano muito mais puro; o sangue celta domina no sul e no sudoeste, o slavo em todo o este e nordeste; mas o elemento germanico teve sempre uma influencia preponderante e impoz aos outros a sua cultura. Das duas tendencias contradictorias, que dividiram entre si a velha natureza germanica, as influencias estrangeiras, as circumstancias historicas e de meio, não fizeram predominar uma dellas, quasi sacrificando a outra, como nos Inglezes podemos observar. O Allemão conserva-se um mixto singular de realismo e de idealismo. Grandemente individualista, não transformou o seu gosto pela subordinação em espirito de associação, esse espirito é nelle muito mais recente e por isso se encontra muito menos desenvolvido que entre os inglezes; o Allemão possui igualmente o espirito de obediencia propriamente dito, de subordinação hierarchica, de servilismo até, segundo a interpretação de alguns dos seus compatriotas. Não procura conciliar as contradicções da sua natureza. Professa o amor do methodo, mas não como nós, o da logica, ou daquillo a que damos tal denominação, substitue-o pelo da dialectica que oppõe logo os seus argumentos: «Em França, diz o sr. Fouillée, tendemos a restringir o terreno de visão para melhor ver o que vemos; o espirito allemão, que quer sobretudo ver muitas coisas ao mesmo tempo, é largo e indeciso. Não lhe cabe esta predilecção pela geometria rectilinea, esta necessidade de ordem e de clareza tão imperiosa nos outros povos; agradam-lhe as contradicções, as complicações indefinidas. «Para elle nada jámais tem fim», a sua imaginação compraz-se na fuga do horizonte e no vago dos contornos. O reverso da profundidade, da conscienciosa applicação e «comprehensibilidade» de espirito é a tendencia para a obscuridade e a confusão, para o

subtil e o superficial, para o pedantismo e o formalismo».

O Allemão é dotado de uma vontade forte, paciente, perseverante, menos audaciosa, porém, já o dissemos, que a do Inglez. A profundidade da sua intelligencia, o gosto das altas especulações abstractas, que tão nitidamente o distinguem do seu parente insular, fazem com que essa vontade se não transforme tão immediatamente em acção. O contraste do individualismo e do espirito de subordinação contribue tambem para retardar a acção. O Allemão não teve durante muito tempo senão a liberdade de pensar, no mais restricto sentido da palavra, sem que lhe fosse permitido tentar qualquer applicação das suas idéas; assim o *eu* allemão se isola em si mesmo, se abstrahê do mundo exterior muito mais que o *eu* inglez. «E' uma força que se afirma pela exclusiva razão de existir e ser energica; anteriormente a qualquer applicação de si mesma, manifesta e defende a sua propria individualidade. Quando estabelece relação com outrem, esforça-se por que essa relação tenha um caracter *peçoal*. O Allemão liga-se a Deus, mas por um laço que lhe é peculiar e reside no seu fôro intimo, de sorte que elle e o seu Deus formam, como sóe dizer-se, uma comunidade na comunidade. Si o Allemão pensar em construir um systema de mundo, dar-lhe-ha o seu systema pessoal, com uma solução inteiramente sua dos problemas universaes e eternos. Si se dedicar á interpretação de um trecho de Horacio, sabir-lhe-ha uma interpretação individual, á qual ligará uma suprema importancia.

Quando esta natureza energica, ao mesmo tempo idealista e realista, individualista e hierarchicamente disciplinada do Allemão, puder emfim passar á acção, não deverá ella ser prodigiosamente forte? Eis o que não temos sabido prever, porque só nos

merecia reparo a feição idealista dos nossos vizinhos do éste; reconheciamos-lhe uma alta capacidade philosophica e scientifica, uma grande profundidade de intelligencia theorica unida a certa indolencia, uma alta concepção da religião, excellentes qualidades domesticas, exactidão, amor ao trabalho. Ora, tendo cahido um a um os obstaculos que se oppunham á acção dos Allemães, imagina-se qual a nossa surpresa. Ha quarenta annos que os Allemães demonstram, nas artes da guerra, como nas da paz, de quanto são capazes no terreno da pratica.

O que é preciso agora é não adormecermos de novo, julgando-os satisfeitos no ponto a que chegaram; é não nos julgarmos garantidos a seu respeito, já desprezando as nossas recordações, já nos resignando ao facto realizado, como nos pregam individuos que parecem esquecer a que decadencia moral essas definitivas renuncias arrastam uma nação. «Para o Allemão, diz o sr. Fouillet, nada jámais tem fim» e essa é, em todos os sentidos, a verdade. Tal a philosophia da historia e a philosophia do direito que os Allemães inventaram. O sr. Fouillet o expõe admiravelmente: «O traço de união entre o naturalismo e o idealismo no espirito allemão é um symbolismo que faz da realidade a expressão do ideal e lhe communica, em virtude do que ella representa, uma especie de caracter sagrado. Assim, o facto se torna o symbolo do direito, a conquista o symbolo da justiça. A historia inteira constitue um monumento a Deus; todas as violencias de que ella está cheia se douram do ideal. O velho fanatismo germanico requintou, subtilizou-se; subsiste sempre.» A exaltação do *eu* individual, a que o Allemão tão instinctivamente se entrega, elle a applica, por assim dizer, ao *eu* nacional. Simplesmente, no individuo essa exaltação conser-

va-se mais intimamente, é regulada nas suas manifestações exteriores pelo espirito de subordinação. Quando se trata da Allemanha, esta desaparece. A exaltação do *Vaterland* não conhece peias; alliada ao culto racionado, á idealisação da força, que, segundo os discipulos de Hegel, não somente domina o direito como tambem o cria e lhe empresta a sua propria expressão—ella explica absolutamente tudo. Assim o facto que resulta da força tem para os Allemães ainda mais importancia do que para os Inglezes; estes o consideram apenas como facto, pondo de lado qualquer idéa de direito; aquelles, ao contrario, consideram-no como o proprio direito, justificam-no não sómente em nome da realidade, como tambem em nome do ideal. Alem disso só sabem respeitá-lo em seu interesse, nunca em interesse dos outros. «Desde que os antigos Germanos houvessem occupado uma terra, recorda o Sr. Fouillée, arrogavam-se sobre ella um direito imprescriptivel, mesmo depois de a terem deixado. Desde os tempos antigos os Germanos tiveram direitos que os outros povos não tinham.» Taes são ainda os Allemães de hoje.

Depois, não esqueceu coisa alguma; são profundamente rancorosos, a intensidade e a persistencia do seu odio chegam a ser para nós incompreensíveis. Não sómente parece que o exercito de Napoleão continúa a pisar a Allemanha, mas até que o Palatinato flammaja ainda, que foi hontem que os francezes puzeram em apuros Conradino de Hohenstaufen. O Sr. Fouillée assignala a sophisticação da historia, que tantas vezes embotou o systema da erudicção allemã e nota significativas confissões dos proprios Allemães. Todos os paizes que tenham pertencido ao Santo Imperio, quando mesmo hajam adoptado a lingua e os costumes dos «Weloas» como uma parte da Bel-

gica, uma parte da Suissa, a Lorena, o Franco-Condado, fazem de direito parte da Allemanha; e isso não sómente se diz em alguns documentos chauvenistas, está scientificamente demonstrado pelos mais doutos professores e ensina-se nas escolas. Quereis um exemplo? Ha apenas dois annos (ignoramos si depois houve qualquer alteração) o *Lehrbuch für Volksschulen*, prescripto pelas auctoridades escolares do ducado de Baden, consagrava quarenta e cinco paginas a descrições epicas de batalhas, onde a França era considerada inimiga hereditaria da Allemanha, *der ten sche Erbfeind*. E emquanto isso, nos nossos manuaes primarios fallava-se da fraternidade dos povos como de coisa realizada!

Quizeramos acompanhar ainda o Sr. Fouillée nos seus interessantes estudos sobre os povos chamados «neolatinos», sobre os nossos visinhos do sul, que o auctor nos mostra tão diferentes do que dos apraz imaginar: os Italianos maneaveis e subtis, positivos e concentrados, dotados tambem elles, de vontade, mas sabendo temporisar longamente, attingir o seu fim atravez de complicadas combinações, cuidadosamente preparadas, enganando-se, aliás, algumas vezes por abusos de astucia; os Hespanhóes, tão inflexiveis quanto os italianos maneaveis, igualmente dotados de vontade, mas de outra especie de vontade e dispondo de uma infinita força de resistencia, cavalheirescos e ás vezes chimericos, como semi-Orientaes. Quizeramos tambem examinar as suas curiosas observações acerca do povo russo, essa força ainda incompletamente conhecida por incompletamente constituida, — fazer finalmente com elle um giro em volta de nós mesmos. E' porém, preciso que nos limitemos.

Concluamos tão sómente, com o Sr. Fouillée, que o mundo evolue com demasiada rapidez para que um

povo possa gabar-se de haver adquirido um predomínio definitivo; que a superioridade neste ou naquella determinou a melhor adaptação ás circumstancias de momento, pôde escapar-lhe, á medida que essas circumstancias mudarem; que nada no fundo estabelece a superioridade dos povos néo-latinos ou como taes designados; que nós proprios soffremos sem duvida por certos graves defeitos, insufficiente educação da vontade e falta de disciplina, abuso de uma logica apparente, que na verdade consiste em não vêr senão alguns aspectos das cousas e desprezar outros; finalmente que poderíamos ainda olhar com grande confiança o futuro, si não fosse o grande ponto negro que constitue o estado estacionario da nossa população.

Cartas anepigraphas

VIII

LETRA E LETRA

A HENRIQUE DE BARCELLOS

« ... L'histoire des idées n'est
« qu'une construction fragile
« quand elle ne prend pas racine
« dans la science des
« faits »

Li com muita attenção a conferencia que, ha dias, o meu velho amigo fez perante o selecto auditorio do *Centro Sciencias e Lettras*, e devo dizer-lhe que gostei immensamente da feitura erudita que lhe deu, como aliás sabe dar a tudo o que sae da sua penna.

Todavia, parece-me que deixou um ponto sem a precisa clareza, qualidade esta essencial, que deve sempre existir em qualquer trabalho referente ao estudo comparativo d'uma lingua, ou mesmo nos outros ramos dos conhcimentos humanos.

Compreendi, porém, que o amigo combate, rejeita a orthographia *lettra*, porque a suppõe derivada do latim *litúra*.

Esta etymologia é hypothetica, e por isso, os partidarios da graphia *lettra* não tem base segura para reprovar, condemnar a forma *lettra*.

Bem sabe o illustre *Hendenbar* que uma supposição não equivale a uma certeza, sobretudo em philologia.

Ella fez assombrosos progressos desde a descoberta dos sanskrito porque este veio fornecer-lhe um termo de comparação e um instrumento de precisão, que faltavam aos antigos, para a classificação dos factos da linguagem.

Mas, mesmo com este poderoso auxilio, mesmo com este pharol luminoso, a forma de muitas palavras é incerta, ou porque não se pode convenientemente esclarecê-la e comproval-a, por faltarem dados positivos e incontrastaveis, ou porque muitos philologos, deixando-se levar, dominar pela simples morphologia dellas, vão descobrir uma etymologia que, muitas vezes, não é real nem verdadeira.

Quando se estuda uma palavra, cumpre proceder como o naturalista faz com uma planta.

Devem-se estudar os traços característicos da sua historia, não só em relação á sua morphologia, como tambem quanto á sua significação, porque a exclusiva observação exterior della não basta para dar-nos uma idéa exacta da sua forma.

Portanto, appliquemos ao estudo da palavra *lettra* o methodo comparativo, começando pelo latim, seguindo-a depois nas suas evoluções nos outros idiomas neo-latinos.

Deste modo, talvez nossas investigações serão mais seguras, e mais completas.

E' sabido, em geral, que os escriptores latinos são distribuidos em edades de *ouro*, *prata*, etc.

O primeiro periodo, o mais brilhante de todos, começa 514 annos depois da fundação de Roma e acaba a 767, isto é, 14 annos antes da era christian.

Conforme a ordem chronologica, o primeiro escriptor é *Livius Andronicus* e o ultimo *Masurius Sabinus*. Os mais eminentes são *Plauto*, *Terencio Afer*, *Catão*, *Catullo*, *Cesar*, *Cornelio Nepo*, *Cicero*, *Terencio Varro*, *Virgílio*, *Horacio*, *Ovidio*, *Tito Livio* e *Sallustio*.

A segunda idade, que vai de 14 a 117 annos da era de Christo, apresenta alguns autores celebres entre os quaes *Celso*, os dois *Plínios*, os dois *Senecas*, *Suetonio*, *Juvenal*, *Quintiliano*, *Florio* e *Curtius*.

Pois bem; em todos estes escriptores encontram-se numerosissimos exemplos de *littera*, *litterae*, *litteram*.

Transcrevo textualmente parte dum magnifico e longo artigo do *Lexicon latinum*, que foi publicado pela primeira vez em 1502. E' o mais antigo trabalho deste genero, e escripto em 7 linguas.

O seu autor é o celebre *Ambrosio Calepino*, cujo nome deu em francez *calepin*, e em portuguez *calepino*, que significa collecção de notas, etc.

A edição que tenho em meu poder é de 1778, revista por *Facciolati*, famoso latinista do seculo 18.

Littera, w, f, elementum, minima, de individua parsoriationis ex qua syllaba constituitur, ut A, b, c. etc., a *supposito litum*, unde et *litúra*. Nam qui literam pingit, atramentum chartae inducere, atque illinere solet. Ita gigni hanc vocem putant qui simplici t scribunt.

Peço agora toda a attenção do amigo.

MANUTIUS tamen in *Orthog. veterum monumentorum auctoritate contendit*, scribendum esse *LITTERA*, duplici adhibito t.

Homo trium *litterarum*, h. e. fur, nam haec vox tribus constat *litteris*. *Plauto* 2. 4. 46.

Littera invenerunt Cadmus, et Evander anixerunt Palamedes, et Simonides. *Plinio* liv. 7, cap. 56.

Littera salutaris est A quia absolvo significat; tristes vero C., quia condemna. *Cicero pro Milont*.

Per Synecochen accipitur pro scripto. Nullam *litteram* pupillo, nullam matri ejus, nullam tutoribus reddidit, etc. *Cicero*, 3.^a verrina.

Metonymice ponitur pro scribentis manu. Quod tam propé accedebat ad similitudinem tuae *litterae*. *Cicero*, ad *Pomponium Atticum*.

Accepi tuam *litteram* vacilam tibus *litterulis* *Cicero*, ad *Marcum Tullium Tiro*.

Ad *litteram*, idem est, ac ad verbum, et quod barbari *litteraliter* dicunt.

Quem duobus ab eo libris tractatum locum ad *litteram* subjeci. *Quintiliano*, liv. 9.

As citações que acabamos de fazer são tão faccis de comprehender que dispensam a traducção.

Aos exemplos já citados podemos accrescentar mais alguns.

Tacito, tractando do alphabeto latino diz: *Forma est litteris latinis, quae veterim Graecorum*. *Annaes* liv, 11 e 14.

José Pasini no seu *Vocabulo latino et italica* admite que em latim é facultativo escrever *littera* ou *littera*; *litterae* ou *litterae*. A mesma cousa escreve a respeito dos derivados *litterarius*, *litteralis*, *litterate*, *litterator*, etc.

Nas seguintes *cartas anepigraphas* proseguiremos este estudo um aspecto completamente novo, dando-lhe a origem mais provavel, e talvez mais certa.

IX

Estavamos escrevendo a presente carta quando nos chegou ás mãos o *Comercio de Campinas* de 20 do corrente.

Deparamos nelle o artigo *Philologia e Plagio*, assignado por *Velho Paulista*.

Si não fosse esta circumstancia ignoraria eu, em absoluto e para sempre, o que Candido de Figueiredo escreveu a proposito de *littera*.

Conheço varios escriptos desse philologo, e mesmo, si não me falha a memoria, refutei alguns numa destas minhas missivas.

A divergencia entre os partidarios de *litera* e os de *littera* é antiquissima.

Data desde o 15.º seculo, e embora a maioria dos eruditos tenham adoptado a segunda orthographia, persistem outros em preferir a primeira.

Para maior clareza e ordem do que temos a desenvolver, vamos transcrever alguns topicos do que diz Candido de Figueiredo, refutando-os, descarnando os, a medida que os formos reproduzindo.

Escreve elle: «Segundo os textos verificados pelos primeiros humanistas da Renascença, logo depois da invenção da typografia, Cicero escreveu nas suas *Verri-nas*, etc., etc.»

Todo este trecho é vago, incerto, obscurissimo, e elastico demais, porque abrange a totalidade dos que estudavam humanidades no tempo da Renascença!

Comtudo de todos os primeiros humanistas da Renascença, o philologo transatlantico não cita o nome de nenhum!

E' verdade que fala de leve no *velho Calepino*, chama em seu auxilio a Freund, que não é humanista d'aquella epoca, e some-se no occaso sem dar por si nem pela albarda.

E' exacto que o eminente Calepino nas duas primeiras edições, 1502—1509, do seu *Lexicon latinum* escreve *litera* que vogou por muito tempo.

Mas, outros humanistas seus contemporaneos impugnaram esta gra-

phia, sustentando que se deve escrever *littera* porque nos *palimpsestos* ou *manuscriptos raspados*, *cancelados*, encontravam-se innumerous exemplos de *littera*; e *litera* era provavelmente devido aos erros e á ignorancia dos copistas.

Entre os mais eminentes grammaticos e eruditos a favor de *littera*, citaremos o afamado typographo de Veneza *Aldus Manutius* ou ALDO MANUZIO, os emeritos latinistas cardeal *Bembo*, *Erasmo*, etc.

Depois da morte de Calepino, em 1511, as opiniões entre os sabios continuaram a divergir. E parecia que a discussão se tornaria interminavel, quando o colendo *Aldus Manutius*, ou ALDO MANUZIO IL GIOVANE, neto de *Aldus Manutius* supracitado, publicou o seu systema de orthographia latina, FUNDAMENTADA NAS INSCRIPÇÕES, NAS MEDALHAS E NOS MANUSCRITOS, affirmando e provando sem contestação alguma que a verdadeira orthographia é *littera*, dando assim o golpe mortal aos partidarios de *litera*.

Ninguem deve ignorar que a epigraphia constitue a sciencia das inscripções que existiram muito antes dos manuscriptos.

E' ella imprescindivel ao historiadador, ao grammatico, ao linguista, emfim a todos aquellos que procuram descobrir a verdade philologica, porque era na pedra, no marmore, no bronze que os antigos *gravavam* suas leis, suas decisões, os successos mais importantes da sua vida militar, politica, ou privada, e os proprios factos da sua linguagem.

Para se comprehender a importancia dos textos epigraphicos como documentos historicos e grammaticos, basta reflectir que o mais antigo texto das comedias de Plauto é do 5.º seculo depois de Jesus Christo, isto é separado do texto original quasi 700 annos!

E o senatus-consulte ou a deci-

são do senado romano supprimindo as *Bacchanaes*, gravada sobre uma placa do bronze e conservada no museu de Vienna, é do tempo mesmo que Plauto representava as suas comedias!

Por conseguinte, os que escrevem *littera* fazem-no baseando-se nas inscripções, que remontam a uma epoca muitissimo anterior a quaesquer manuscriptos.

E enquanto estes estavam sujeitos ás mutilações, adulterações e interpollações dos escribas ignorantes, relaxados, venacos ou de má fé, as inscripções constituem ainda hoje documentos immutaveis, e impossivel de serem contrastados. São monumentos perennes, impereciveis.

Outro periodo do sr. Candido Figueiredo.

«Supponhamos, porém, embora se não conceda, que o *littera* seja «latim. Ainda neste caso e ainda «escrevendo-se *litterato*, não se devia escrever *lettra*. Ha justificação para as consoantes dobradas entre vogaes, quando a etymologia as indica; mas, em *lettra*, «não ficariam os dois *tt* entre vogaes; e não me parece conforme «à indole da nossa linguagem o «emprego de consoantes dobradas «entre outras consoantes.»

Lendo as linhas que precedem, custa-me crer que sejam da lavra dum glottologo cujo nome corre mundo.

Antes de tudo cumpre bem frizar mais uma vez este ponto: *littera* é genuinamente latim, sem precisar para isto da concessão ou cousa que o valha do sr. Figueiredo, porque a sciencia dos factos linguisticos, desconhecida por elle, está acima das suas interpretações, ou explicações.

Agora, onde descobrio o sr. Figueiredo a *indole da nossa linguagem*, que não permite o emprego de consoantes dobradas entre outras consoantes?

Em primeiro logar os *tt* dobrados

de *lettra* ficam entre uma vogal e uma consoante e não entre consoantes como elle diz.

E tanto no portuguez como em outras linguas neo-latinas, e até indo-germanicas, ha centenares de exemplos a citar. Só temos o embaraço da escolha.

O que ha de real e positivo é que geralmente algumas consoantes dobradas como *bb*, *mm*, *nn*, *ll* não podem ficar senão entre vogaes; outras porém, em certos casos, como *cc*, *ff*, *gg*, *pp*, *tt* requerem, *attraem* mesmo após si uma consoante, quando a palavra começa por vogal.

Consoantes dobradas seguidas de outra consoante:

cc: *acclamar*, *acclamação*, *acrescimo*, etc;

ff: *afflicção*, *affronta*, *affluir*, etc.; *gg*: *agglomerar*, *agglutinação*, *agravo*, etc;

pp: *aprovação*, *apprehender*, etc.; *tt*: *attributo*, *attractivo*, *attribuição*, etc.

E quanto aos vocabulos que começam por consoante como *lettra*, temol-os tambem em todos os idiomas de origem latina, sobretudo em portuguez.

Assim: *diffluencia*, *diffluente*, *diffração*, *diffringente*, *suppressão*, *supprimente*, etc.

Por simples leitura do que acabamos de escrever, verifica-se que a tal indole da nossa linguagem que repelle as consoantes geminadas como em *lettra*, porque ficariam entre consoantes, não é mais nem menos que a indole do escriptor que escreve, affirma e sustenta tal disparate.

Proximamente analysaremos este assumpto sob um aspecto completamente novo.

X

Creio ter já demonstrado cabalmente que *littera* não só é latim castiço, mas ainda que é a unica forma

correcta, apesar das asserções insubstantes e inanes em contrario.

Trataremos hoje da sua derivação, que quasi todos pensam ser infallivel e inappellavelmente *litúra*, de *litum*, *linere*.

Dois eruditos allemães, nonobstante estarem de accordo quanto á graphia de *littera*, discordam no emtanto completamente a respeito da sua etymologia.

Corsen, autor do livro *Kritische Nachtraege sur lateinische Formenlehre*, approxima *littera* de *linea*, linha; *litum*, *linere*, untar.

Porém, Leo Meyer em sua *Vergleichende grammatick der griechischen und lateinische Sprache* diz que *littera* é por *lictera*, do radical sanskrito *likh*, que significa *gravar*, *escrever*.

Bem se comprehende o alcance e a importancia que tem a affirmação de Meyer.

Si de facto *littera*, por *lictera* deriva-se do sanskrito *likh*, a orthographia *lettra* tem mais uma poderosissima e irrefutavel prova a seu favor, e é a que deve prevalecer em portuguez, como aliás prevalece em todas as linguas romanicas, exceptuando-se o hespanhol que, digamollo de passagem, rejeitou, desde a epocha da sua formação as consoantes geminadas em quasi todos os vocabulos, onde as conservam os outros idiomas do mesmo parentesco.

Mas, quem tem razão?

Os que originam *littera* de *litum*, *linere*, *litúra*, como Corsen e outros, ou aquellos que a derivam de *likh*?

A resposta não é muito facil.

Todavia, considerando os principios que se devem observar quando se procura a filiação d'um vocabulo, julgamos poder chegar a uma conclusão satisfactoria, e diremos mesmo indestructivel.

Para que uma etymologia seja aceitavel é preciso que ella combine pela forma e pela significação con.

sua origem, e que a analogia entre ellas se estabeleça claramente.

Um exemplo nos fará melhor comprehender.

Tomemos a palavra latina *septem*. Antes que na Europa fossem desvendados os mysterios da lingua antiquissima dos Vedas, pensava-se que o grego *eptá* dera origem a *septem* que originou o *sete*, *sette*, *septe* portuguez, *sept* francez, *sette* italiano, *siete* hespanhol, *scapte* (pronuncia *xapte*), valachio.

Porém, com a descoberta do sanskrito, os sabios surprehendidos verificaram que *septem* corresponde exactamente pela forma, pelo sentido e pela analogia a *saptan* d'aquelle idioma, cuja existencia é muitissimo anterior ao grego e ao latim.

Applicando este methodo á palavra *littera*, ou *litera*, como quizerem, chegaremos a identico resultado?

Penso que não.

E' innegavel que *littera* corresponde pela forma a *litúra*, *linere*, *litum*.

Mas, e a significação? E a analogia?

Poderíamos ainda admittil-as, por concessão, si não repugnasse ao bom senso e á logica semelhança hypothese, que vai de encontro á verdade historica, e destroe completamente a chronologia dos factos.

Não será uma novidade para muitos, dizendo que os Gregos e os Latinos não inventaram suas linguas, como tambem os Persas, os Celtas, os Slavos, e os Germanos, não inventaram as suas.

Todos elles receberam-nas dos seus antepassados communs os Aryas da India.

Certamente que todos estes idiomas, posto que do mesmo ramo, se modificaram profundamente na morphologia, na syntaxe, e até na significação, segundo as diferentes epochas em que se produziram as grandes emigrações asiaticas, e conforme as regiões onde se estabeleceram, o clima sob o qual viveram, as occupações a

XI

que se entregaram, emfim as tendencias caracteristicas de cada um dos povos que falaram essas linguas diversas.

A filiação, contudo, é sempre a mesma.

LITTERA, por conseguinte, que é o nome dos elementos escriptos dos vocabulos, não podia receber sua origem senão de outra palavra que devia existir antigamente, ou no proprio latim, ou noutra idioma, e numa epocha anterior ou pelo menos contemporanea á introdução e ao uso dos caracteres graphicos entre os habitantes do antigo Latium.

Mas, a historia ensina que nos tempos mais remotos, os antigos traçavam os seus pensamentos sobre folhas de palmeira, casca de arvores, no papyro, depois na cera, e posteriormente ainda, em *taboinhas untadas de cera*, ou de *qualquer outra substancia molle*.

E' pois illogico admittir que os latinos evoluindo, até chegarem ao periodo do emprego dessas duas ultimas materias subjectivas da escripta, não tivessem tido os nomes dos seus caracteres graphicos; ou então deve-se conjecturar, por absurdo, que estes tinham, no tempo de Evandro, outra denominação.

Logo, é improvavel que *litúra*, indique, mesmo remotamente, a etymologia de *littera*, facto este aliás que os philologos não affirmam convictamente, mas que formulam apenas como uma simples supposição.

E' mais racional pois aceitar que o antiquissimo radical sanskrito *likh* deu em latim primitivamente *lictera* e mais tarde *littera*, significando portanto etymologica e analogicamente CARACTER GRAVADO, ESCRIPTO, do mesmo modo que o *gramma* grego, cujo radical é o verbo *grapho*,—escrever, traçar,—significa *lettra escripta*, *traçada*.

Poderíamos ainda continuar a tratar deste assumpto por muito tempo, accumulando documentos litterarios de sabios versadissimos na latinidade e nas linguas orientaes; poderíamos ainda adduzir opiniões de excelsos eruditos de todos os tempos e de todos os paizes, e fornecer aos nossos leitores grande abundancia de factos e argumentos, si o nosso desejo não fosse contrariado pelo receio de sermos prolixos em demasia. Em todo caso, cremos ter dito e resumido mais que o sufficiente para comprovar a orthographia latina *littera*.

E pelas citações dos muitos autores que fizemos, os estudiosos nelles poderão achar, para consulta, um manancial inesgotavel sobre este objecto em discussão que, comquanto arido, offerece ainda assim algum interesse.

Mas, falta estudar o *littera* nos outros idiomas, e como havemos prometido de o fazer, queremos cumprir a nossa promessa.

Antes de tudo, convém dizer que, si todas as provas que temos allegado, si todas as objecções que havemos opposto, não tivessem o peso e a autoridade que teem, pois que se estribam em escriptos de centenas de sabios, e em preceitos scientificos, assim mesmo, não haveria razão para se escrever *lettra*.

Não foi propriamente o latim classico, não foi a lingua de Plauto, de Virgilio e de todos os brilhantes escriptores dos periodos aureo e argenteo, que deu origem aos idiomas romanicos.

O dominio e o esplendor de Roma estavam no seu declinio; o seu poderio, immenso outrora, submergia-se sob as ondas successivas e sempre cada vez mais crescentes das invasões barbaras.

E o seu idioma, em contacto com

os invasores barbaros, entrava na phase da sua plena decadencia, da sua desorganisação, do seu esphacelamento.

O povo romano, que nunca comprehendeu nem quiz fallar a lingua dos patricios e das classes letradas, era tambem uma das causas primordias desta transformação, e desta decomposição que se operavam rapidamente no seu seio.

E' em grande parte desse latim vulgar, incomprehensivel ás classes nobres, que nasceram os seis principaes dialectos latinos, os quaes, posto que ligados por estreitissimos laços de afinidade á lingua matriz, alteraram-se por causas multiplas, seguindo as vicissitudes da historia politica, e as evoluções sociaes dos povos que os adoptaram.

A Italia, mais proxima do Latium que qualquer dos outros paizes latinos, recebeu por isto mesmo mais directamente o influxo da lingua mãe.

Do patrimonio que herdara no periodo de sua formação, ella conservou mais puros todos os materiaes para a sua lingua nascente, modificando-os todavia na sua estrutura, na sua essencia, na sua ordem, na sua regencia, até na sua orthographia, construindo desta arte um monumento homogeneo, e perfeito.

Desde Dante Alighieri e Petrarca até aos nossos dias, a lingua italiana soffreu pouquissimas ou quasi nenhuma alterações.

Desde o patriarcha dos grammatastas latinos e italianos, Aldo Manuzio, que fundou em 1490 a celebre typographia dos Aldos em Veneza, até ao mais mediocre litterato contemporaneo, ninguem se rebellou contra *lettera* e todos os seus derivados.

Investigando o francez na sua origem, só se encontra *lettre*. Em velachio dá-se o mesmo.

No provençal é indifferente empregar uma ou outra das duas graphias.

A unica lingua que desde o periodo da sua formação adoptou invariavel e systematicamente a forma *letra* é a hespanhola.

Mas, convem observar que ella elimina outrosim as consoantes duplas em palavras onde o portuguez as conserva, como *acceptar, alusion, illustre, assemblea, expresion, comission, congreso, etc.*, e as guarda onde o portuguez as rejeita. Haja vista *estallar, estallido, etc.*

A meu vêr, a forma *letra* foi introduzida no portuguez pela influencia que o hespanhol exerceu nelle, sobretudo no tempo que a Hespanha dominou Portugal. E, mesmo assim raros são os autores que a adoptam.

Desde o celebre João de Barros até aos contemporaneos, a maioria dos letrados escreve *letra*, que tem portanto a seu favor não só a pura etymologia latina, como tambem o uso que, em philologia, é a *lei suprema*.

HORACIO SCROSOPPL

PEDAGOGIA PRATICA

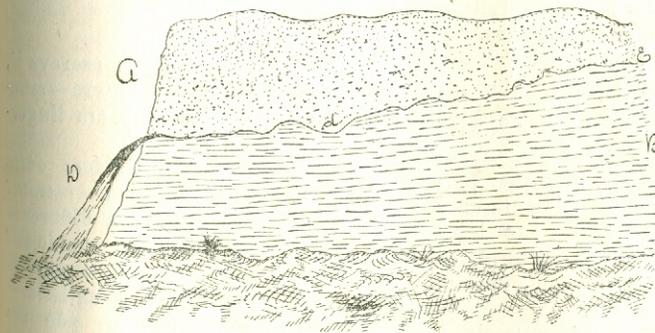
Physiographia

AS FONTES

ORIGEM DOS RIOS

— Vimos, Fernando, que ha terrenos *permeaveis*, porózos, e que existem terrenos *impermeaveis*, isto é, impenetraveis.

— Supponhamos agora que uma camada permeavel repouse sobre uma camada de rocha completamente impenetravel, assim como representamos no quadro negro, para maior comprehensão do assumpto.



FORMAÇÃO DE UMA FONTE

Legenda:—A—terreno permeavel; B—terreno impermeavel; D—fonte; DE—superfície superior da camada impenetravel, apresentando pequenas cavidades ou conchas (d) que a agua enche e é tambem linha de inclinação do estrato.

— Estará, assim como traçamos, representada toda a rocha?

— Bom; então esse pequeno desenho feito no quadro negro, repre-

duz apenas... o que?

— De certo: reproduz sómente um pedaço, uma porção de rocha.

— Em vez, porém, das palavras parte, pedaço, porção—não conhece, você Ewbank, um synonymo?

— Querendo dividir uma classe em turmas, dirá você que ella se compõe de um primeiro pedaço, de uma primeira porção, de um segundo pedaço, de uma segunda porção?

— Como dividiremos, então, uma classe de alumnos?

— Perfeitamente: em secções.

— Qual é a sua secção aqui na classe?

— Bom; pois com uma rocha se dá o mesmo.

— Então, Antenor, traçamos no quadro negro — não uma parte, nem um pedaço, nem uma porção da rocha: traçamos... o que?

— Sim: representamos uma secção da rocha.

Secção é a figura, como essa ali traçada, que nos mostra que a rocha foi cortada vertical-

mente, de maneira a nos apresentar, claramente, as camadas que a compõem; o nome de secção é applicado a todas as figuras, que se empre-

gam constantemente nos livros, sobre a estrutura da terra.

— Já viu você, Affonso, alguma secção natural de terreno, assim vertical?

— Poderá você, sempre, ver-lhe as camadas?

— E, si o terreno se lhe apresentar todo coberto de grama, ainda lhe verá as camadas?

— Bom: não tendo então grama ou plantas que não nos deixem enxergar o solo, a secção da rocha se nos depara completamente descoberta e nua.

— Que nome daremos, Pindaro, ás secções verticaes e ás vezes inclinadas, de um terreno que bordam o leito das estradas e dos caminhos de ferro, de um e de outro lado?

— Si vem um trem, estando você na linha, onde sóbe depressa, para deixal-o passar?

— Sim: subirá ao barranco. E quantas vezes já você não se inclinou sobre o barranco para lhe tirar a mimosa corolla, que o enfeita?

— Então, as secções verticaes ou inclinadas que bordam os caminhos chamam-se... como?

— Onde poderá você, Reimão, encontrar barrancos?

— Sim: em nossas excursões, aos sabbados, temos saltado muitos barrancos.

— Qualquer pedaço, qualquer porção de um barranco pôde figurar como secção, para estudos; o leito dos rios, os rochedos do littoral, os valles — apresentam tambem, muitas vezes, secções naturaes.

— Qual é o contrario de naturaes?

— Sim: natural é o que se dá sem a intervenção do homem, e artificial é o que é devido ao artificial, á intervenção do homem.

— Assim, será uma floresta virgem, com suas flôres e feras, um jardim artificial?

— E o jardim das cidades será,

com todos os seus encantos, uma floresta natural?

— Conhecerá você, Nobrega, secções artificiaes de terreno?

— Sim: os barrancos dos caminhos de ferro; os poços, os vallos, as minas.

— Viajando num trem de ferro, não poderá você adquirir uma noção geral e exacta da natureza das rochas que formam uma região?

— De que modo? Como?

— Perfeitamente: pelo barranco.

— Olhando para o barranco, que verá então?

— Como se mostrará o terreno?

— Verá sempre, Pereira, terras da mesma côr e da mesma natureza?

— Certo que não: ora verá uma faixa avermelhada que se estende de um lado a outro; ora outra, mais escura; ora outra, só de pedregulhos; ora outra, completamente branca e argilosa.

— Então, como se formará o terreno?

— Bem; mas, em vez de camada, não conhece um synonymo?

— Quem sabe qual é o synonymo de camada?

— ?

— Vá, então, á pedra: escreva lá, como está ouvindo, a palavra—*estratos*—que é como se diz em linguagem technica.

— Conhece você, Alcides, outra palavra parecida com esta—*estrato*?

— Bom; mas qual é a differença que nota em ambas, escrevendo-as?

— Sim: *estrato*—camada—escreve-se como se pronuncia, e *extracto*— essencia, perfume que se põe nos lenços—escreve-se como acabou você de dizer: reproduz-as na pedra.

— Todos os terrenos se formarão de camadas ou estratos horizontaes, sobrepostos e parallelos?

— Sim: nem todos. Ha terrenos que não têm a disposição regular de camadas, como verá você nas aulas de Geologia.

— Que nome daremos, por isso, aos terrenos que se formam pela superposição de estratos?

— Quem sabe, levante a mão.

— ?

— Chamam-se *estratificados*.

— Escreva essa palavra na pedra.

— Bom. Vejamos agora, Mesquita, o que succede, quando a agua da chuva cae sobre as diversas camadas do terreno.

— Si o terreno fôr permeavel, que fará a agua?

— E, si, sobre uma camada impermeavel, estiver uma outra porosa e permeavel?

— Sim: a agua atravessará uma, a permeavel, e irá tocar a mais profunda que é impenetravel.

— Si, porém, Crisei, a camada profunda, e impermeavel tiver a fórma de uma concha... que acontecerá?

— Sim: a agua encherá essa concha e formará um deposito nas entranhas da terra, como se dá muitas vezes.

— Si, em vez de uma unica e grande concha, houver, na superficie da camada inferior e impenetravel, muitas pequenas conchinhas... que fará a agua?

— Sim: depois de atravessar a camada permeavel, encherá todas as conchinhas da superficie irregular da camada impermeavel.

— Em todos os casos, Cassio, si as camadas argilosas não forem horizontaes, depois de cheias as conchinhas e irregularidades da rocha— que fará ainda a agua?

— Perfeitamente. Já sabe você que a argila se recusa a absorver a agua, que vem do exterior da Terra, das camadas superiores.

Então, a agua para na sua infiltração: não se infiltra mais.

Si a superficie da rocha apresenta irregularidades, a agua, que já atravessou as camadas permeaveis superiores, enche todas as cavidades: mas, desde que as cavidades já estejam

cheias, a agua transborda e continúa seu curso, na direcção que lhe traça o declive do terreno. Esse declive dos estratos ou das camadas recebe o nome technico de—*inclinação*: na nossa figura, *DE* marca a inclinação da camada inferior—B.

— Si você lèr, Robespierre, que —*os estratos se inclinam de 30° para sudoeste*—que conclusão dahi poderá tirar?

— Sim: quer isso dizer que as camadas, pendendo para sudoeste, formam um angulo de trinta grãos com uma superficie perfeitamente horizontal.

— Supponha você, Lopes, que as duas camadas sigam sempre, parallelamente, até um barranco. A de cima é permeavel e a de baixo é impermeavel. Entre ambas ha agua que atravessou a primeira. As camadas ora são horizontaes, ora inclinadas e assim continuam até ao barranco, morrendo abi a inclinação da rocha. As conchinhas, as cavidades argilosas ou graniticas já estão cheias de agua e a agua continua a correr entre as duas camadas sobrepostas.

— Chegando ao barranco—que fará a agua?

— Sim: falta-lhe a terra; falta-lhe a rocha sobre a qual corria; falta-lhe um leito em que se deite e flua e ella se precipita pela primeira fenda; escapa-se pelo primeiro orificio.

— Que constitue, Benedicto, esse jorro d'agua que bróta e deriva assim da rocha?

— Sim: constitue uma nascente, uma fonte—*a origem dos rios*.

— Só se notam fontes nos barrancos, Humberto?

— Nem sempre: a fonte, ás vezes, emerge de uma planicie que vai alagando aos poucos.

— Quando se cava um poço, que é que se procura no fundo da terra?

— Sim e não ha duvida: procura-se agua; mas, que rochas, que ca-

madras vai o cavador atirando para fóra do poço?

—Perfeitamente: o cavador vai seguindo sempre o caminho da agua que se infiltrou.

—E onde a encontrará de novo, Kaminski?

—De certo: bem no fundo, sobre uma camada impenetravel.

A agua, nas entranhas da terra, entre as camadas, vai-se depositando sempre: esse deposito recebe o nome de *lençol de agua*.

—Em que posição podem apresentar-se os estratos?

Sim: ou são *horizontaes* ou *inclinados*; e, em qual dessas camadas mais certo é achar-se agua?

—Está claro: na camada horizontal.

—Bom: por hoje, basta.

Fiquem, porém, sabendo que essa disposição das camadas da crosta solidida do globo, em relação de umas com outras, chama-se *estratificação horizontal*, porque as camadas são dirigidas parallelamente ao horizonte e se manifestam ainda na direcção em que as aguas se depositaram. Si as camadas se deslocam por elevação ou por depressão, poderão inclinar-se em relação ao horizonte e formar com elle um angulo chamado de *inclinação*: neste caso haverá a *estratificação inclinada*, como a da nossa figura.

AUGUSTO R. CARVALHO

Coefficiente de dilatação

Os corpos solidos, liquidos e gazosos, dilatam-se sob a acção do calor.

Os solidos dilatam-se no sentido do comprimento, da superficie e do volume.

Os numeros que representam a dilatação linear, superficial e cubica chamam-se coefficients de dilatação.

O coefficiente de dilatação linear é o numero que exprime o alongamento da unidade de comprimento pela elevação de um gráo de temperatura.

O coefficiente de dilatação da prata, sendo 0,000019086, quer dizer que uma barra de prata de um metro de comprimento alonga-se no tamanho dessa fracção do metro por elevação de um gráo de temperatura.

Se a temperatura fosse de 2, 3, 4... 10 grãos, o alongamento seria 2, 3, 4... 10 vezes maior.

O coefficiente de dilatação superficial é o numero que exprime o augmento de unidade de superficie por elevação de um gráo.

O coefficiente de dilatação cubica é o numero que exprime o augmento da unidade de volume por elevação de um gráo de temperatura.

O limite da dilatação é a mudança de estado do corpo.

Chamando co o comprimento de um corpo na temperatura zero; ct o comprimento a t temperatura; k o coefficiente de dilatação linear; t a temperatura a que se submete o mesmo corpo, é facil achar a relação entre co , ct , k , e t , de modo que sendo conhecidas tres destas quantidades, determina-se a quarta.

Sendo k o coefficiente de dilatação linear de um corpo, a unidade de comprimento desse corpo se alongará k , pela elevação de um gráo de temperatura; o comprimento co se dilatará co vezes mais ou $co k$; quando o comprimento co passar de zero a t temperatura, se dilatará t vezes mais, ou $co k t$. Logo o comprimento a t temperatura ou ct é igual ao comprimento a zero, ou co augmentado de sua dilatação $co k t$; isto é:

$$ct = co + co k t \quad . \quad . \quad (a)$$

Pondo co em evidencia:

$$ct = co (1 + kt) \quad . \quad . \quad (b)$$

A expressão $(1 + tk)$ é o que se chama binomio de dilatação.

Da igualdade (b) tiram-se o valor de co :

$$co = \frac{ct}{1 + kt}$$

Na igualdade (a) passando co para o primeiro membro, vem:

$$ct - co = co k t$$

Nessa ultima igualdade, tira-se o valor de t e de k :

$$t = \frac{ct - co}{co k} \quad k = \frac{ct - co}{cot}$$

Por estas formulas temos o valor de cada uma das quantidades, sendo conhecido o das outras tres.

Do mesmo modo, chamando So a superficie de um corpo a zero; St sua superficie a t temperatura, e k o coefficiente de dilatação, e t a temperatura a que se eleva a mesma superficie, tem-se

$$St = So (1 + kt)$$

$$So = \frac{St}{1 + kt}$$

$$k = \frac{St - So}{So t}$$

$$t = \frac{St - So}{So k}$$

Chamando vo o volume de um corpo a zero; vt o volume a t temperatura; k o coefficiente de dilatação e t a temperatura, tem-se:

$$Vt = Vo (1 + kt)$$

$$Vo = \frac{Vt}{1 + kt}$$

$$k = \frac{Vt - Vo}{Vo t}$$

$$t = \frac{Vt - Vo}{Vo k}$$

A experiencia indica que conhecido o coefficiente linear, deduz-se o superficial, que é o dobro; e o cubico, que é o triple.

Sendo para os solidos o alongamento que adquire um corpo no seu comprimento relativamente muito pequeno, a fracção decimal que o exprime é em centesimos, millesimos ou millionesimos.

O coefficiente de dilatação do aço é 0,00001080, e o do vidro 0,00000861.

As formulas de dilatação cubica dos solidos são applicadas á dilatação apparente dos liquidos e dos gazes.

A dilatação absoluta de um liquido é igual ao seu coefficiente de dilatação apparente, augmentado do coefficiente de dilatação do vaso.

A dilatação dos liquidos é muito menos regular do que a dos solidos, á excepção do mercurio que, por isso, foi escolhido para a construcção dos thermometros.

A dilatação apparente do mercurio é

$$\frac{1}{6480} \text{ e a absoluta } \frac{1}{5550}$$

Até ha pouco tempo suppunha-se que a dilatação dos gazes era uniforme; hoje sabe-se que o coefficiente augmenta com a densidade, o que equivale a dizer, com a pressão que o gaz supporta.

Sendo para todos os gazes, com insignificante differença, o mesmo numero que representa o coefficiente,

adoptou-se a relação $\frac{1}{273}$ ou 0,00367.

Não terminaremos sem lembrar que a dilatação da agua tem sido objecto de estudos particulares

M. S.

Notas de Portugal

Progresso da linguagem: a grammatica; — sua dedição; — sua divisão; — grammatica geral, — grammatica particular. — Linguas, — semelhanças phonicas, morphologicas e syntacticas entre ellas. — Diferenças. — Classificação da grammatica na hierarchia scientifica. — Divisão da grammatica applicada á grammatica particular.

O progresso é uma lei sociologica. Creando o homem uma de suas mais bellas, notaveis e sem duvida mais fecundas producções — a linguagem — não podia deixar de melhora-la, aperfeiçoando-a, segundo novas exigencias de suas faculdades moraes e intellectuaes.

E assim foi. Senhor de um sem numero de palayras — vozes, ditongos, interjeições, substantivos, etc. — tratou de torna-las o mais sonoras e harmoniosas possiveis, na conformidade da lei do minimo esforço, e de descobrir relações que as caracterizassem na prosa.

As descobertas destas relações determinaram a grammatica que « é a systematização das regras espontaneas da linguagem. »

O fim da grammatica é o aperfeiçoamento da linguagem falada e escripta, e, portanto, podemos assim defini-la: « grammatica é a linguagem falada e escripta em regra. »

A grammatica — a systematisadora da linguagem — soffre com ella uma grande divisão: — geral e particular.

A geral, tratando do que ha de commum a todas as linguas — vozes, articulações, ditongos, substantivos, adjectivos, verbos; sujeito, predicado, verbo, etc. — funda-se na identidade da constituição humana e a particular, das suas particularidades, na sua especialidade.

Grammatica geral, portanto, « é o conjuncto de principios estaveis da palavra pronunciada ou escripta em quaesquer linguas »; e, particular,

« é o conjuncto de principios da geral applicados ás instituições especiaes de uma lingua em particular. »

A linguagem particular é consequentemente o ramo da grammatica que se occupa em systematizal-a, tendem a desaparecer, verificando a concepção de Leibnitz.

Oxalá venha ella systematizar-se na lingua italiana — a mais sonora de todas; predestinada, por isso, a nos arrebatara ás regiões do ideal.

A semelhança das linguas se torna manifesta, evidenciando-se que ellas se originam no sentimento, impressionado quasi sempre por phenomenos identicos sinão iguaes.

Lingua « é a somma de sons, formas e construcções usadas por um povo ».

As semelhanças, entre as linguas, são, pois, de tres ordens: de sons, de formas e de construcções, isto é, phonologicas, morphologicas e syntacticas.

As semelhanças phonicas se tornam evidentes pela função das vozes, articulações, ditongos, etc. e identidade do alfabeto na diversidade de linguas.

Havendo em todas linguas — substantivos, adjectivos, verbos, etc., embora com modificações mais ou menos profundas em suas constituições intimas, as semelhanças morphologicas entre ellas se tornam um facto incontestado e incontestavel.

A identidade das construcções na totalidade das linguas é uma prova cabal das semelhanças syntacticas existentes entre ellas. O sujeito, o verbo, o attributo e o complemento, demonstram categoricamente a nossa asserção.

Não havendo igualdade absoluta entre os homens, não pode deixar de haver diferenças mais ou menos sensiveis entre as linguas, como já tivemos occasião de notar; diferenças que não devem ser attribuidas sinão ao meio. A sua prova encontramos

tres estados descoberta pelo fundador da religião positiva.

Capital, 14—VII—903.

LUIZ CARDOSO.

Ensino Militar

IX

SEGUNDA PARTE

ENSINO DO RECRUTA, COM ARMA

(Escola do soldado)

MANEJO DA ARMA (1)

Entram os alumnos em fórma cada um com a sua carabina—sem o sabre armado—; e claro está que variadissimo é o modo de empunhar a arma.

Um ou outro alumno já conhece manejo d'arma; mas a maioria o ignora por completo.

Receberá o professor as classes; e, dispondo-as a um de fundo afim de ser mais facil a inspecção, ao redor do pateo de exercicios, lhes dará a voz de firme.

Correndo os olhos da direita para a esquerda, verá o instructor si a escola está perfilada, achando-se cada alumno em perfeita quadratura: as creanças devem saber que são vigiadas nas menores coisas.

Destacará então, para a frente, uns quatro alumnos e os fará collocarem a arma na primeira posição, a inicial para os movimentos, quando o sabre punhal está desarmado.

Sómente mandará fazer os movimentos com os tempos, si se tractar de uma aula de recrutas; e exigirá sempre, durante todo o manejo, que o alumno esteja perfilado.

1) Deve-se seguir o da carabina Comblain: as modificações para o manejo da Manlicher já se acham aqui feitas.

no facto da lingua ser muito mais vozeada nos paizes quentes que nos frios e na facilidade de expressão de que é dotado todo o individuo que se dedica ao manejo da palavra oral.

Sem entrarmos em considerações de ordem mais elevada, sobre a classificação da grammatica na hierarchia scientifica das sciencias, diremos que ella não só faz parte da biologia, como tambem da sociologia, elementos mais consideraveis do dogma da religião da humanidade. A hierarchia scientifica, definitivamente systematizada por A. Comte, comprehendendo as seguintes sciencias, que se ligam formando um todo perfeito e harmonico: mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia e moral.

Pela presente disposição, pois, a grammatica fica sendo como que um ramo da sociologia, destinado a ligal-a a sciencia que a precede na serie.

As linguas se compõem de sons, formas e construcções como já demonstrámos, portanto a grammatica, que é a sua systematização, deve dividir-se nas seguintes partes: phonologia, morphologia e syntaxe.

«Phonologia é a parte que trata dos sons.»

«Morphologia é a parte que trata das formas.»

«Syntaxe é a parte que trata das construcções, isto é, do arranjo das sentenças.»

Esta parte, que no Egypto appareceu em primeiro logar é a que deve occupar o ultimo, por ser a menos geral e mais complicada de todas.

Assim, pois, a linguagem e a grammatica partem dos sons para chegarem ás construcções por intermedio das formas.

Esta classificação das partes da grammatica geral, e consequentemente da particular, satisfaz aos requisitos scientificos e sobre isso harmoniza-se plenamente com a lei dos

14)—Braço—arma.

Como já se viu em lições anteriores, dará o professor a voz de advertência—braço—e, depois de necessaria pausa, a de execução; durante a pausa que o travessão lembra, lançará os olhos, ora para a direita, ora para a esquerda, afim de vêr si a escola está attenta e si todos sabem de que se tracta.

Na posição de—braço—arma—eis como deve ficar a carabina: ao lado direito do corpo, em posição vertical, encostando o cano no hombro correspondente e a caixa unida á perna direita; o braço ficará um pouco curvo e a bandoleira para a frente; ficará suspensa, na frente, pelo dedo indicador e, na posterior, pelo medio e annullar.

O pollegar ficará sobre o guardamatto e os outros unidos e por detraz.

Claro está que o soldado mantem sempre a quadratura dos hombros e o peito para frente.

15)—Inclinar—arma

Este manejo faz-se em um tempo e serve ás vezes de descanso ao alumno: á voz de execução, que é a segunda, a mão direita levará o coice para a esquerda, deixando o cano apoiar-se no sangradoiro do braço direito, e a mão esquerda virá collocar-se por cima da direita, em frente ao corpo. Os braços ficarão algum tanto extendidos.

16)—Perfilar—arma.

Faz-se tambem em um tempo: as mãos vão aos seus lados, levando a direita a arma á posição inicial.

17)—Mão direita—arma.

Faz-se em dois tempos: primeiro, a mão esquerda irá segurar a arma pelo lado da bandoleira, na altura da alça e a direita por cima, na altura da camara; segundo, a arma será levada, no mesmo lado direito, á posição horizontal, parallela ao chão, cano para cima, e a mão esquerda vai ao seu lado.

18)—Braço—arma.

Em dois tempos: primeiro, a mão esquerda irá segurar a arma pelo lado da bandoleira, na altura da alça; e a direita, abandonando o lugar, irá á posição inicial; segundo, a esquerda vai ao seu lado.

19)—A' frente—arma.

Dois tempos: a mão esquerda irá pegar a arma acima da braçadeira inferior, e a direita, no delgado, com o pollegar por detraz e os outros dedos pela frente e voltados para o terreno; segundo, ambas as mãos levam a arma, em posição vertical, á frente do corpo, empunhando á direita fortemente o delgado, o antebraço esquerdo directamente para cima e a mão esquerda bem aberta apenas amparando a arma pelo lado esquerdo, a caixa do cofre em frente á bocca, bandoleira para a frente.

20)—Braço—arma.

Tambem em dois tempos: ambas as mãos reconduzem a arma á posição inicial; segundo, a mão esquerda, que está inteiramente aberta, com as costas para a frente e fazendo pressão na bandoleira—vai a seu lado.

21)—Hombro inclinar—arma.

Faz-se em tres tempos: primeiro, a mão esquerda irá segurar a arma com o dórso para a frente, na altura do sangradoiro, e a mão direita passa a segurar o delgado com os dedos unidos e extendidos pela frente, para o terreno, menos o pollegar que estará extendido, porém por detraz; segundo, leva-se a arma ao lado esquerdo, ficando a bandoleira deitada sobre o hombro, o cotovelo esquerdo unido ao corpo e a mão esquerda na soleira com as costas para a frente e o pollegar sobre o talão; a mão esquerda bem para a frente; terceiro, retira-se a mão direita ao lado.

22)—Braço—arma.

Tres tempos: primeiro, a mão direita irá segurar no delgado; segun-

do, a mão direita auxiliada pela esquerda, trará a arma para a direita á posição inicial; leva-se a mão esquerda ao seu lado.

23)—Em funeral—arma.

Tres tempos: primeiro, a mão esquerda vai segurar a arma pelo lado da bandoleira, entre a alça e a caixa do mecanismo da culatra, a direita pelo delgado com os dedos unidos e extendidos para o terreno, o pollegar por detraz e os outros pela frente; segundo, ambas as mãos, levando a arma para a frente na mesma direcção do sovaco, fazem-na gyrar de modo que a soleira, passe por baixo do sovaco direito e vá o coice para a frente e a bocca para traz, dirigida para o terreno; a mão direita vai empunhar o delgado com as costas para a frente, e a mão esquerda, auxiliando a direita, leva a arma para baixo do braço direito, ficando a arma presa tambem pelo antebraço e o corpo; terceiro, retira-se a seu lado a mão esquerda, que comprimia a arma sob a axilla direita.

24)—Descansar—arma.

Um tempo: a mão direita desce a arma e assenta levemente a bocca sobre a ponta do pé direito.

25)—Em funeral—arma.

Dois tempos: a mão direita levanta a arma e a esquerda, comprimindo-a debaixo do braço direito, põe-na na posição numero vinte e tres; segundo, retira-se a mão esquerda a seu lado.

26)—Braço—arma.

O movimento com que se recupera a posição fundamental, faz-se em dois tempos: primeiro, a mão direita leva a arma um pouco para a frente, em posição vertical, e a mão esquerda vai segurar-a com a palma meio para a frente, meio para cima; a mão direita larga a arma e a es-

querda, no mesmo lugar, fal-a gyrar sem roçar a soleira pelo hombro direito, levando a arma á posição numero quatorze; segundo, leva-se a mão esquerda a seu lado.

27)—Suspender—arma.

Faz-se em um tempo: a mão esquerda irá segurar a arma pouco acima do sangradoiro e logo abaixo della virá a direita pegar; a mão esquerda, abandonando a arma para ir ao seu lado, entrega-a á direita, que a faz descer, de modo a ficar o talão do coice bem juncto da ponta do pé direito e por fóra.

28)—Descansar—arma.

Um tempo: deixa-se levemente a soleira tocar o solo e a mão direita sóbe de modo a ficar com o antebraço quasi horizontal.

29)—Descansar.

A mão direita torcerá a arma, mesmo verticalmente, de modo a levar a bandoleira para a esquerda; a mão esquerda irá pousar sobre o dórso da direita e, ao mesmo tempo, o pé direito recua quinze centimetros para a rectaguarda.

30)—Sentido!

Um tempo: a mão esquerda vai ao seu lado e a direita leva a arma á posição numero vinte e oito, unido-se o calcanhar direito ao esquerdo.

31)—Braço—arma.

Dois tempos: primeiro, descendo, a mão direita levanta a arma e vai ficar acima do hombro direito; a esquerda pegará pouco acima da braçadeira inferior, e a direita, abandonando a arma, irá de novo, para a posição numero quatorze—á inicial para os movimentos, quando a arma não traz armado o sabre punhal.

MUSEU ESCOLAR

Caixa de lições de cousas

Tradução do questionário explicativo
em francez

ALIMENTAÇÃO

O TRIGO

- Que é isto ?
 - Uma espiga de trigo.
 - Que encerra esta espiga ?
 - Grãos de trigo.
 - Grãos de trigo como estes ? Para que serve o trigo ?
 - Para fazer pão ?
 - E' com os grãos do trigo que se faz o pão ?
 - E' com a farinha.
 - Como se faz para tirar a farinha centida nos grãos do trigo ?
 - Moendo-os em um moinho.
 - Onde cresce o trigo ?
 - No campo.
 - O trigo cresce naturalmente no campo ?
 - Não, é preciso semear-o.
 - Antes de semear o trigo, que é que se faz ?
 - Lavra-se e amanha-se a terra.
- Em nossa ultima lição falámos do trigo, aqui está outro grão muito util e que serve, pouco mais ou menos, para os mesmos usos que o trigo — o centeio.
- O centeio, como o trigo, dá uma espiga na extremidade de uma haste comprida e esta espiga contém também grãos. Que differença notam entre a espiga do centeio e a do trigo ?
- A espiga do centeio é mais comprida e mais delgada que a do trigo; as espinhas da espiga são mais comprias; quando passa pelos dedos sentem-se asperezas, etc.

— Comparem agora esses grãos de centeio com estes grãos de trigo; que differença notam entre elles ?

— O grão de centeio é comprido, delgado, quasi cylindrico, o de trigo é de fórma oblonga, pouco prolongado, duro, inchado e dividido por uma aresta pouco profunda.

— Com a farinha de centeio se faz um pão mais pesado e menos nutritivo que o pão feito com farinha de trigo. Misturando-se a farinha de centeio com a farinha de trigo, se obtém um pão muito sadio, muito refrescante e de um gosto agradável. Dá-se aos animaes o centeio em grão para engordal-os.

CEVADA

— Ha aqui uma nova espiga. E' uma espiga de centeio ou uma espiga de trigo ?

— Não é nem uma espiga de trigo nem uma espiga de centeio, é uma espiga de cevada. Vejam como esta espiga é barbuda. Notem também que os grãos estão collocados com regularidade ao longo da espiga; formam quatro ou seis fileiras. Ponham esses grãos de cevada ao lado dos de trigo e dos de centeio, vocês vêm que são menos inchados que os de trigo e menos largos que os do centeio.

— Pode-se fazer pão com a farinha de cevada ?

— Faz-se pão com a farinha de cevada, porém mais pesado e grosseiro.

— A cevada emprega-se principalmente na fabricação da cerveja, bebida que substitue o vinho nos paizes onde a vinha não pode crescer por ser o clima muito frio ou muito humido.

AVEIA

- Para que serve a aveia ?
- Para alimentar os cavallos.
- A aveia serve principalmente

para alimentar os cavallos; também dá-se ás vaccas, ás ovelhas, aos porcos e ás aves.

— Os cavallos se nutrem sómente de aveia.

— Também se alimentam de feno e palha.

— Póde-se fazer pão com a farinha de aveia como se faz com a do centeio ou do trigo ?

— O pão de aveia é pesado e indigesto; dá-se sómente aos cães.

O pão de aveia é, effectivamente indigesto; o grão ligeiramente quebrado e despojado de seus tegumentos, chama-se—*gruó*. O *gruó* emprega-se para fazer uma tisana ou bebida que é ás vezes refrescante e nutritiva, muito saudavel para as pessoas que têm fraqueza ou soffrem do peito.

Dar-se-ão licções analogas sobre o milho, o arroz e outros cereaes.

O VESTUARIO

Os homens, as mulheres e as creanças têm necessidade de alimento para viver.

— Que nos aconteceria si ficássemos sem comer nem beber ?

Debilitar-nos-íamos e nos tornaríamos incapazes de qualquer fadiga, de todo o trabalho e, ao fim de algum tempo, deixaríamos de existir, não sem suportarmos antes crueis soffrimentos.

— Os animaes têm como nós necessidade de comer e de beber ?

— Os animaes têm como nós a necessidade de comer e beber.

— Alice, eu vêjo que todas as manhãs sua mamãe põe na gaiola do seu canarinho, agna bem fresca, alpiste, folhas de alface; que succederia ao pobre canarinho si sua mamãe não tivesse o cuidado de dar-lhe de comer e de beber, todas as manhãs.

— Morreria.

— Os homens e os animaes têm necessidade de comer e de beber para

viver. Para viver, para conservar suas forças e sua saúde. Os homens não têm outra necessidade além da de alimentar-se ?

— Não temos necessidade de vestir roupa fresca e limpa ?

— Podemos deixar de usar calças, paletots, etc.

— Para preservar nossos pés da lama, da poeira, dos espinhos e dos calhares, não teremos necessidade de calçados ?

— Para irem brincar no pateo, no verão, e preservarem-se de insolações, que é que põem vocês na cabeça ?

— Chapéus de palha.

— No inverno, para preservarem-se do frio, dos defluxos, das dôres de dentes, que é que collocam vocês na cabeça ?

— Carapuças, gorros, chapéus de feltro, e etc.

— Todos estes objectos que servem para garantir nosso corpo do frio, do calor, do pó, de tudo quanto poderia prejudicar-lhe chamam-se....

— Todos estes objectos chamam-se vestuario.

— Encontramos nossos vestidos já feitos ?

— Não Senhora, temos que fazel-os.

— De que são feitos nossos vestidos ? Encontram-se de diversas substancias: pois bem! diga-me Luiza, de que é feito o seu vestido ?

— E' de lã.

— E seu avental e suas meias ?

— São de algodão.

— Victor, de que são feitas suas calças ?

— De panno.

— E seus punhos e collarinhos ?

— De linho.

— E seus sapatos e botinas, de que são feitas ?

— De couro.

— Que tem você no pescoço, Luciano ?

— Uma gravata.

— De que é feita essa gravata ?

— De sêda.

— E Você, Maria de que é feita a fita que prende seus cabellos?

— E' de sêda.

— Todo o nosso vestuario e calçados são de . . .

— Lã, sêda, linho, algodão e couro.

A LÃ

— Laura, você me disse outro dia, que seu vestido é de lã. Onde se encontra a lã.

— Encontra-se sobre a pelle dos carneiros.

— Como se faz para conseguir-se a lã que se encontra sobre o dorso dos carneiros?

— Corta-se com grandes tezouras.

— A lã quando se acaba de cortar é como esta? (mostre e faça tocar a lã fiada).

— E' como esta? (lã cordada).

— E' pois como esta? (lã suja).

— Toque esta lã, não lhe parece que está engordurada, como si a houvessem enlambusado com azeite ou cebo?

— A lã é naturalmente gordurosa; antes de empregal-a é preciso, primeiro que tudo, laval-a muito bem. A lã, lavada e sêcca é como esta que se chama lã cardada. Com a lã cardada se enchem os colchões e fazem-se cobertores, porém, para se fazerem fazendas para os vestidos é preciso que a lã esteja fiada em fios como este. (Ensine e faça tocar a lã fiada).

— Quando a lã está fiada é que se póde então tecer. Vocês sabem o que é o tecido, tanto assim é que o fazem com papel; vocês sabem tambem o que é a trama e o que é a cadeia ou urdidura. Pois bem, para se tecerem as diversas fazendas é preciso proceder do mesmo modo que vocês procedem, para tecer seus quadradinhos de papel, sómente em lugar de dispôr os fios da trama sobre cartões se dispõem sobre quadros grandes de madeira, que se chamam teares para tecer, e, em lugar de

fazer passar os fios da cadeia com a mão ou agulha atravez dos fios da trama, serve-se de um pequeno instrumento chamado—lançadeira.

Olhem á luz este pedaço de lã teçada, e vocês verão que os fios estão entrecruzados absolutamente, como em seus quadradinhos de papel.

— Esqueci-me de perguntar-lhes de que côr é a lã quando está ainda na pelle dos carneiros.

— E' branca, escura, algumas vezes preta.

— Como fizeram então para conseguirem essas bonitas fazendas azues, coloridas, com flôres, que vejo aqui?

— Tingiram-n'as.

O COURO

Disseram-me vocês muitas vezes que seus sapatos eram feitos de couro. Com que preparam o couro?

— Com a pelle de certos animaes.

— Diga-me o nome de alguns animaes cujas pelles podem servir para a feitura do couro.

— O carneiro, a cabra, o bezerro, a vacca.

— De que se acha revestida a pelle dos animaes?

— De lâ ou de pellos.

— A pelle do carneiro de que é revestida.

— De lâ.

— A que animal pertence este couro? (a professora mostra um pedaço de couro de carneiro com sua lâ).

— E' um pedaço de couro de carneiro.

— Vocês o reconhecem pela lâ; aqui está agora, um pedaço de couro despojado de sua lâ. Quando o couro se acha assim despojado de sua lâ, fazem-n-o pasar por muitas outras preparações que lhes explicarei depois, e, segundo essas preparações, o couro toma diversos nomes: marroquim, couro da russia, bezerro, etc.

— Do couro só se fazem calçados?

— Fazem-se tambem arreios para

animaes, bolças, carteiras, capas de livros, etc.

HABITAÇÃO

— Onde se encontram as pedras?

— Em baixo ou na superficie da terra.

— Para que servem as pedras?

— Para se construirem casas.

— Onde se encontram os tijolos e as telhas?

— Não se encontram feitos nem os tijolos nem as telhas; fabricam-se com uma terra propria para esse fim, terra que se dilue na agua até formar uma pasta, a que se dá a forma e o tamanho que se quer. Seccam-se os tijolos ao sol e depois cozem-se-os em um forno.

— Qual a forma do tijolo?

— Tem seis faces e cada uma dessas faces é um rectangulo.

— Para que servem os tijolos?

— Para se fazerem paredes, muros, etc.

— Nos paizes onde a pedra é rara empregam-se tambem tijolos para fazer-se as paredes externas e para a construcção de bellos edificios. Não se recordam vocês de um povo muito infeliz porque obrigavam-n-o a trabalhar sem descanso na fabricação de tijolos, (os israelitas)?

— E em que paiz foram os israelitas tão infelizes e estiveram tão opprimidos?

— No Egypto.

— Acabou-me você de explicar o uso dos tijolos; e as telhas para que servem?

— Para cobrir os telhados.

— Empregam-se sómente telhas para cobrir as casas?

— Empregam-se tambem ardosia, folha de zinco e palha.

— De que se fabrica a ardosia?

— Não se fabrica, encontra-se na terra.

— Qual a côr da ardosia?

— E' de um azulado escuro.

— Emprega-se a ardosia sómente para cobrir as casas?

— Emprega-se tambem para escrever com lapis de pedra ou giz.

— Disseram-me vocês que para construir as paredes das casas se empregam pedras e tijolos; de que maneira se unem as pedras com os tijolos?

— Com argamassa ou cimento.

— Como se faz a argamassa?

— Com cal e areia.

— Olhem bem o tecto e as paredes da classe. Como se fez para tornal-as tão brancas e lisas?

— Revestiu-se-as com uma camada de gesso?

— Com uma pedra muito mole chamada (gypse) ou pedra de gesso. Esta pedra se pulverisa com a maior facilidade e produz um pó branco chamado gesso. O gesso se dissolve n'agua, em uma gamella de medeira.

— Que é que vocês vêm aqui?

— Um pedaço de vidro.

— Pode-se vêr atravez desse pedaço de vidro?

— O vidro é pois . . .

— O vidro é transparente.

— Em que se emprega o vidro?

— Em fazer os vidros das janellas, os espelhos, vasos, garrafas, garra-fões, vidros de relógio, de oculos, etc.

— Que succederia si se não puzessem vidros nas janellas?

— Estar-se-ia exposto a receber a chuva, o granizo e não se estaria preservado do vento e nem do sol.

— E, se em lugar de collocar quadradros de vidro se collocassem quadradros de madeira?

— Não se veria claro.

— Donde vem a madeira?

— Das arvores.

— Que é uma arvore?

— Um grande vegetal.

— Para que serve a madeira?

— Para armação das casas, portas, janellas, moveis, etc.

— Aqui estão varios pedacinhos de madeiras que provem de differen-

tes arvores; estes dois são pedaços de pinho e de álamo. O pinho e o álamo são brancos. O pinho e álamo servem para os forros e para os moveis communs ou ordinarios chamados moveis de madeira branca. O pinho cresce nos paizes frios e no cume das montanhas elevadas. O álamo é uma arvore muito commum na França.

O cedro é uma arvore do nosso paiz. Aqui está um pedaço de madeira de cedro. A madeira de cedro é mais dura e mais escura e mais solida que a do pinho e a do álamo. Emprega-se muito na carpintaria e em trabalhos delicados. Os moveis

de madeira de cedro podem ser envernizados ou encerados.

A nogueira emprega-se tambem na fabricação de moveis. E' menos solida que o carvalho, porém, como este, póde ser envernizada e encerada.

— A nogueira é escura, com veias distinctas.

Aqui está um pedaço de madeira de nogueira.

O acajú é vermelho com veias e cresce em toda a America. E' uma das arvores mais empregadas pelos entalhadores, isto é, para a fabricação demoveis de luxo.

(*Continúa*)

J. BRITO.

LITERATURA INFANTIL

Qui a fait cela ?

(*Inédita*)

(A' MON FILS ALFRED PUJOL.)

«L'univers me confond, et je ne puis songer
«Que cette horloge existe et n'ait point d'horloger.»
(Voltaire)

En toute solitude, au fond d'un cabinet,
Retraite d'un savant, sanctuaire replet
De livres, manuscrits, de trésors de science,
Un philosophe, au sein du plus profond silence,
Absorbé, méditait en calculs transcendants,
Newton...puissant esprit entre les plus puissants.

Une sphère celeste est en pied sur sa table,
De récente invention, appareil admirable
Sur lequel le savant va risoudre un problème
Qui trouble son esprit..., quand tout à l'instant même
Un confrère, un ami, un philosophe aussi,
Tout fier de son savoir, mais *athée* endurei,
Pénètre dans l'enceinte; apercevant la sphère
Dont ce sage ignorait l'invention singulière,
D'admirable structure, étrange nouveauté
Qui provoque, en tout sens sa curiosité,
«Qui donc a fait cela ? dit l'ami qui s'étonne;
Qui donc a fait cela ? «Newton répond : «Personne !»

L'athée abasourdi, confus, humilié,
Peut-être convaincu, sans un mot d'amitié,
Prend la porte sans se retourner en arrière,
Pensant ce que plus tard devait dire Voltaire :
«L'univers me confond, et je ne puis songer
Que cette horloge existe et n'ait point d'horloger.»

HIPPOLYTE PUJOL.

Os passaros

(Inédita)

Um dia que já não lembro,
Fui para o Grupo, indisposto...
Talvez que fosse em Novembro,
Talvez que fosse em Agosto...

Ora, um acaso extraordinario
Vi nesse instante se dar:
Um gaturamo e um canario
Assim falavam no ar:

—«Onde vão essas creanças?»
—«Vão seguindo para a escola...
«Têm nos labios esperanças;
«O estudo sempre as consola...»
—«Eu mesmo sei, neste dia,
«Que aquelles que aprendem mais
«Dão sempre grande alegria
«A seus carinhosos paes!»

E disse um:—«Que pena sinto!
Disse outro—«Quanto padeço!
«Quería aprender, não muito,
«Pois o saber não tem preço!

E voando, ás brisas mansas,
Clamavam nos céus então:
—«Vergonha para as creanças
«Que nunca sabem lição!»

Portanto, contente occupo
Na minha classe um lugar...
Alegre vou para o Grupo;
Não deixo o Grupo Escolar!

1902 B. OCTAVIO

Hymno infantil

(Inédito)

PARA O 2.º GRUPO ESCOLAR DO AMPARO

Dedicado ás Exmas. Sras. que exercem o
magisterio na comarca do Amparo.

Da instrucção que é phanal rutilante
Nós anciosos buscamos a luz,
Que inda embora de nós bem distante,
Ao porvir nossos passos conduz.

Peregrinos na estrada da vida,
Procuramos a ideal Chanaan,
Onde a terra é virente e florida,
Onde surge uma aurora louça.

CORO

Luz queremos! luz buscamos!
Luz divina da instrucção!
E' a ventura que anhelamos,
Nossa ardente aspiração!

E' de longe que viemos contentes,
Procurar essa luz que fulgura
Cá na escola, com raios fulgentes,
Qual Estrella, do espaço na altura.
E daqui seguiremos sorrindo,
A' conquista do bello porvir,
Que qual aureo arrebol vem surgindo
Entre rosas gentis a florir.

CORO

Luz pedimos! luz queremos!
Luz bemdicta da instrucção!
Só por ella é que teremos
Desta patria a salvação!

Nossos Mestres amigos chamamos:
E' por elles que temos a luz!
Brazileiros, avante marchamos!
Somos filhos da Terra da Cruz!
Ao porvir caminhamos cantando,
Sorridentes de doce alegria;
E' da aurora que vem despertando
Que ha de á Patria raiar novo dia!

CORO

Luz queremos! luz pedimos!
Luz amada da instrucção!
Neste canto já exprimimos
Nossa eterna gratidão!

Quando, longe da quadra infantil,
Desta casa estivermos distantes,
Inda o nome do nosso Brazil
Saudaremos em hymnos vibrantes!
E da Escola a lembrança querida,
Aos amados do meigo Jesus,
—(Pois aqui começou nossa vida)—
Ha de encher sempre as almas de luz.

Os mestres da literatura infantil

FENELON

O GATO E OS COELHOS

Um gato, que se fazia de modesto,
entrou n'um viveiro de coelhos.

Immediatamente todos os coelhos
fugiram, cada um para sua toca.

Como o recém-vindo não se resol-
via a abandonar o posto, alguns coe-
lhos, que lhe tinham visto as terríveis
garras, atreveram-se a vir interpellá-lo.

O gato protestou, com doce voz,
que suas intenções eram muito boas,
que tinha vindo allí, apenas para
estudar os costumes dos coelhos, que
andava fazendo estudos semelhantes
sobre todos os animaes.

Em vão um coelho velho e astuto,
que era o doutor do viveiro, procu-
rou manifestar a desconfiança que lhe
despertava o respeitavel philosopho.

Os companheiros não o ouviram e
foram em multidão saudar o hos-
pede illustre. O gato, saltando sobre
elles, matou tres ou quatro.

Os outros voltaram ás tocas, tran-
sidos de medo e bem arrependidos
de sua pouca previdencia.

ANDERSEN

A COSINHIA ENCANTADA

Era uma vez um pacote de phos-
phoros, os quaes eram muito orgu-
lhosos por causa de sua origem. Des-
cendiam de um pinheiro antigo, que
fora, no seu tempo o adorno da flo-
resta. Nesta epoca estavam numa
cosinha, entre uma pederneira e uma
panella de folha; e conversavam a
respeito dos tempos passados, quando
formavam os ramos verdes do pi-
nheiro:

— Como eramos felizes nesse tem-
po! diziam. Todas as manhãs ti-

Luz já temos! luz amada!
Luz celeste da instrucção!
Do raiar desta alvorada
Surge o vivo clarão!
Amparo, 26 de Maio de 1903.
JORGE PIRES DE GODOY.

Paraphrases

(INÉDITA)

A CIGARRA E A FORMIGA

Emquanto o verão seguia,
A cigarra, sem cessar,
Toda a noite, todo o dia,
Viveu alegre a cantar.

Ora, depois desse estio,
Chegou do inverno a estação,
E a cigarra teve frio;
E não teve em casa um pão.

Procurou, pois, a formiga,
Trabalhadora exemplar,
E disse-lhe:—«minha amiga,
Um pão me quer emprestar?»

«A primavera chegando,
«Prometto por minha fé,
«Saldar a conta, pagando
«Os mesmos juros até...»

E perguntou-lhe a formiga:
«Que fez, porém, no verão?
E a cigarra:—«minha amiga,
Todo o dia uma canção...»

Mas a formiga, que ostenta
No labor genio capaz,
Tem o vicio de avarenta
E beneficios não faz...

E disse:—«E' que não me fio...
«Nada lhe posso emprestar...
Quem cantou sempre no estio
Deve no inverno dançar!»

1903.

B. OCTAVIO.

nhamos para almoçar, as perolas e os rubis do orvalho. O sol alegrava-nos e aquecia-nos durante todo o dia, os passarinhos contavam-nos historias tão bonitas! E como eramos ricos! As outras arvores não tinham folhas sinão no verão; mas o pinheiro nosso avô, usava um bello vestido verde, tanto no verão como no inverno.

Mas, coitados de nós! veiu a revolução sob a fórma de um rachador de lenha e a nossa familia foi dispersa pelos acontecimentos. O tronco principal ainda teve alguma fortuna; foi polido e preparado e arranhou logar em uma fragata soberba onde fez viagens divertidissimas. Os outros ramos tiveram destinos diversos; o nosso foi de fornecer luz e calor a quem quer que seja. E aqui estamos, nós, de origem tão distincta mettidos numa cosinha!

— Pois a minha sorte foi diferente, disse a panella; contudo não deixa de ter tambem alguma nobreza. Quando vim a este mundo, fui logo empregada em coser uns manjares excellentes, e, de vez em quando mandam-me concertar. Sou um utensilio indispensavel, e é tanto assim, que occupo aqui o primeiro logar. E que cuidados têm commigo!

Lavam-me e esfregam-me com amor de maneira que, á noite, brilho que é um gosto ver-me. E' isso que me alegra, sobretudo quando posso conversar um bocado com os meus collegas.

Aqui ninguem conhece muito a sociedade; só o balde foi um dia ao pateo para trazer agua; quem anda mais ao facto do que se passa é o cesto das compras porque vai, todos os dias ao mercado. Aqui para nós, acho pouco delicada a maneira que elle tem de falar a respeito do governo; repete todos os boatos que houve. E' um liberal, digo-lhes eu. Um dia destes, vinha com uma linguagem tão desaforada, que a pa-

nella de barro, minha prima, rachou, com o susto.

— Estás massando com os teus discursos, interrompeu a pederneira impaciente. Tratemos antes de nos divertirmos esta noite.

— Isto mesmo, disseram os phosphoros; digam todos quem são os seus antepassados, para ver quem pertence á familia mais nobre.

— Nada! exclamou a panella. Não gosto de fallar de minha pessoa nem de gabar os meus merecimentos. Vamos contar historias. Quem começa sou eu. Vou contar-lhes uma de muita novidade. Verão como é interessante.

— Nas margens do Baltico, no meio das florestas da Dinamarca...

— O começo é magnifico! exclamaram os pratos, todos ao mesmo tempo. Vê-se que deve ser interessantissimo!

— Foi nessas regiões, continuou a panella, que eu passei a minha mocidade, em casa de uns bons velhotes muito pacatos. A casa era de um asseio extraordinario; esfregavam-me tanto e tão bem, que eu luzia como um espelho. Os moveis tambem brilhavam; era a dona da casa quem os limpava; o sobrado não tinha um grão de poeira e mudavam as cortinas das janellas de oito em oito dias.

— Que historia tão agradavel! exclamou a vassoura. Faz comprehender bem o valor do asseio! Limpar, varrer, escovar, não ha nada melhor neste mundo.

— E lavar, não te esqueças! disse o balde, fazendo um movimento tão brusco que entornou parte da agua pelo chão.

A panella continuou a sua historia; o fim era tão divertido como o principio. Os pratos applaudiram, batendo uns nos outros, e a vassoura tirou do barril do lixo umas folhas de salsa para coroar a panella.

— Não é possivel continuar o divertimento, disse ella; ninguem sabe

contar melhor do que tu. Isto escandalisa-os, dizia consigo mesma. E' bem feito. Porque me desprezam elles? Não comprehendem o valor da vassoura. A panella ao menos coroar-me-á amanhã, para me agradecer.

— Agora vamos dançar, disseram as tenazes. E, endireitando-se, começaram a mecher as pernas; mas tinham uns gestos tão desgraçados, que uma almofada velha estalou a rir.

Depois de fazerem bastantes piruetas, as tenazes pediram para serem coroadas, o que lhes foi concedido.

— Ainda que lhes ponham em cima todas as hervas do universo, disseram os phosphoros, nunca hão de passar de gente ordinaria.

Pediram ao bule que recreasse a sociedade, cantando uma *romanza*, mas elle declarou que tinha esfriado, e que não sabia cantar senão quando estava bem quente.

— E' um tolo, disseram os phosphoros; não nos acha dignos de ouvir a sua bella voz; guarda-a para o salão, para quando ha visitas.

Na janella estava uma penna de pato, que servia para a cosinheira fazer contas; não tinha nada de no-

tavel, mas era muito gulosa por estar cheia de tinta preta.

— Si o bule não quer cantar, não insistam, disse ella. No jardim ha um rouxinol; pedir-lhe-emos para nos fazer ouvir uma de suas melodias. Elle não tem bom methodo de cantar, mas desculpa-se este defeito.

— A sua proposta não tem senso commum! disse a chaleira que tambem era artista, e, por consequencia tomava o partido do bule.

— Sim, continuou ella, acham razoavel fazer pedidos ao rouxinol, a um estranho? O cesto das compras que diga a sua opinião.

— Eu, disse o cesto, acho tolice tudo o que estão fazendo. Perder tempo com semelhantes bagatellas! O mais natural era collocarem-se todos em fleira, dando-se os primeiros logares aos que tivessem mais merecimentos: eu dirigia tudo: já tenho visto nas lojas, como se dispõe as coisas com gosto...

— Pois sim! exclamaram todos, correndo e atropelando-se para obterem o logar de honra.

Nisto abre-se a porta e apparece a cosinheira. Tudo entrou em ordem como por encanto; nem mais uma palavra se ouviu.

(Collecionado por R. Puiggari.)

Les deux édifices

(INÉDITA)

(TRADUIT DE VALENTIM MAGALHÃES)

L'un en face de l'autre on voit deux édifices;
Ils se dressent aux yeux en contraste frappant;
L'un, d'un aspect austère et couvrant tous les vices,
Sombre, toujours muet, sinistre, dégoutant;

Le coeur se sent serré sous le triste silence
Qui règne en son enceinte á l'aspect odieux
D'une bête féroce, et sa sombre présence
Détourne avec dégoût et le coeur et les yeux.

L'autre est svelte et riant, délicieux asile,
 Ressemblant au Printemps en face de l'Hiver,
 Plein de fleurs et chansons, où la vie est tranquille,
 Où des enfants les voix comme en joyeux concert
 Reposent notre coeur — Des torrents de lumière
 En face de la Nuit — à côté du vautour
 La douce tourterelle — auprès de l'aile altière
 Les fers du condamné; par un heureux retour
 Le Bien auprès du Mal... L'un réjouit, console;
 Et l'autre à l'âme humaine apporte la terreur;
 En face une *Prison*; ici c'est une *Ecole*;
 Contraste original de joie et de douleur!

La prison triste et sombre, avec ses deux enceintes,
 Faite de fer, de pierre et de malédictions,
 Où le Vice fermenté, où pleurent les plaintes,
 Où le Crime blasphème en sourdes explosions,
 Ses ténébreux caveaux, les énormes murailles
 Du Monstre de granit, de cet Enfer vivant,
 Son silence profond, son ventre sans entrailles
 De la haine impuissante étonnent les accents.

Une vive lumière ensoleille l'Ecole,
 Et le chant des enfants retentit sous les toits,
 Comme d'un nid occulte une chanson s'envole
 Sur l'aile du zéphyr, sous le dôme des bois.

Et les petits oiseaux sont encor dans la cage.
 — Il est presque midi —

Certain vieux criminel
 Là-haut dans la prison, à travers le grillage
 Tour-à-tour vers l'Ecole et vers le bleu du Ciel
 Dirige ses regards pleins de mélancolie.
 Ses cheveux sont tout blancs; ses yeux sont de chacal,
 Regardant de travers. Sur sa face amaigrie
 Creusée en longs sillons un rire lent, brutal
 Parfois s'épanouit sous un morne silence.

Pendant ses jeunes ans il se livrait au jeu
 A' l'ivresse, au désordre... Une triste ignorance
 Etouffé son esprit sans foi, sans loi, sans Dieu.

Aux coups de son poignard en une nuit d'orgie
 Oú le vin et le jeu chassèrent sa raison,
 Un père de famille était tombé sans vie...
 Il expie aujourd'hui son crime à la prison.
 Et la tête appuyée au bord de la fenêtre
 On le voit bien souvent paraissant méditer,
 Quelque fois, agité, paraître et disparaître...
 Sur l'Ecole toujours ses yeux vont s'arrêter...

Le fusil sur l'épaule, en bas, la Sentinelle
 Dans la cour, à pas lents, les yeux veillant partont,
 Se promène en tout sens, quand la voix solennelle
 Des cloches de l'Ecole appelle tont-à-coup
 Aux ébats les enfants échappés de la cage.
 Et dont le flot joyeux, à rire, à folâtrer,
 S'épand en confusion, en gentil babillage,
 En des jeux innocents que rien ne vient troubler.

Contemplant des enfants le tout bruyant délire,
 Aux barreaux appuyé, le vieux galirion:
 — «Ah! malheureux de moi qui ne sus jamais lire!»
 Et ses yeux se trempaient de pleurs et de chagrin...

HIPPOLYTE PUJÓL.

A tempestade

O dia surgira limpo e risonho.
 O céu de um azul purissimo, se-
 melhava uma immensa cupula rema-
 tada ao centro por luminoso florão—
 o sol; o horizonte parecia ungir a
 terra florida e verdejante, qual cor-
 tina de castissimo azul circumda mi-
 moso berço infantil!

Um dia esplendido!

Milhares de transeuntes cruzavam
 as praças em todas as direcções; de-
 zenas de carruagens, tiradas por ma-
 gníficos cavallos, atravessavam a ci-
 dade em demanda dos prados; dir-
 se-ia que a população em peso se
 combinara para, folgando, festejar esse
 maravilhoso despertar de Phebo!

Quanta alegria entre os homens, e
 quanta harmonia na uberrima natu-
 reza!...

Decorreram algumas horas... Ho-
 mens, mulheres e crianças entregues
 todos aos deleitos que lhes proporcion-
 nava a amenidade do tempo, não re-
 paravam num pequenino bulcão que
 começava a formar-se para os lados
 do oriente; as nuvens foram-se ag-
 glomerando pouco a pouco; a atmos-
 phera foi-se tornando cada vez mais
 pesada; o sol foi-se occultando por

entre as nuvens, carregadas de ele-
 tricidade; bandos de passaros atra-
 vessavam o espaço em busca de abri-
 go... Eis que, inesperadamente,
 ouviu ao longe o retumbar de um
 trovão:—Foi o signal de alarma!

O povo, tomado de surpresa busca
 apressado suas habitações; a natureza
 como que recolhida em si mesma es-
 pera impavida o tufão, que começa
 a desencadear-se furioso; grossos pin-
 gos d'agua caem aqui e acolá... outro
 trovão estruge mais perto! dahi a
 pouco outro... outro... mais outro!
 Os relampagos cruzam o espaço; so-
 pra medonho o vento sacudindo as
 grandes arvores—torcendo umas, ar-
 rancando outras; o mar encapellado
 rugé como um leão furioso, levantando
 columnas d'agua a uma altura des-
 communal; o sol occultara-se de todo
 como que não querendo testemunhar
 a transição porque passava o orbe.

A chuva corre em torrentes du-
 rante um quarto d'hora, alagando as
 ruas, avolumando os rios, rasgando
 os tanques... um diluvio enfim!

Pouco a pouco, porém, a chuva se
 foi tornando menos pesada; as nu-
 vens se foram espalhando, deixando
 ver aqui e ali, pedacinhos do firma-
 mento azulado; o sol foi-se mostran-
 do por sobre os estragos da tempes-

tade, que, qual meteóro, passara por esse risonho cantinho do mundo, roubando ás crianças e aos pobres o prazer de um bello dia de sol, e aos ricos e pretenciosos a vaidade de ostentarem aos olhões do mundo suas sumptuosas e elegantes toilettes...

15 de Fevereiro de 1903.

C. FRANCO.

A Instrução e a Humanidade

(INÉDITA)

(ALLEGORIA)

Ensinei-lhe a encarar sem medo
o azul do céu!
(A Liberdade—Pinheiro Chagas)

A INSTRUÇÃO

Eu sou da Intelligencia
A flórida expansão;
Da sabia Experiencia
Filha—sou a Instrução;
Da Humanidade amiga
E preceptora antiga.

Rasgando da Ignorancia
O denso, escuro véo,
Ensinei-lhe, na infancia,
A amar o azul do céu,
O encanto da verdade...
E a santa Liberdade.

São meus filhos amados
—Artistas uns, geniaes,
Ou sabios sublimados
—Legião de immortaes!—
Outros, tantos! obscuros...
Modestos, porém, puros.

Nasci da linda Aurora
No berço que reluz;
A fronte scismadora
Inundou-me de luz,
Logo ao surgir no oriente,
O sol resplandecente.

E, seu curso seguindo,
Em nobre emulação,
Vim a luz espargindo
Da civilização:
As trevas espancando
E as nações illustrando.

Egypto, Babylonia,
Assyria, a commercial
Phenicia, Macedonia,
A Grecia sem rival!
E Roma, a deshumana,
Do mundo soberana.

Com genio e paciencia,
A industria fundei,
As artes, a sciencia...
Um mundo emfim creêi,
Rival da Natureza
Na copia e na belleza.

Em seu berço mesquinho
A Humanidade vi;
Com amor e carinho
Em meus braços a ergui;
E, beijando-lhe a frente,
Apontei-lhe o horizonte.

Os passos vacillantes
E incertos lhe guiei,
Com cuidados constantes
De irmã; e lhe indiquei
Do brilhante futuro
O caminho seguro.

Zelosa e paciente,
Ensinei-lhe a lavar
A terra e a semente
Em seu seio lançar,
Que na seara futura
A abundancia assegura.

Paciente e engenhosa,
A fiar e tecer
Lhe ensinei cuidadora
E vestidos coser,
Com que a nudez velasse
E bem se agasalhasse.

E, como ao desabrigo
Arrastava o existir,
De um tecto o asylo amigo
Lhe ensinei construir,
Contra o tempo inclemente:
—A chuva, o sol ardente.

Dois seixos percutindo,
O fogo lhe accendi;
E, minerios fundindo,
O metal extrahí,
De instrumento possante
Armando-a nesse instante.

Das letras do alphabeto
—Invento singular!—
O sentido secreto
Lhe ensinei decifrar:
Mysterio tão profundo
Que encerra um novo mundo!

No templo da Sciencia
Com ella penetrei;
E a recta consciencia
No estudo lhe formei,
—Da augusta Natureza
Perscrutando a belleza.

Das artes peregrinas
Inspirei-lhe o amor;
E, das graças divinas
Ao fulgido esplendor,
O gosto lhe educando,
Artistas fui formando.

Assim, a passo lento,
Dos sec'los atravez,
Com siso, esforço e tento,
Vendo a sangrar os pés,
A conduzi contente
Té o estado presente.

Oh! mas quantos espinhos
Tivemos de soffrer
Em tão rudes caminhos!
Que salteado viver!...
Dos filhos da Ignorancia
Affrontando a arrogancia!...

Emfim eis-nos chegadas
A um marco secular!...

E as plagas perlustradas
Podemos contemplar:
—Oceanos!... continentes!...
Céos!... astros refulgentes!...

Oh! saudosa memoria!...
O' Grecia! O' Mar Egeu!
Foi alli que da gloria
Attingi o apogeu!
Do sacro monte Olympo
Ao céu de azul tão limpo!...

Inda a vejo radiante
No bello Parthenon!...
Modelo deslumbrante
Do vasto Pantheon,
De que Roma orgulhosa
Se mostra tão vaidosa!...

Depois... somno profundo
E um frio glacial
Senti!... Toldou o mundo
A noite medieval!...
Fugindo então silente,
Dormi profundamente!...

Passados nem sei quantos
Seculos, despertei
Dos menestreis aos cantos...
Como alegre fiquei!...
Despontava ness'hora
Da Renascença a aurora

Ergui-me jubilosa
E fui banhar-me em luz,
Aspirando sequiosa
O bem que ella produz!
Nova affeição querida
Senti prender-me á vida.

Rompia a passarada
O hymno matinal,
Saudando da arvorada
O encanto divinal,
Ergue o sol, no horizonte,
A magestosa frente!

Recomeça o Trabalho
A faina secular...
Brilham gottas de orvalho...
A terra é um altar!...

Ostenta a Natureza
Das galas a belleza.

Eis do Progresso a festa
—A grande exposição
Universal!—E' esta
Do Trabalho a ovação,
Na qual do engenho e arte
Me cabe a bella parte.

Festa da Intelligencia,
A ella, com ardor,
Concorre á competencia
O sabio, o inventor...
Traz o artista um portento,
O genio—um grande invento...

Traz Guttemberg a Imprensa,
Fulgurante pharol,
Cuja luz tão intensa
Figura um novo sol:
O sol da consciencia
No mundo da sciencia.

Do oriente Flavio Gioia
Traz essa singular,
Maravilhosa joia
—Nova estrella polar—
A Bussola admiravel...
Invento inestimavel!

Com ella confiado,
Por genial intuição,
Vai Colombo arrojado,
Rompendo a vastidão
Do Oceano profundo,
—Buscar um Novo-Mundo!

Com ella, victorioso,
A' India chega emfim
O Gama; e o brioso

Magalhães vai por fim,
Numa fragil corveta...
Contornar o planeta!...

Eis um novo portento
—O ferreo leviathã—
—O Vapor—magnó invento!
E a sua bella irmã,
A nova divindade...
Eil-a—a Electricidade!...

Mas quantas maravilhas
Sublimes!... geniaes!...
—Minhas brilhantes filhas—
E todas immortaes!
Com ellas, triumphante,
Caminharei avante!

A HUMANIDADE

Foi bem longa a romagem!...
Onde o termo, porém,
Desta infinda viagem?...

A INSTRUÇÃO

Além!... Não vês além
Brilhando no infinito
Aquelle astro bemdicto!...

A HUMANIDADE (Depois de fital-o)

Bemdicto o sol fulgente
Que nos envia a luz!
E a Instrucção ridente
Que ao porvir nos conduz!
Dois astros bemfeitores,
Irmãos nos resplendores!

PEDRO DE MELLO.
Piracicaba—Agosto de 1903.

HYMNOS ESCOLARES

Minha barca

1.º

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo,
Ao sentir que é tão profundo,
A solidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
Os mimosos da ventura!
Barca, dá-me a aragem pura,
As soidões, o ermo, a paz.

Dá-me 2.º

~~Do~~me a paz, que, entre os humanos,
Chamo em vão e em vão desejo,
Onde busco e nunca vejo
O que pede o coração;
Onde espiam nos meus olhos
Um segredo, um sentimento,
E um ouvido ha sempre attento...
Barca, dá-me a solidão.

3.º

Prôa ao mar, e o rumo á sorte,
Minha barca airosa e bella.
Venha o sul! venha a procella!
Que te importa o temporal?
Sobre as vagas! desce! vôa!
Rasga a vela! quebra o leme!
Coração triste não teme!
Escarceus nem vendaval!

4.º

Adeus praia! adeus familia!
Adeus prados! adeus relvas!
Adeus, canticos das selvas!
Adeus, rosas dos salões!
Minha barca, sôlta e livre
Como a rosa destroncada,
Vae contente acalentada
Entre os braços dos tufões.

MINHA BARCA

A ANTONIO CARLOS

MUSICA DE JOÃO GOMES JUNIOR

Allegretto

mf

The piano introduction consists of two staves (treble and bass clef) in 6/8 time. The melody is in the treble clef, starting with a quarter note G4, followed by eighth notes A4, B4, and C5. The bass line provides harmonic support with chords and single notes.

CANTO

p

Mi - nha bar - ca ao lar - go ao lar - go ! Lon - ga

The vocal introduction is on a single treble clef staff. It begins with a whole rest, followed by a melodic line: quarter note G4, quarter note A4, quarter note B4, quarter note C5, quarter note B4, quarter note A4, quarter note G4. The piano accompaniment is on two staves (treble and bass clef) in 6/8 time, providing harmonic support.

pra - ia lon - ge o mun - do Ao sen -

tir que é tão pro - - fun - do a so - li -

dão so - men - ta a praz Fi - - quem

The right page contains the main vocal and piano accompaniment. It features four systems of music, each with a vocal line on a single treble clef staff and piano accompaniment on two staves (treble and bass clef). The lyrics are: "pra - ia lon - ge o mun - do Ao sen - tir que é tão pro - - fun - do a so - li - dão so - men - ta a praz Fi - - quem". The piano accompaniment includes chords and melodic lines in both hands.

1.^a voz

la, na ter - ra em bo - ra os mi - mo - sos da

2.^a voz

Pi - quem la na ter - ra em bo - ra os mi - mo - sos da

tu - ra Pi - quem la na ter - ra em - bo - ra os mi -

tu - ra Pi - quem la na ter - ra em - bo - ra

mo - sos da ven - tu - ra Car - ca da me a ra - gem

os mi - mo - sos da ven - tu - ra Bar - ca da me a ra - gem

Coro

1.^a voz

pu - ra as soi - dões o er - mo a paz

2.^a voz

pu - ra as soi - dões o er - mo a paz - - -
rall

rall

9.

a tempo

la la

mi - nha bar - ca vo - ga vo - ga li -

mi - nha bar - ca vo - ga vo - ga li -

la la

gei - ra mi - nha bar - ca

gei - ra mi - nha bar - ca

D.C. al ⊕

la la la la la la la

vo - ga vo - ga li - gei - ra

vo - ga vo - ga li - gei - ra

para acabar

D.C. al ⊕

FINE

MINHA TERRA

I

Todos cantam a sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha;
Hei de dar-lhe a realeza
Nesse throno de belleza
Em que a mão da Natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

II

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
—E' uma terra de amores
Alcatifada de flôres,
Onde a brisa, em seus rumores,
Murmura: não tem rival!

III

E' um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desde o Amazonas ao Prata
Do Rio Grande ao Pará!
—Tem serranias gigantes
E tem bosques vicejantes,
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá!

IV

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
—E' uma terra de amores
Alcatifada de flôres,
Onde a brisa, em seus rumores,
Murmura—não tem rival!

CASIMIRO DE ABREU.

MINHA TERRA

LETRA DE CASIMIRO DE ABREU

MUSICA DE ANTONIO CARLOS

Andante espressivo

The first system of the musical score consists of three staves. The top staff is the vocal line, starting with a treble clef, a key signature of two flats (B-flat and E-flat), and a 6/8 time signature. The lyrics 'To-dos can - - tam su - - a' are written below the notes. The middle staff is the piano accompaniment, and the bottom staff is the bass line. Dynamics markings include *mf* and *p*.

The second system of the musical score continues the composition. It features the same three-staff structure. The lyrics 'ter - - ra, Tam-bem vou can - tar a mi - - nha, Nas' are written below the vocal line. The piano accompaniment and bass line continue. Dynamics markings include *cres.*, *sempre*, *poco a poco*, and *p*.

Est. Musical—ROSSI & NATALI—Rua Libero Badaró, 65 — S. Paulo

de - beis cor-das da ly - - - ra Hei de fa- zel- a ra -

i - - nha ; Hei de dar - - lhe a re-a - le - - - za N'es-se

p *crece a poco a poco affrettando*

thro - no de bel - le - za em que a mão da na - tu -

allargando *f*

re -

archar ! Marchar !

LETRA DE LUIZ GALVÃO

E MENDEHLSON (Adaptada por João Gomes Junior)

qu Maestoso *f* *f*

p *ff*

de - beis cor-das da ly - - - ra Hei de fa - z

f

i - - nha ; Hei de dar - - lhe a re - a - le - - - za

p *crese a poco a poco aff*

thro - no de bel - le - za em que a mão da

allargando *f*

Marchar ! Marchar !

LETRA DE LUIZ GALVÃO

MUSICA DE MENDEHLSON (*Adaptada por João Gomes Junior*)

Andante Maestoso

f

Indução

Santo

Piano

A - van - te!

van - te ! O com - pa - nhei - - ros mar - char! mar -

char - - So - mos na es - co - la os gra - na

Detailed description: This page contains a musical score for a vocal solo and piano accompaniment. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The vocal line begins with a fermata over the first measure, followed by the lyrics 'A - van - te!'. The piano accompaniment features a melody in the right hand and a bass line in the left hand. Dynamics include *mf* and *p*. There are several triplet markings in the piano part.

dei - - ros que um no - me illus - - tre bra - - si

lei - ro Vão pa - ra a Pa - tria con - quis - tar Mar -

Detailed description: This page continues the musical score from page 380. It features the vocal line and piano accompaniment. The lyrics continue with 'dei - - ros que um no - me illus - - tre bra - - si' and 'lei - ro Vão pa - ra a Pa - tria con - quis - tar Mar -'. The piano part includes triplet markings and a *mf* dynamic marking. The score concludes with a double sharp key signature change.

Para acabar

Pa-tria con-quis-tar

char! mar - char! e-cho-ao bra - do n'um céo de a -

nil Va-mos co - lher flo-res no pra-do ra-ios de luz no céo doi-

FIM

ra - do Hym-nos de a-mor para o Bra-sil

D. C. al \oplus al FINE

DIVERSOS



DR. ANTONIO CAETANO DE CAMPOS

Passou-se no dia 12 de Setembro o 12.º anniversario da morte de nosso pranteado e saudoso mestre, Dr. Caetano de Campos.

As creanças das escolas paulistas, que não esquecem nunca essa dolorosa data, foram visitar o seu tumulo, cobrindo-o de flores.

Ante essa romaria significativa, que se tornou uma necessidade para os seus corações agradecidos, por mais descrente que se esteja das cousas do presente, a alma da gente como que se avigora, como que se fortalece, entrevendo um futuro mais risonho para a nossa cara Patria.

Nessas flores, que todos os annos, vão depositar sobre o tumulo de um dos seus mais sinceros amigos, effectivamente ha uma promessa irmanada a um carinho: a promessa de seguir o exemplo, pelo trabalho e pelo sacrificio, daquelle que tão alto elevou a grandeza do estado de S. Paulo.

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO SOLEMNE DE 22 DE ABRIL DE 1900 NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRAZILEIRO PELO DR. ALFREDO NASCIMENTO, ORADOR OFFICIAL.

Parte histórica:

Surgiu o Brazil á luz da civilização, ao despontar desse seculo XVI que, na historia, representa um periodo de renascença, após a longa hibernação mediavel.

O abrir de outra éra na vida da humanidade; o despertar da razão adormecida em torpor lethargico durante dez seculos; a aurora de um porvir de luzes e de liberdade; a protophonia da marcha grandiosa da civilização moderna; a conquista da terra, a conquista dos ideaes mais arrojados, a emancipação do pensamento, o descobrimento de novas regiões para alojar em seu seio a expansão crescente da humanidade: tal é, em synthese, o que representa aquelle momento historico sem igual em outra época, momento para nós sobre todos grandioso e solemne, porque marca a aurora de nossa vida, o despontar de nossa existencia, o nascimento de nossa Patria, surgindo como appareição phantastica do seio do oceano tenebroso, aos olhos deslumbrados dos marinheiros temerarios que o destino aproua para cá.

Levando por toda a parte o facho da civilização, a raça aryana, a predestinada da Historia para circumcrever o mundo em uma apotheose de luz, tinha chegado aos confins do velho continente, na conquista secular da suprema hegemonia; e, levantando mais alto vôo, acabava de vir pousar na sonhada Atlantida, que a imaginação lhe pintava para além do horizonte em que se perdia a vista.

Partindo em archipreteritas éras, lá dos planaltos do Hymalaia, impel-

lida, como o judeu da lenda, por uma força irresistivel que a faz marchar sempre para o occidente, ella alastrára-se em um raio immenso a conquistar o mundo, subjugando, aniquilando ou absorvendo as raças inferiores, vencidas na luta pela vida, por não poderem acompanhala na rapida ascensão a que a levava o desabrochar viçoso de uma intelligencia superior. Deixando a fossilisarem-se no oriente os restos dessa civilização que fizera brilhar na aurora da Historia os grandes imperios da Asia, pallidejados de ha muito pela nevoa espessa dos seculos que os circumda, ella escoou-se pelas quebradas do Caucasus e penetrou pela Europa, a levantar suas tendas como outras tantas balisas na trajectoria da civilização, trazendo os germens de todas as grandezas futuras, chamando á vida, aniquilando ou foragindo as populações semi-barbaras que lhe embaraçavam os passos na direcção do mar occidental.

O alto desenvolvimento da civilização grega, surgindo da implantação em sólo uberrimo dessa vergonheira aryana, entrelaçada com os ramos que de outro lado galgáram o Mediterraneo em busca do mesmo territorio, representou uma idade de ouro, attingindo a culminancia desmedida e constituindo vivido fóco de luz, que, tantos seculos após, ainda deslumbra o espirito que vai perlustrar os admiraveis registos dessa grandeza decabida.

Attingindo ao zenith no céu da Grecia, rapido o sol do progresso começou a descambar cá para o poente e mergulhava-a nas sombras, á medida que se ia elevando no horizonte da Italia, onde começava a debuchar-se no panorama dos seculos o poder ingeualavel de Roma, a mais brilhante synthese da grandeza e do poder, a mais brilhante apotheose da supremacia da raça vencedora, enchendo o mundo com os écos de suas

victorias, com o deslumbramento da sua riqueza e com os raios fulgurantes da sua civilização.

Mas, despertados ás fustigações dessa luz, vencidos pelo colosso nas lutas continuas pelo direito da vida os povos barbaros, premiados em limite cada vez mais augusto, romperam um dia esses diques e cahiram de subito sobre o gigante, envolvendo em asphyxiante mortalha o vasto cadinho em que se apuravam elementos novos da civilização, preparando-se para transplantar a outro ponto do occidente o fóco do seu poder.

Dez seculos assistiram a esse diluvio humano, que vinha ameaçando destruir a obra grandiosa de tanto labor accumulado; e entretanto, phase mysteriosamente gestadora, esse periodo da edade média preparou lentamente o embryão das grandezas futuras da civilização, que, emfim, desabrochou rejuvenescida aos clarões dessa aurora que recebeu na Historia o nome de Renascença.

O fóco de luz que parecerá extinguir-se nas ruinas de Roma, resurgiu multiplicado e disperso; como o incendio que ficára algum tempo abalado sob os escombros do monumento que devorára, reaccendeu-se ao perpassar desse sopro que lhe varreu as cinzas e lhe reactivou as chammas; esse elemento comburente corporificou-se na imprensa, portentoso invento do engenho humano, surgindo nesse momento opportuno, a fornecer azas ao pensamento, que vôou então sobranceiro e livre, fazendo por toda a parte ouvir as exocações darazão, incitando ao progresso todos os povos da terra.

A raça predestinada, missionaria da luz, chegára de conquista em conquista ao termo de sua jornada para o poente, e viera fincar os seus marcos de conquista ás margens do Atlantico, levantando suas tendas no extremo iberico do continente onde ia

apparelhar-se para mais remotas viagens e mais temerarias emprezas.

Era chegado o momento dos grandes descobrimentos maritimos, e nos estaleiros já se construíam as galeras em que a civilização iria a conquistar novos dominios.

Desde os primeiros tempos da sua evolução na Europa, emquanto uma onda humana se alastrava pelas terras, deixando aqui e acolá os germeus do progresso, outros povos affrontavam os mares, roteando em viagens costeiras as aguas do Mediterraneo e contornando em commercial cabotagem o tortuoso perfil do sul da Europa e as inhospitas plagas do continente africano. E assim, emquanto Gregos e Romanos synthetizavam no esplendor a que attingiram as duas grandes balisas da civilização antiga e as duas epopéas grandiloquas da civilização dos aryas, por sua vez Phenicios e Carthaginezes, como guardas avançadas batiam os mares, que a imaginação do povo rude povoava dos mais fantasticos seres e dos mais pavorosos mysterios. Emabalados em seu berço pelas ondas procellosas, filhos do mar, pelas condições geographicas do seu torrão nativo, elles aventuravam-se por entre os perigos e os escolhos, affrontando as tempestades e os mythos; e vagando de porto em porto, iam a distribuir pela Europa as preciosidades e riquezas do commercio do oriente, que as navegações do mar arabico e as caravanas do deserto traziam dasteras do levante. Depois, impellidas tambem para o occidente, ousaram um dia transpôr as columnas de Hercules e affrontar a infinda planura do Atlantico, cujas aguas pareciam tocar o céu no extremo do horizonte; taectearam-lhe os mysterios, buscaram sondar-lhe os arcanos e estenderam-se explorações temerarias ao longo das costas europeas e africanas. E desse modo, emquanto em terra firme os aryas marchavam cada vez mais

na direcção do poente, o tronco semítico desbastava o caminho, por onde mais tarde elles iriam por sua vez singlar triumphadores.

Correram muitos seculos; esses aventureiros ousados tinham sido de ha muito absorvidos pela Roma triumphadora, que tambem cahira a seu turno; e enquanto a Europa mediaeva se agitava em sangrentas lutas, preparavam-se lentamente no seio da Italia os germens da renascença, e a península iberica fazia-se aos poucos o foco civilizador, destinado por sua vez a desempenhar um papel no drama da Historia.

A' semelhança da Phenicia antiga, Portugal, que, desde o começo do seculo XII, principiava a constituir-se como entidade politica, desaggregando-se dos estados ibericos, sentiu-se apertado em uma estreita nesga de terra, entre a Hespanha de um lado e a amplidão do oceano do outro, convidando-o a sondar-lhe os dominios e indigitando-o naturalmente, pela fatalidade da situação topographica, a fazer de seus filhos os dignos continuadores dos Phenicios e Carthaginezes, na grande empreza da descoberta da terra e da conquista do planeta.

Batido em todas as direcções pelos navios de Veneza, Genova e Pisa, os grandes centros de navegação dessa época, o Mediterraneo fôra de todo explorado, bem como as costas atlanticas do continente europeu e de parte do africano, e assim entretinha-se em estreitos laços o commercio da Europa com o do oriente, em continua e crescente subordinação, ligados por meio de caravanas, atravez dos desertos da Arabia. Mas para além, para as bandas do poente, o mar tenebroso estendia-se a tocar o céu nos confins longiquos do horizonte, e nem sequer se animaria o mais ousado em aprouar para lá.

No emtanto a India, o paiz do

ouro, das sedas e das especiarias, tornara-se o alvo da cubiça geral e o objectivo a que conduziam todos os sonhos de grandeza e todos os planos fantasticos de aventureiras emprezas.

O occidente, que recebera do oriente os germens da civilização, tentava sempre empolgal-o e submettel-o ao seu jugo.

Primeiro fora Alexandre, o heroe da Grecia guerreira, passeiando seus esquadrões victoriosos até ás margens do rio Sagrado, em pleno coração da India. Depois fôra a colligação da Europa inteira, empenhada, pelo espirito religioso das cruzadas, na conquista da Terra Santa. Finalmente, na Renascença, era a soffreguidão da conquista pelo commercio; era a cobiça do ouro e das riquezas compelindo a abordal-o pelas esquadras europeas, para directamente sugar-lhe nos mananciaes a almejada opulencia. Mas o oriente resistira a todos os embates da Europa. Curvara-se ao jugo de Alexandre, para repellil-o logo depois; fechára suas portas aos cruzados medievos, roubando-lhes Jerusalem, que, por um momento, lhes cedera; e, repotreado no placido conforto de uma existencia sem mais aspirações por ter tocado á méta do seu desenvolvimento, conservava-se envolto em lendas e em mysterios, a aguçar a cubiça, rodeado de inaccessiveis barreiras.

Entretanto, lá nos confins occidentaes do velho mundo, no promontorio de Sagres, entrando pelo mar a dentro como a querer tactear-lhe os mysterios, concentravam-se os elementos para as grandes emprezas que deveriam mudar a face do mundo. O infante D. Henrique lançava as suas náos aventureiras a affrontarem o desconhecido, a desafiarem os ventos e as tempestades; e, firmados em principios certos, que altos e amadurecidos estudos, observações e pesquizas lhes iam fornecendo, os ma-

reantes dessa alta escola de navegação conquistavam palmo a palmo os inexplorados dominios do mar, onde cada dia revelava mais um mysterio e marcava mais uma descoberta.

Nesse afan visava-se a India; tentava-se navegar até lá, contornando o continente africano; e todos os esforços convergiam para ali, quando apparece, de improviso, no palco das descobertas, o vulto de Colombo, a sonhar outra não pensada solução do grande problema e apontando insistente para o poente, onde a imaginação esbraceada lhe pintava as terras da India, dessa famosa cypango, o sonho de ouro dos mareantes, o alvo de suas ambições, o objectivo immutavel de seus ingentes esforços.

Respondem-lhe com a incredulidade, repellem-no como louco, despresam-n-o como um sonhador. Mas elle vai de porta em porta, dos grandes, dos potentados, dos monarchas, dos concilios e das academias, expôr o seu sonho, mostrar o seu plano, mendigar um auxilio e prometter um mundo para além das brumas em que se occulta o sol. Vencedor de mil lutas, eil-o que parte, emfim, em busca do seu ideal, e desse modo abre, na esteira de sua frota, a larga estrada por onde a civilização aryana iria escoar-se para a America, o desconhecido continente a que por fim abordou a 12 de Outubro de 1492.

A' sua ardente imaginação essa terra era a India; á cobiça dos que buscavam ouro ou dos que visavam Cypango era a decepção e o dissabor; mas para a humanidade era o encontro de nova patria, que devia de futuro totalmente mudar-lhe as condições de existencia.

Rasgados os horisontes para esse lado, eis que logo após vão caminho da India, vencendo finalmente o cabo tormentorio, as náos de Vasco da Gama, resolvendo assim praticamente o problema em que de ha muito Portugal se empenhava; ao mesmo tempo

a Hespanha que em tal nunca pensara, recolhia como riqueza, então inutil e não apreciada, o inequalavel achado de Colombo.

De subito fez-se assim a luz sobre quantos mysterios buscavam-se desvendar; abriram-se para todos os lados as estradas ás navegações longiquas; e as descobertas e conquistas succediam-se de dia a dia, alastrando por toda a parte os rebentos viçosos da civilização europeia renascida e celementemente marchando em um progredir pasmoso em todos os ramos da actividade humana.

(Continúa)

Historia da geographia

(Traducção, extrahida de «La terre illustrée» por FF., de J. Benevides)

E' extranho que a superficie da terra, sendo percorrida ha mais de seis mil annos, não seja ainda inteiramente conhecida.

Durante longos seculos os povos, vivendo isolados uns dos outros, pouco se esforçaram para conhecer o conjuncto de seu dominio, e tiveram as mais extravagantes e inexactas idéas não só do contorno dos continentes e dos mares como tambem da forma geral do nosso mundo terrestre.

Com excepção da Biblia, que nada diz nem quanto á forma nem quanto ás dimensões da terra, os escriptos antigos nos revelam os mais extranhos erros a tal respeito.

Os Gregos, no tempo de Homero, consideravam o mundo habitado como um disco tendo por centro a Grecia, cercado pelo rio «Oceano» d'onde todas as manhãs emergia o sol para á tarde de novo n'elle desaparecer. Esse disco assentava-se sobre columnas cujas bases constituíam verdadeiro problema. Thalés, entretanto, fazia fluctuar o disco na agua como um navio; Xenophanes dava-lhe rai-

zes que mergulhavam no infinito; Anaximando suppunha ser a terra cylindrica; Anaximeno a julgava chata, sustentada pelo ar, como uma folha, immovel por causa de sua largura.

Os Hindús imaginavam tambem um disco repousando sobre elephantes, os quaes se apoiavam por sua vez em gigantesca tartaruga que fluctuava em um oceano sem limites. Os Scandinavos collocavam a terra em equilibrio sobre nove pilares... etc...

Entretanto, desde esses remotos tempos já tinham os Chinezes e os Egyptios vaga idéa da espheroidade da terra. Assim tambem Platão e Aristoteles (seculo IV-a. C.); este sustentava que se podia ir ás Indias pelas columnas de Hercules. No seculo III a. C. media Eratosthene o espaço comprehendido entre Alexandria e Lyéna, chegava a calcular a circumferencia terrestre e desenhava as latitudes e longitudes. Hipparco divide o globo terrestre em 360°, e imagina a projecção stéreographica.

Strabão (seculo I a. C.) e Ptolomeu (seculo II d. C.) acreditavam tambem ser a terra espherica.

Entretanto, então, era sempre o Mediterraneo o centro das terras que não se extendiam além do Baltico ao N., dos Montes Imaüs (Hymalaia) e do Chersonésio de ouro (Indo-China) a E., das columnas de Hercules a O. e do cabo Prassum (Guarda-feu ou Delgado) ao S.—donde a costa da Africa ia reunir-se á da Asia para encerrar o mar Erythreo (Oceano Indico) no meio de terras ardentes e inhabitaveis.

Taes eram, em geral, mesmo no fim do imperio romano, os conhecimentos summarios da geographia.

Na idade-média a perturbação causada pela invasão dos barbaros obscureceu por muito tempo a sciencia geographica, e a noção da espheroidade da terra quasi que se perde

para só reaparecer no seculo XV com Copernico, Galileo, e Christovam Colombo.

As conquistas dos Arabes e as Cruzadas, porém, vieram trazer novas luzes sobre o Oriente.

Viajantes e negociantes visitaram a Asia, e Marco-Polo (1271-1295) chegou mesmo a percorrer a China, o Japão e a Malasia.

Ao N. os Norueguenses ou os Normandos exploraram o Baltico e o mar Branco, descobriram a Islandia, a Groelandia e talvez as costas do Canadá.

Na mesma época (seculo XV) o uso da bussola, de invenção chinesa, permittiu aos exploradores afastarem-se das costas.

Os Portuguezes, animados pelo infante D. Henrique, tentando a descoberta do caminho maritimo das Indias, costearam a Africa; Bartholomeu Dias, em 1486, chegou ao cabo que denominou das «Tormentas» e que foi depois chamado «Boa Esperança» por D. Henrique.

Abre-se, então, a *era das grandes descobertas* do seculo XVI.

Vasco da Gama parte de Lisboa com quatro navios, dobra o cabo da Boa Esperança (1497), toca em Sofala, Moçambique, Melinde—velejando, depois, ousadamente, Diu e Ormuz e funda o imperio portuguez das Indias. Avançam, posteriormente, outros navegantes portuguezes até a China e ao Japão.

Desde então, a Africa e a Asia meridional ficaram conhecidos em seus contornos geraes.

Mas, enquanto os Portuguezes exploram o velho mundo oriental, os Hespanhóes, seus emulos, descobrem e conquistam o novo mundo occidental.

Christovam Colombo descobre a America, onde, primeiro os Hespanhóes, e depois os Portuguezes, Francezes, Hollandezes e Inglezes fundaram brilhantes colonias.

Restava descobrir a Oceania e pro-

var, por uma viagem de circumnavegação, que a terra era espherica. Coube esta honra a Magalhães (portuguez a serviço da Hespanha), que costeou a America meridional, penetrou pelo estreito que conservou o seu nome, e fez rumo para noroeste em busca dos Indios atravessando um novo oceano que denominou «Pacífico»; tocou nas Marianas e nas Philippinas, onde foi morto (1521) terminando sua frota a viagem, passando por Malacca e pelo cabo da Boa Esperança para chegar á Hespanha. Estava feita a primeira *volta do mundo*.

A Australia só foi descoberta um seculo depois.

Ainda eram, porem, desconhecidas as regiões septentrionaes.

No seculo XVI, os Hollandezes, procurando tambem um caminho para as Indias, mas pelo nordeste, descobriram a Nova-Zembla, o estreito de Waigatz e o Spitzberg, sem conseguir atravessar o Oceano Glacial.

No mesmo tempo descobriam os Inglezes a Groelandia e as terras arcticas da America septentrional.

Em resumo, pois, graças sobretudo ás grandes descobertas dos Portuguezes e dos Hespanhóes, o conjunto do nosso globo já era conhecido no seculo XVI.

Mas, restava conhecer muitos detalhes. Estes só se foram revelando, gradativamente, no correr dos seculos XVII, XVIII e XIX pelos esforços dos exploradores das diferentes nações.

Vamos tratar, em seguida, de taes detalhes com relação a cada uma das partes do mundo.

*
*
*

A ASIA

A Biblia, o mais antigo e mais exacto dos monumentos geographicos que nos foram transmittidos pela antiguidade, faz-nos conhecer a Asia occidental como o berço do genero

humano. da religião e dos primeiros imperios.

Homéro no seculo X a. C., descreveu o reino de Troya e falou do mar Negro, da Phenicia e da Arabia. Herodoto, no seculo V. a. C. percorreu e descreveu as regiões da Turquia da Asia actual. Alexandre o Grande, no seculo III a. C., estabeleceu o seu imperio até além do Indo; penetrou na Bactriana (Boucharia) e voltou pelas costas do mar Erythreo (de Oman). No tempo de seus successores, os navios gregos estenderam as relações commerciaes até a ilha de Trapobana (Ceylão) e o Chersonésio (Indo-China), que Strabão, Ptolomeo e com elles os Romanos, consideraram como a extremidade oriental do mundo.

Na idade-média (seculo VIII) commerciantes arabes penetraram na Sérica (China) que até então só era conhecida pelo nome.

No tempo das Cruzadas enviaram os *Papas muitos missionarios* até entre os Tartaros e Mongóes do planalto central. De 1271—1295, Marco Polo, gentilhomen veneziano, o maior dos exploradores da época, percorreu toda a Asia.

Em 1498 Vasco da Gama chega ás Indias e, em seguida, outros portuguezes visitam as costas da China (1514) e do Japão (1542), sendo seguidos pelos Hollandezes no seculo XVII.

No mesmo tempo percorrem os Russos a Siberia e, em 1728, Behring penetra pelo sul no estreito que conserva o seu nome. Mas, sómente nos nossos dias, em 1878, foi o oceano glacial asiatico atravessado, do mar de Kara ao estreito de Behring pelo navio do capitão Nordenskiöld.

Quanto ao conhecimento do interior deste continente foi o resultado de numerosos trabalhos de diversos viajantes e principalmente dos *jesuitas francezes* da missão da China.

Cumprido dizer, ao terminar, e com

relação ás revoluções politicas da Asia—o seguinte:

A escriptura santa, como já dissemos, colloca o paraizo terrestre na Asia, que foi o berço do genero humano, da religião e dos primeiros imperios. Depois do diluvio parou a arca na Armenia, e dali partiram os filhos de Noé para repovoar a terra.

Mas, o que imprime á Asia um character por assim dizer sagrado é que no Sinai falou Deus a Moysés; que nas suas cidades fizeram os prophetas ouvir sua voz inspirada; que o povo judéo foi encarregado do deposito da lei divina; e que viu, ella, se realisarem os sublimes mysterios de *redempção do genero humano* pela vida e pela morte do Filho de Deus.

A Asia Occidental, unica conhecida dos antigos, foi povoada pelos descendentes de Japhet e de Sem, isto é, pela raça branca, que ali fundou, na antiguidade, as celebres monarchias dos Assyrios, dos Babilonios, dos Persas e dos Medas. Foi subjugada successivamente pelos Gregos, pelos Romanos, pelos Arabes e pelos Turcos.

O planalto central, grande papel representou na historia dos povos asiaticos. Cada uma de suas quatro grandes vertentes teve destinos espeziaes: os Chinezes, a este; os Hindús, ao sul; os Aryas e os Semitas, a oeste—desenvolveram-se quasi que separadamente, e formaram civilizações proprias de gráo mais ou menos elevado.

A vertente septentrional, e o planalto propriamente dito, menos habitaveis, ficaram sendo dominio de povos nomades de raça branca, que, em massa e em épocas diversas, invadiram as outras regiões e chegaram até a Europa, que subjugaram.

A partir, porém, do seculo XVI, a Europa reage por sua vez de maneira irresistivel sobre a Asia: ao

norte, os Russos começam a conquista da Siberia, enquanto no sul os Portuguezes e depois os Francezes e Inglezes se estabelecem nas Indias e dominam os mares.

Actualmente, com excepção do Japão, todo o resto da Asia está submettido á influencia politica dos Europeus, e mais de metade deste vasto continente é governado ao norte pelos Russos e ao sul pelos Inglezes—possuindo tambem a França, na Indochina, os elementos de importante colonia.

O colossal imperio Chinez mesmo, vencido pelo Japão em 1895, se collocou sob a tutela da Russia, da França e da Allemanha; teve de fazer concessões a essas potencias, assim como á Inglaterra, de zonas de influencia.

Esta conquista da Asia pela Europa terá como effeito, alem do desenvolvimento do commercio e da civilização, a *christianisação* dos povos asiaticos.

AFRICA

Os Gregos e os Romanos da Africa só conheceram o littoral do Mediterraneo e do mar Vermelho.

Foram os Arabes, na idade media, os primeiros conquistadores que penetraram no interior do paiz, sem que seus conhecimentos geographicos fossem proveitosos á sciencia européa. Quanto ao littoral é a partir do seculo XV que nos foi revelado pelas expedições commerciaes dos Portuguezes, dos Holandezes, dos Francezes e dos Inglezes.

E' aos Portuguezes que mais se deve esse conhecimento, não só porque descobriram e occuparam as ilhas e as costas dos dous Oceanos, como porque seus mercadores e missionarios conseguiram penetrar desde o seculo XV no interior da Africa central e explorar as bacias do Congo, do Zambéze e do alto Nilo.

Pode-se resumir, por ordem chro-

nologica, as descobertas e explorações mais notaveis do modo seguinte:

a) AFRICA SEPTENTRIONAL E ACCIDENTAL

1795—1805.—Mungo-Park (explorador escocez) descobre as origens do Senegal, e desce o Niger até Boussa—onde foi assassinado.

1822—1826.—O major Laing (inglez) vae de Tripoli a Tombuctú, e morre no Sahara.

1822—1831.—Clapperton (inglez) descobre o lago Tehad e os irmãos Lander (inglezes) percorrem a bacia do Niger.

1827—28.—René Caillié (francez) vai do Senegal á Tomboctú e a Marrocos.

1838—48.—Os irmãos d'Abbadie (francezes) percorrem a Abyssinia.

1841—42.—Uma expedição egypcia, conduzida por d'Arnaud (francez) sobe o Nilo até 4.º de lat. norte.

1850—54.—Barth (alemão) vai de Tunis a Binoué—afluente do Niger, depois a Tomboctú e volta a Tripoli.

1856.—Vogel (alemão) vai da Tripolitana ao Wadai, onde foi assassinado.

1866—67.—Rholfs (alemão) atravessa a Africa, de Tripoli a Dohomey, pelo lago Tehad e o Onaday.

Diversas outras expedições houve de 1868 a 1898—data em que Marchand vai do Congo ao Nilo.

b) AFRICA CENTRAL E AUSTRAL

De 1806 a 1894 ha uma longa série de expedições ás quaes ligaram seus nomes Silva Porto, Burton, Speke, Livingstone, Stanley, Serpa Pinto, Capello e Ivens, Cameron e outros—donde resultou o conhecimento d'estas regiões.

Quanto as revoluções politicas é sabido que a Africa antiga comprehendia o Egypto, que chegou pri-

meiro ao mais alto gráo de civilização; a Nubia, a Ethiopia, a Lybia, a Gyrenaica, Africa propriamente dita (Tunisia), a Numidia (Algeria) e a Mauritania (Marrocos).

A' excepção da Abyssinia e do Sahara cahiram estas regiões, successivamente, sob o dominio dos Gregos ou dos Carthaginezes, e depois dos Romanos, dos Arabes (seculo VIII) e dos Turcos (seculo XVI). Os Arabes destruíram o christianismo e impuzeram as funestas doutrinas do islamismo, que penetraram em todo o Norte e Este da Africa. Só a Abyssinia coube conservar sua independencia e sua religião infelizmente alterada.

A partir do seculo XVI os Europeus vieram estabelecer-se nas costas da Africa; os Portuguezes, na maior parte das ilhas do Atlantico e nas costas de Guiné, Moçambique e Zanguebar—onde seu imperio se tornou consideravel; os Holandezes e Dinamarquezes, na Guiné septentrional e no Cabo; os Francezes, no Senegal, em Madagascar e nas ilhas de França e Bombou; os Inglezes, na Guiné, ilhas Ascensão e Santa Helena.

Estes, durante as guerras da Revolução, apoderaram-se tambem da colonia do Cabo e da ilha de França.

A partilha politica da Africa, porrem, data do Congresso de Berlim em 1885, e teve como causas determinantes a descoberta do Congo por Stanley (1876—1877) coincidindo com a criação pelo rei dos Belgas de «Associação Internacional Africana.»

Com effeito, em 1876, Leopoldo II, por uma iniciativa tão generosa quanto gloriosa em seus resultados, reunia em seu palacio um congresso de sabios das principaes nações da Europa, e lançava os fundamentos de uma *associação para a civilização da Africa.*

O modo de acção desta associação era introduzir nesse paiz o commer-

cio honesto e a evangelisação, impedir o trafico de negros, fundar postos permanentes de socorros para os exploradores, onde os indigenas se familiarissem com a vida civilizada.

Este projecto teve um começo de execucao. Por fim, uma Conferencia internacional, reunida em Berlim em 1885, estipulou a liberdade de commercio e de navegacao e a abolição da escravidão em todos os territorios da bacia do Congo, prolongado convencionalmente até o oceano Indico, de 5° de latitude N. ás boccas do Zambeze, quaesquer que fossem no futuro os possuidores desse territorio.

Foi, então, creado o Estado independente do Congo.

Acha-se, pois, actualmente, partilhada a Africa entre os Inglezes, Francezes, Allemães, Portuguezes, Belgas, Turcos, Italianos e Hespanhóes.

As populações africanas, incapazes de se governarem por si mesmas e entregues a um fetichismo estúpido ou exploradas pelo islamismo corruptor e cruel, tem tudo a lucrar da influencia dos povos christãos que, pelo menos, melhorarão a sua sorte.

AMERICA

Parece que os Dinamarquezes e Scandinavos descobriam no seculo X a Islandia e a Groenlandia, e frequentaram no seculo XIV as costas do Canadá. Mas suas aventuras, completamente ignoradas na Europa, deixaram a Colombo a gloria da descoberta da America (1492).

Depois de Colombo uma multidão de exploradores e de aventureiros hespanhóes continuam a sua empreza e, em menos de meio seculo, descobrem a maior parte das costas do novo continente, desde a ponta da Patagonia ao Sul até o Oregon e a Florida ao Norte.

De 1607 a 1612 Davis, Hudson e Baffin percorrem os mares aos quaes deram seus nomes; Cavelier de la Salle, em 1680, desse o Mississipi; os Russos, trazidos por Bhémig, occupam Alaska em 1741; Makenzie e Vancouver, em 1786 e 1793, percorrem a costa septentrional e a costa da Colombia britannica.

No começo do seculo XIX, Humboldt, Lewis e Clarke fizeram explorações scientificas no interior do Oregon, e depois nos Andes e na America meridional. Continuam, ainda em nossos dias, as explorações scientificas e o interior do Continente já se acha quasi todo conhecido.

Quanto ás regiões polares, desde 1816 os Inglezes nos fizeram conhecer as terras arcticas e os estreitos que as separam — tendo illustrado seus nomes Ross, Parry, Franklin, Mac-Clure, Mac-Clintock, e, ultimamente, os americanos Peabody, Kennedy, Smith, Kane e Ayes.

Narés, em 1873, foi quem mais se approximou do polo.

A historia da America, por um notavel contraste, nos mostra que este continente, povoado por brancos vindos da Europa, desligou-se da mãe patria e tornou-se independente—emquanto que a Asia, a Africa e a Oceania, povoados de raças menos intelligentes ou não vivificadas pelo Christianismo, caem pouco a pouco sob o dominio da Europa.

Além disso, por sua vez, os E. U. da America do Norte estabelecem uma influencia não só sobre a America do Sul como tambem no Japão, na China e na Polynesia—e assim, é sempre a raça branca e christan que, por uma força irresistivel, marcha para a dominação do mundo inteiro—e que o Evangelho será pregado a todos os povos da terra.

OCEANIA

Foi ainda aos Portuguezes que

7 de Setembro

FESTA INFANTIL

Foi um verdadeiro acontecimento para Mogy-mirim a festa infantil, commemorativa da gloriosa data de 7 de Setembro, organizada pela directoria do Grupo Escolar *Coronel Venancio*.

A *una voce* foi declarada a melhor e a mais bem organizada de quantas se tem organizado naquella cidade, não só pelo programma, cumpridometiculosamente, como tambem pelo brilho em que todo elle foi envolvido.

Vamos fazer um ligeiro esboço desses festejos que deixaram a mais grata recordação em todos quantos tiveram a ventura de assistir as mesmos:

Conforme rezava o programma, ás 3 horas começou a formatura do batalhão infantil no jardim do Grupo Escolar, para onde havia convergido grande massa de povo.

Às 3 1/2, recedidas da excellente banda de musica do *Club Euterpe*, alumnas vestidas de branco e fita bicolor a tiracollo, seguidas de uma guarda de honra de pequeninos alumnos da 1.ª serie masculina, rompiam a marcha transpondo o portão do Grupo. O batalhão infantil fechava o prestito.

O garbo militar que apresentavam officiaes e soldados impressionou agradavelmente a todos. O batalhão era gentilmente commandado pelo sr. alferes Bento Ferreira Carneiro, digno commandante da força publica local.

Posto em marcha o grande prestito, este foi em demanda da bella chacara do dr. Alexandre Coelho, adornada com grande esmero para recebel-o.

Encobria o grande portão da chacara, um bello arco de folhagens; dalli seguia-se uma bonita alameda toda constituida de verdejantes bambús e ornada com milhares de flam-

coube no seculo XVI a honra das grandes descobertas na Oceania.

Reconheceram elles, de 1508 a 1520, quasi toda a Malasia, assim como a Nova Guiné e provavelmente as costas da Australia. Em 1521 Magalhães descobre as ilhas Marianas e Philippinas.

Os Hespanhóes exploram as ilhas Mendana, Taiti, Santa Cruz e Salomon.

No seculo XVII fizeram os Holandezes tambem suas explorações e estenderam suas descobertas na Melanesia (Nova Hollanda, Tasmania e Nova Zelandia).

No seculo XVIII começaram as explorações propriamente scientificas, nas quaes se notabilisaram Byron, Corteret, Bougainville, Cook, La Perousse e outros—continuados no seculo XIX por Baudin, Dumont d'Urville, James Ross e outros. Resta ainda explorar o interior de Bornéo e de Sumatra—pouco conhecido ainda, e parte da Australia.

Hoje as colonias australasianas inglezas excedem em importancia politica e commercial ás da Hollanda, e tentam absorver ainda a Nova Guiné e as outras partes independentes da Malasia e da Polynesia.

De outro lado, emquanto as possessões hollandezas se conservam politicamente estacionarias, embora florescentes, os Francezes tomaram posse da Nova-Caledonia e de muitos archipelagos polynesios; os Allemães annexaram uma parte da Nova Guiné, as ilhas Bismark, as Carolinas e outros; e os Americanos se apoderaram em 1897 das ilhas Hawai e em 1898 das Philippinas.

Na Oceania, pois, como em toda a parte, é a raça branca européa que domina e sempre a religião christan conquistando o mundo inteiro.

mulas e bandeiras multicolores e que chegava até o local destinado ao pic-nic dos alumnos e convidadas.

Apresentava este local um aspecto dos mais encantadores e pitorescos, com os seus grandes bosques de bambús, onde difficilmente podiam penetrar os raios do sol.

Transposto o portão da chacara, o batalhão infantil sob o commando geral do distincto official já mencionado, executou algumas manobras que foram muito apreciadas pela exactidão com que foram feitas, pelo garbo e pela disciplina demonstrados.

Terminadas estas, seguiram todos para o local do pic-nic onde, dado o signal de debandar, as creanças numa revoada de passaros em plena liberdade, se entregaram aos folguedos permittidos, depois de confortados os estomagos por um saboroso *lunch*.

A's 6 horas o clarim deu o signal de sentido; formou-se o batalhão e poz-se em marcha para receber o sr. major David Baptista da Silva Paes, capitão Francisco Antonio de Andrade, Ernesto Chiarini de Ugo e muitos outros cavalheiros, residentes na Posse e que dalli vieram exclusivamente para assistirem á bella festa infantil.

Deante desses cavalheiros executou o batalhão diversas evoluções militares.

A's 6 1/2 organisou-se grande *marche aux flambeaux* com alumnas do Grupo que eram seguidas do batalhão infantil.

Era deslumbrante o effeito produzido pelo jogo das luzes das lanternas e dos fogos de bengalas.

O prestito, seguindo pelo Largo do Jardim Publico, tomou a direcção da residencia do Exmo. Sr. Tenente Francisco Ignacio Quartim, venerando chefe do directorio politico dominante.

Ahi fez alto, sabindo de forma o alferes alumno Lafayette Pinto, que,

em palavras vibrantes de entusiasmo, fez uma saudação ao antigo militar e prestigioso chefe politico, presidente tambem da *Associação Protectora da Infancia das Escolas*.

Respondeu a esta saudação, a pedido do manifestado, o sr. dr. Pinto Lima, muito digno promotor publico d. comarca, que, lembrando a gloriosa data da nossa emancipação politica, saudou a patria livre, terminando por um viva á Republica! correspondido entusiasticamente por toda a grande massa popular que acompanhava o prestito.

Este deslizou pela rua B. de Parnahyba, Ulhôa Cintra, Travessa da Cadêa e Rua José Bonifacio. Parando em frente á residencia do Exmo. Sr. Dr. Whitacker Filho, dignissimo Juiz de Direito da comarca, ahi saudou a S. Exc. o alferes—alumno Adalberto Netto, que produziu uma curta mas eloquente oração. Respondeu a essa oração em esplendido improviso, no qual a forma casava-se igualmente com a substancia, S. Exc. o Dr. Juiz de Direito.

O discurso do illustrado e correcto magistrado foi delirantemente applaudido.

Continuou a sua marcha o prestito e foi saudar o digno delegado de policia, dr. Benedicto Netto de Araujo, saudação que coube ao alumno Emygdio Zacharias de Miranda, que desempenhou-se correctamente da sua incumbencia. Respondeu-lhe o dr. Netto em um patriotico improviso, concitando os moços a continuarem na comemoração das datas gloriosas da historia patria.

As suas ultimas palavras provocou grande entusiasmo, sendo levantados ruidosos vivas á Republica e á Liberdade.

Em seguida foi saudada a Camara Municipal. A fachada do edificio estava brillantemente illuminada. Desta saudação encarregou-se o 1.º sar-

gento Eulalio de Camargo, que se houve com muita correcção e entusiasmo.

Respondeu-lhe o sr. capitão Miguel Antunes Pereira Lima, illustre presidente daquella corporação, que terminou por um viva á Patria Brasileira!

Continuou o prestito o seu percurso, parando em frente á redacção d'*A Comarca*. Como se achasse completamente ás escuras o edificio em que elle funciona e não apparecesse ninguem para receber a saudação, a *marche* dirigiu-se á redacção d'*O Moggyano*.

As salas da redacção e officinas desta folha achavam-se repletas de Exmas. Sras. e cavalheiros.

O *Moggyano* foi saudado pelo alumno José Guedes de Carvalho que produziu bella elocução, cabendo responder-lhe, a pedido do redactor chefe d'aquella folha, ao dr. Alexandre Coelho, que, com muita eloquencia, agradeceu a manifestação ao jornal que sempre se tem batido pelo bem e pelo progresso de Moggy-mirim. As suas ultimas palavras foram concitando as creanças á glorificação das datas nacionaes.

Vivas estrondosos cobriram as ultimas palavras do eloquente orador.

Continuou o prestito a sua marcha até o Grupo Escolar, onde de novo tomou a palavra o dr. Benedicto Netto, saudando o director daquelle estabelecimento de ensino, corpo docente e alumnos, pela brillante festa que acabavam de realisar. Agradeceu e director, escusando-se de não o fazer em discurso, por se achar extremamente rouco.

Assim terminou a luzida comemoração do 7 de Setembro, dando a directoria e o corpo docente do Grupo Escolar uma bella licção de civismo aos seus alumnos.

**

Terminada a passeata, a directoria

e professores foram convidados assim como a banda do *Club Euterpe* a accitarem um copo de cerveja em casa do exmo. sr. tenente Francisco Ignacio Quartim.

A residencia d'aquelle illustre chefe estava repleta de cavalheiros distinctissimos, influencias politicas da localidade e da Posse.

Ahi foi servido profuso e escolhido copo d'agua a todos os presentes, trocando-se muitas saudações.

Não podendo retirar-se do seu quarto, por se achar incommodado, o illustre tenente Quartim alli mesmo, offereceu a alguns amigos que o foram cumprimentar, uma taça de *champagne*, sendo por essa occasião muito brindado.

A banda *Euterpe* executou diversas peças do seu escolhido repertorio, sendo ouvida, como sempre, com grande agrado.

**

Como complemento ás brilhantes festas do Grupo Escolar, alguns rapazes da nossa melhor sociedade, organisaram um baile nos vastos salões do *Gremio Portuguez*, conseguindo em pouco mais de duas horas reunir e mais selecto da sociedade moggy-miriana.

Daqui de S. Paulo deveriam seguir alguns professores para assistirem a tão brillante festa, mas devido á força maior não puderam fazel-o.

Agradecendo o convite que nos foi dirigido, daqui enviamos ao distincto collega os nossos sinceros parabens.

DESCONTOS

Com este titulo, a nossa illustre collega paulistana, *A Platêa*, de 14 de Setembro, inseriu a carta abaixo de *Um paulista*, relativa aos descontos projectados sobre os vencimentos dos professores publicos.

Transcrevendo-a em nossas columnas, queremos patentear á distincta collega que ella nos não pas-sou despercebida, e, ao mesmo tempo, agradecer-lhe o interesse que, actualmente, tem tomado pelos professores paulistas:

«Dos estados brasileiros, diz a referida carta, S. Paulo é o que mais tem feito em prol da instrução publica, base da civilização de um paiz. Cesario Motta, de saudosa memoria, foi o iniciador da reforma do ensino publico neste Estado, reforma essa que tem dado optimos resultados.

As nossas escolas modelo e grupos escolares, são estabelecimentos perfeitos no genero e que têm prestado valiosos serviços á educação da infancia.

O professorado paulista compenetrando-se dos seus arduos deveres, tem auxiliado valentemente o governo nos misteres do ensino, fazendo com que a nossa instrução publica seja louvada em outros Estados como adiantadissima e perfeita.

No emtanto, os vencimentos da nobre classe não compensam os seus esforços. Vencem os professores de grupos 350\$000 e os de escolas modelo 400\$000 mensaes. O trabalho, as disciplinas de ambos os estabelecimentos são as mesmas, de modo que esta distincção nos ordenados não é justa.

Agóra, porém, a classe que tanto tem trabalhado, ganhando os vencimentos de amanuenses das secretarias, acha-se desanimadissima com os boatos que correm de serem cortados os seus poucos vencimentos.

Isto é um tentamen que virá prejudicar a instrução paulista. Os educadores da mocidade vencem já tão pouco que anomalo será tornar menor ainda os seus ordenados.

Poupe-se, poupe-se em tudo—mas gaste-se sempre com a instrução, porque sem ella tudo viverá sem luz.

Quando o conselheiro A. Prado entrou para a camara municipal como prefeito, alguém lhe disse que para medida de economias, devia o illustre paulista diminuir os vencimentos dos funcionarios municipaes.

O habil administrador, porém, augmentou os ordenados dos mesmos, e a camara hoje tem sempre saldo. E' que os que trabalham, sendo bem pagos, sentem-se animados e os serviços não lhes peizam—sentem-se incansaveis.

O professor não tem, como os funcionarios de secretarias, accessos nos seus cargos.

Assim, o governo, o congresso e o sr. director geral do ensino, praticarão um acto de inteira justiça—não impondo desconto algum aos vencimentos dos obreiros da instrução, que tanto têm elevado o nosso Estado, perante os outros e até no estrangeiro.

Visto que não podem augmentar os seus minguados vencimentos, é razoavel que tambem os não diminuam.

Ao contrario, a obra de Cesario Motta, de Bernardino de Campos e de outros illustres patriotas irá ao caminho de outros tempos—tornará ás trevas!».

INSTRUÇÃO PUBLICA EM MINAS

Com a satisfação que sempre nos despertam as boas reformas de ensino no Brazil, transcrevemos as idéas capitaes da reforma de ensino primario que está em discussão no Congresso do visinho Estado de Minas, e que, é provavel, seja convertida em lei quasi como se acha, e lá executado no proximo anno de 1904.

Esse projecto é um substitutivo apresentado pela commissão de instrução publica do Congresso de Mi-

nas ao projecto do dr. Afranio de Mello Franco, do qual, entretanto, se aproveitaram as idéas geraes, que são esplendidas.

«Fica o Governo de Minas Geraes auctorizado a reformar o ensino primario e normal do Estado de modo que a escola seja um instituto de educação intellectual, moral e physica.

A reforma auctorizada—methodica e gradativa conforme os recursos do Estado—será feita sobre as bases estabelecidas na presente lei.

ENSINO PRIMARIO

Logo que seja promulgada a presente lei, mandará o governo proceder ao recenseamento da população em idade escolar.

No exercicio da attribuição que lhe é conferida neste artigo, observará o disposto no paragrapho unico do art. 2.º e nos §§ 1.º e 3.º do art. 3.º da lei n. 281, de 16 de Setembro de 1899.

Para estabelecimento de novas escolas, serão indispensaveis as seguintes condições:

I que a estatistica escolar, feita de accordo com o Reg., demonstre ser insufficiente o numero de escolas existentes em cidades, villas ou districtos;

II que a nomeação do professor adjunto não possa satisfazer a necessidade ou conveniencia do mesmo;

III que na escola ou escolas fundadas o numero de alumnos frequentes seja superior ao maximo de que se póde occupar um professor;

IV que nos districtos novamente creados exista casa publica de instrução primaria;

V que o Congresso, mediante pedido ou informação do governo, consigne verba orçamentaria para custeamento das mesmas.

Observadas estas condições, poderá o governo crear as escolas que se tornarem necessarias.

A frequencia minima para cada escola será de 20 alumnos nas escolas urbanas e districtaes, e 15 nas de colonias.

Será suspenso o ensino da escola, cuja frequencia em um semestre fôr inferior á exigida por esta lei, salvo si provar que:

- a) a causa fei epidemica ou fome;
- b) a causa tenha cessado.

Suspenso o ensino de uma escola só poderá ser restaurado quando tenham desapparecido as causas que o determinaram; e, si feita a restauração, continuar a falta de frequencia em outro semestre, será supprimida a escola, excepto si a causa fôr uma das da letra a, do artigo antecedente.

Nenhum professor se poderá occupar com mais de 40 alumnos frequentes.

Paragrapho unico. A escola que tiver numero de alumnos frequentes, superior áquelle, poderá ter um adjuncto.

O ensino primario será classificado—*elementar e complementar*, ou em *districtal e urbano*, e será ministrado em:

- a) escolas isoladas;
- b) escolas modelo;
- c) grupos escolares.

O ensino elementar ou districtal comprehenderá:

- a) leitura e escripta;
- b) ensino pratico da lingua vernacula, especialmente quanto á orthographia, construcção de phrases e redacção;

c) calculo de arithmetica sobre numeros inteiros e fraccionarios, systema métrico, regra de tres e de juros simples;

d) noções de geographia geral, do Brazil e especialmente de Minas;

e) noções de historia do Brazil, especialmente de Minas;

f) noções de sciencias physicas e naturaes, applicadas á agricultura e á hygiene;

g) noções praticas de fórmulas geometricas e de cousas;

- h) educação moral e civica;
- i) exercicios gymnasticos apropriados á idade e ao sexo;
- j) trabalhos de agulha para o sexo feminino.

O curso complementar ou urbano comprehenderá:

- a) o curso elementar ou districtal desenvolvido e aperfeiçoado;
- b) grammatica portugueza (ensino theorico e pratico);
- c) arithmetica elementar;
- d) desenho geometrico;
- e) cosmographia;
- f) noções usuaves de direito patrio, e elementos de economia politica para o sexo masculino e domestica para o feminino;
- g) escripturação mercantil pratica;
- h) leitura e explicação das constituições do Estado e da União;
- i) canto coral.

O curso primario se dividirá em series, correspondendo cada uma a um anno lectivo e as materias serão divididas em programmas officiaes.

Paragrapho unico. O regulamento determinará:

- I A duração do curso primario;
- II A mais conveniente subdivisão do mesmo, tendo em attenção a idade e o desenvolvimento da creança, e os preceitos pedagogicos.

Os professores serão obrigados a exgottar os programmas durante o anno lectivo, sob as penas que serão estabelecidas no Regulamento.

As escolas do ensino complementar e os grupos escolares serão fundados principalmente em cidades e villas de população numerosa, devendo ser preferidas aquellas cuja municipalidades auxiliarem ao Governo — fornecendo predios, mobiliario ou dinheiro, correspondente pelo menos a duas terças partes das despesas do estabelecimento.

Para matricula em escola complementar, quando venha a ser creada requerer-se-á approvação no curso elementar.

Destinadas á aprendizagem dos alumnos-mestres, as escolas-modelos funcionarão annexas ás Escolas Normaes, e como parte integrante destas, serão subordinadas ás suas directorias.

O ensino das escolas-modelo e dos grupos escolares comprehenderá as materias das escolas districtaes e urbanas.

Cada grupo escolar terá um director de livre nomeação do Governo e um secretario que será professor do grupo.

A's escolas-modelo e aos grupos escolares será dada a organização mais conveniente aos intuitos de sua instituição.

O dia escolar não excederá de seis horas.

São feriados nas escolas isoladas e nos grupos escolares:

- a) os domingos e dias sanctos;
- b) os dias de festa estadual e nacional;
- c) os tres dias de carnaval;
- d) os dias da Semana Santa;
- e) os dias que decorrem de 15 de Novembro a 15 de Janeiro.

Os feriados das escolas-modelo serão os das Escolas Normaes.

A's quintas-feiras o trabalho escolar durará somente duas horas.

Os professores de instrução primaria serão — effectivos, adjunctos e substitutos.

São effectivos os que obtiverem nomeação para reger definitivamente uma cadeira na forma da presente lei.

São adjunctos os nomeados para auxiliarem os effectivos.

São substitutos os nomeados para regerem cadeira durante as licenças concedidas aos effectivos.

Os professores effectivos e adjunctos serão nomeados pelo presidente do Estado, e os substitutos na forma determinada no Regulamento.

O provimento effectivo só poderá recahir em pessoas que provem, além

das condições que o Regulamento estabelece:

I Sua capacidade intellectual, por meio de diploma conferido por Escola Normal primaria — estadual ou equiparada, si a cadeira pretendida for de ensino primario; pela Escola Normal Superior, si o cargo pretendido for de professor de escola normal primaria, escola-modelo, grupo escolar, lyceu ou gymnasio, ou de inspector ambulante;

II Sua capacidade moral e physica pelos meios e modos determinados no Regulamento.

Paragrapho unico. Enquanto não houver diplomados pela Escola Normal Superior, para cargos que devem ser por elles occupados, poderão ser nomeados provisoriamente normalistas de outras escolas.

Sempre que ao provimento de uma cadeira concorrerem dois ou mais normalistas, reunindo as mesmas condições prescriptas no artigo antecedente, levar-se-á a mesma a concurso na forma estabelecida no Regulamento.

Dada a egualdade de classificação, terá preferencia:

I O professor adjunto, com dois annos de exercicio;

II O que melhor notas tiver tido no curso normal, relativamente ao aproveitamento e comportamento;

III O que melhores provas apresentar de capacidade moral

Os adjunctos serão nomeados dentre as pessoas que tiverem os requisitos exigidos para professores effectivos.

Para substituto poderão ser nomeadas pessoas de reconhecida idoneidade intellectual, moral e physica, desde que não appareçam pretendentes com preferencia legal.

1.º Não se dará substituto ao professor effectivo que tiver adjunto.

2.º Si a licença for por mais de seis mezes, sô poderá ser substituto quem tiver os requisitos para adjunto.

Os professores effectivos gosarão das seguintes vantagens:

I Augmento proporcional de vencimentos em cada decennio de magisterio, quando tenham dado provas de competencia, assiduidade e zelo, o que será apurado pelos meios prescriptos em Regulamento;

II Remoção e permuta de cadeiras solicitadas, desde que não fique prejudicado de modo algum o ensino publico;

III Direito a uma cadeira emquanto bem cumprirem os deveres do magisterio;

IV Direito á cadeira de igual categoria, quando, por conveniencia do ensino publico, for supprimida a que estiverem regendo desde que tenham boas notas.

Paragrapho unico. O tempo para 1.º augmento proporcional de vencimentos se contará da data da promulgação desta lei. O augmento será fixado pelo Congresso e incluído no orçamento no ultimo anno do decennio.

Será amovivel o professor nos casos de necessidade do ensino publico. A remoção será, porém, precedida de processo disciplinar em que se apure a sua necessidade.

Ficará avulso o professor que for atacado de molestia contagiosa ou repugnante.

Poderá o governo transferir as escolas estabelecidas de um municipio para outro, de accordo com as conveniencias de ensino, desde que o municipio donde fizer a transferencia fique com as escolas necessarias.

ENSINO NORMAL

O ensino normal, destinado a formar os professores das escolas normaes, dos lyceus e gymnasios, e das escolas primarias, e inspectores ambulantes, dando-lhes a educação intellectual, moral e pratica necessaria para o bom desempenho dos seus deveres, será ministrado em:

a) Escola Normal Superior, com séde na Capital do Estado;

b) Escolas normaes primarias;

c) Escolas normaes — municipaes ou particulares; equiparadas ás do Estado.

A primeira terá por fim principal o preparo de professores destinados á regencia das cadeiras das escolas normaes primarias, dos lyceus e gymnasios, das escolas-modelo e grupos escolares, e de inspectores ambulantes e quaesquer outros funcionarios do quadro da instrucção publica, cujas funcções exijam conhecimentos mais completos do ensino.

As demais têm por fim o preparo de professores para o magisterio primario.

O ensino normal superior comprehenderá as seguintes disciplinas:

Portuguez, francez, inglez e latim. Arithmetica e escripturação mercantil.

Geometria, agrimensura e nivelamento.

Generalidade de anatomia, physiologia e hygiene

Physica e Chimica.

Sciencias naturaes.

Agricultura e horticultura.

Geographia e Historia, particularmente do Brasil e especialmente de Minas.

Instrucção moral e civica.

Pedagogia e administração escolar.

Principios geraes de direito patrio e economia politica e domestica.

Canto e musica.

Gymnastica e exercicios militares.

Trabalhos agricolas e manuaes.

Desenho.

A distribuição das materias far-se-á pelos annos do curso e pela semana, de modo que cada professor dê diariamente pelo menos duas aulas de hora cada uma.

As licções de agricultura deverão ser completadas por exercicios praticos, excursões agricolas e visitas feitas, sob a direcção dos professores, aos es-

tabelecimentos agricolas mais importantes da região.

O ensino de gymnastica e dos exercicios militares deverá ser ministrado durante os intervallos entre as aulas das outras materias.

Haverá aulas ás quintas-feiras, fazendo-se nestes dias, de preferencia, os exercicios praticos.

O ensino normal primario comprehenderá as seguintes disciplinas:

Instrucção moral e civica, noções de direito patrio e de economia politica e domestica.

Lingua vernacula e elementos de litteratura nacional.

Historia, particularmente do Brazil e especialmente de Minas.

Arithmetica elementar com applicação ás operações praticas; systema metrico; noções de calculo algebrico e de escripturação mercantil.

Geometria elementar, agrimensura e nivelamento, e desenho linear e topographico.

Elementos de sciencias physicas e naturaes com suas applicações principaes á agricultura e horticultura.

Pedagogia, administração escolar e hygiene especialmente das escolas.

Francez.

Canto e musica.

Gymnastica, exercicios militares e trabalhos manuaes.

O curso normal superior será feito em 4 annos, e o normal primario em 3.

O governo dará á Escola Normal Superior uma organização que assegure os fins de sua instituição; solicitará do Congresso a criação dos empregos necessarios, e fará a primeira nomeação do pessoal docente — dentre as pessoas de reconhecida e incontestavel competencia, preferindo os que tenham prestado bons serviços á instrucção publica, se tenham distinguido por trabalhos scientificos ou literarios no exercicio do professorado; ou por concurso que será empregado nas nomeações subsequentes.

A esta Escola poderão ser dados cursos annexos.

Uma Escola Normal primaria poderá ser convertida em grupo escolar em qualquer destes casos:

I Falta de frequencia legal em um semestre, a não ser por motivo de epidemia provada;

II Pedido feito ao governo pela respectiva Congregação e pela Camara do municipio onde estiver estabelecida.

No regulamento que o governo expedir organizará o programma das Escolas Normaes e estabelecerá:

I As condições e época da matricula;

II As condições e épocas dos exames;

III Frequencia minima de 60 alumnos para a sua manutenção;

IV A taxa de matricula ou inscrição, a qual não será inferior a . . . 120\$000, sendo isentos do pagamento os candidatos reconhecidamente pobres, até o numero de 9 para todo o curso;

V As condições e modo de concurso para o provimento de suas cadeiras;

DIRECÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E INSPECÇÃO DO ENSINO

A direcção, administração e inspecção do ensino, quer publico, quer particular, em todos os seus graus e categorias, compete ao presidente do Estado, que as exercerá por meio do secretario do interior, o qual terá os seguintes auxiliares:

I Um Conselho Superior;

II Inspectores ambulantes;

III Inspectores municipaes;

IV Inspectores districtaes.

O Conselho Superior, cuja séde será a Capital do Estado, compor-se-á de 11 membros, sendo:

a) o secretario do Interior, presidente;

b) os directores dos estabelecimentos publicos do ensino da Capital.

c) membros do magisterio, que o governo nomeará para completar o numero fixado.

Os membros de nomeação servirão por um anno, podendo ser reconduzidos.

O conselho Superior será reorganizado de modo que melhores serviços possa prestar, collaborando com o governo no desenvolvimento, aperfeiçoamento e inspecção de ensino no Estado.

Ficam creados seis logares de inspectores ambulantes, cujas attribuições serão determinadas em Regulamento. Serão de livre nomeação do governo, tendo preferencia normalistas que hajam exercido o magisterio com proficiencia.

Os inspectores municipaes e districtaes serão nomeados pelo presidente do Estado, que poderá preferir os promotores de justiça e seus adjunctos.

Suas attribuições e deveres serão definidos em regulamento.

ENSINO PARTICULAR E MUNICIPAL

Continuarão em vigor as disposições do capitulo unico do titulo IX da lei n. 41, de 3 de Agosto de 1892.

O governo terá junto das Escolas Normaes equiparadas ás do Estado, fiscaes, de sua livre nomeação, a quem ellas pagarão as seguintes gratificações annuaes:

a) sendo a Escola Municipal 1:000\$000
b) ensino particular 1:000\$000

Os exames das referidas escolas não serão validos, si não forem approvados pelos delegados do governo.

DISPOSIÇÕES DIVERSAS

Poderá o governo aproveitar para adjunctos os professores em disponibilidade.

O Congresso consignará annualmente na lei orçamentaria uma verba nunca inferior a 100:000\$000, e o governo solicitará o auxilio das municipalidades e dos municipios, podendo para este fim nomear commissões de instrucção publica, cujas attribuições sejam conferidas em Regulamento.

Fica o governo auctorizado a crear quando julgar conveniente e opportuno, sem augmento de despeza, aproveitando para tal fim uma das directorias das Secretarias actuaes, uma *Directoria Geral de Ensino*, com attribuições e deveres determinadas em Regulamento.

Dentre os alumnos pobres que mais se distinguirem no curso primario completo, pela intelligencia, bom procedimento e assidua applicação ao estudo, poderão ser admittidos gratuitamente até 6 no Internato e 12 no Externato no Gymnasio Mineiro, tiradas das diversas zonas do Estado.

Os professores nomeados de accordo com o novo programma de ensino, e nos termos do Regulamento, terão os vencimentos marcados na tabella annexa.

Será mantida a tabella em vigor para os nomeados, até que comece a vigorar a reforma.

TABELLAS DE VENCIMENTOS

Ensino primario :

Professor da escola isolada.	2:400\$000
Professor de escola modelo.	2:600\$000
Professor de grupo escolar.	2:600\$000
Director de grupo escolar.	400\$000

Ensino normal :

Professores da Escola e das primarias, Normal Superior, excepto os de

desenho e calligraphia, musica, gymnastica e exercicios militares.	3:800\$000
Professores das cadeiras acima exceptuadas.	2:400\$000
Director, sendo um dos professores.	1:200\$000
Inspector ambulante.	5:000\$000
E diaria de viagem de inspecção, sem outras vantagens.	10\$000

A Repartição da Educação dos Estados Unidos, seguindo diz o Dr. Caze na *Revue*, acaba de tomar uma medida de grande alcance propondo a adopção de um systema de ensino absolutamente novo e mais racional do que todos os conhecidos. J. de C. de 24-8-903.

As investigações feitas demonstram peremptoriamente que os estudos por meio de livros são prejudiciaes ás crianças. O menino tem necessidade de mover-se e é preciso voltar-se ao methodo peripathetic; cresce-se, material e intellectualmente, andando e não estando parado, *crescit eundo*. Os livros devem ser substituidos pelos passeios, as lições em classe por visitas aos museus, aos jardins e ás officinas; as theorias pela vista das cousas. Os instrumentos com que os professores devem dosar a quantidade de impressões cerebraes que o menino pôde soffrir diariamente permitirão não commetter excessos nem perder energias.

A experiencia demonstra que quem entrega-se habitualmente a occupações intellectuaes o faz á custa de suas forças physicas. E' sabido que as crianças desenvolvem-se mais durante as férias do que durante o curso, e que a dyspepsia e a perda das energias vitales são o resultado frequente da fadiga cerebral. O exercicio moderado reforça os musculos,

da mesma fórma que o que é excessivo debilita-os. Tudo se acha em perfeita relação.

O inquerito aberto pela Repartição de Educação evidencia que o menino não pôde estar quieto por muito tempo, a menos que não se o viole para isso. Os dados recolhidos pelos pais e mestres para saber quanto tempo pôde conservar-se immovel um menino e qual é a parte do corpo que primeiro entra em movimento, mostram que em regra geral a immobibilidade completa de um menino que esteja livre não passa de um minuto ou minuto e meio de duração, começando a agitação pelas mãos e braços, pelo franzir das sobrancelhas, e jogo dos labios e dentes. Os adultos supportam melhor a immobibilidade, mas isto é porque a sua vontade se impõe, conquanto não sem esforço, á tendencia natural ao movimento.

Até mesmo no somno persiste o movimento como uma necessidade physiologica. De 70 meninos adultos observados, 38 estiveram constantemente movendo-se a cada instante. Por outro lado, de 152 meninos irrequietos, 93 gozavam de excellente saúde e só 23 eram doentios; 23 eram alegres, 71 extremamente alegres e só 10 tristes e melancolicos, o que permite tirar a consequencia de que o menino sadio é o que se move muito. De 108 meninos inertes, 44 gosavam de boa saúde, 58 eram alegres, 45 pensativos e 27 applicados, de onde se deduz que a saúde do menino pacifico não é tão boa quanto a do menino vivo e irrequieto.

A causa principal do regimen de immobibilidade a que se condemna os meninos nas escolas é a crença de que não é possivel ensinar-lhes cousa alguma, a menos que não se os preda sobre um banco por varias horas afim de que prestem attenção. E' um erro gravissimo. A lição de cousas

deve preferir-se á lição recitada ou dictada. Devem exercitar-se os sentidos; só mais tarde cabe appellar para a razão. E não é só limitar-se a mostrar-lhes os objectos, é preciso ensinar-lhes a vê-los e comparal-os.

Importa, além disso — e é aqui a novidade do systema, pois e que até agora foi dito nada tem de novo — que o mestre proporcione o esforço intellectual do menino á sua sensibilidade nervosa e á sua resistencia mental. Para isso são precisos instrumentos de precisão que até agora só eram encontrados nos laboratorios de physiologia e que de ora em diante serão empregados nas escolas, taes como: o algometro, o palatographo, o labiographo, o glossographo, o goniometro, o miographo, o ergographo e outros devidos á inventiva do dr. Arthur Mac-Donald. Os laboratorios de Sorbonna fizeram os primeiros trabalhos, porém os Americanos souberam deduzir as applicações e serão os primeiros a gosar destes adiantamentos pedagogicos, que representaram verdadeiro progresso se forem contidos na medida do prudente e do pratico, e não em caso contrario.

Evangelho da educação

(APHORISMO DE GREAT)

Parcimonia nas regras e abundancia de exercicios; não esquecer que para a creança o melhor livro é a palavra dos mestres; empregar sua memoria só como ponto de apoio, fazendo com que o ensino penetre até á sua intelligencia; fazel-a descobrir aquillo que quizermos ensinar-lhe; procurar ter o seu espirito em actividade e sua intelligencia despertada; afastar dos factos caracteristicos os detalhes confusos; na geographia partir da rua ao lugar, desde ao dis-

tricto, do districto ao municipio, ao estado, ao paiz, ao mundo; na historia sacrificar os detalhes pondo em relevo o desenvolvimento da nacionalidade, o progresso das leis sociaes.

Carissimos Collegas

Arnaldo e Puiggari

Ha idéas contagiosas, terrivelmente contagiosas. E o peor é que—para evitar esse perigoso contagio—não ha nenhuma panacéa prophylactica enfrascada ou em dosagens medidas para injecções subcutaneas.

As idéas alheias, as idéas do *tempo*, sorrateiramente se nos vão imbuindo pelo espirito a dentro tentando desalojar o nosso *eu*, pelo dolo e pela fraude, e, então, se exteriorisam mascaradas com as *illuminuras* dum estylo proprio. Só tardiamente, — quando nunca,—uma floração melhor vem constituir em nós uma entidade intellectual autonoma, expulsando a turba desordeira das intrusas.

Assim foi e assim será. Em litteratura, principalmente, as idéas quasi nunca pertenceram aos individuos, mas ao *tempo* em que nasceram.

Houve uma época de poetas romanticos de idealismo platonico muito lamuriento;—vieram depois os poetas volterianos, vesperinos; mais tarde os epilepticos, nevroticos, e assim até o apparecimento contemporaneo dos materialistas, desses que, a conta das loiras musas, vão por ahí esvurmando os alicerces sociaes. Cada qual no seu tempo.

Eu, por exemplo, deixei-me arrastar passivamente pela correnteza caudal da moda—a critica.

Não passam mais camarões por malha. Lembra-se alguém de escrever uma coisa qualquer, e lhe sae pela frente um critico venenoso ou enve-

nenado, de estadulho em punho, a desancal-o sem piedade pelo *systema da cabra-cega*.

A verdadeira critica encara a obra em seu conjuncto, estudando cuidadosamente as suas vantagens e defectos, as suas qualidades boas e más, e, só depois se manifesta, conforme o lado para o qual se inclina o fidelissimo *fiel* de sua balança de precisão.—Só então põe em relevo os detalhes para inspirar uma corrigenda futura,—si a opinião é favoravel,—ou como contrapeso para o mergulhão, si a *coisa* não prestar positivamente.

Bem se vê que não me refiro a tal critica,—não está na moda. Fóra desta, ha ainda tres.

Ha a critica desavergonhada, mexeriqueira,—a critica dos fundeiros que, para carregarem as suas fundas, vão procurar em lamaças esterquilinios as balas emporcalhadas que nos lançam em furiosa surriada.

No extremo opposto está a critica mansa, toda cheia de adocicadas bumbaias, e que tudo acha perfeito e bom porque só examina pelo prisma enganador das complacencias amistosas.

Mediando entre uma e outra está a critica mordaz de vespeiro, de onde surgem malevolas vespas que nos apunhalam com ardidias ferroadas—emquanto nos passam pelos labios os ammelados favos aromaticos que fabricam para uso proprio e logro dos incautos.

Imbuído das *novas* ideias, parece-me azada a occasião para exercitar em vosso livro minha competencia critica, visto ter elle passado quasi incólume por entre a cerrada fileira dos criticos de arribação.

Tão cortantes e açacaladas são as armas que me forneceram os mestres da critica moderna que, si vosso livro escapar-se illeso, hei de recomendar-o aos higienistas como substancia mais antiseptica que o *pear's-soap* phenicado.

Nestas excellentes disposições abriu casualmente o «Primeiro Livro de Leitura» na pagina 50. Lá está, em desenho, um asqueroso reptil e, por cima, em typo preto, o titulo da historietta: «O CROCODILO».

Puz-me logo de más avenças com os autores e a obra.

Desaforo! bradei esmurrando o livro!—Pois ha ainda quem escreva em um primeiro livro de leitura historias de crocodilos, cobras e lagartos ou animaes que os valham?—Desaforo!

Fóra com os crocodilos e todos os mais reptis e amphibios, inclusive os auctores kagados.

Preparei novamente a ponta agulinea, tachigraphica, do meu lapis, que havia quebrado num auge de esmurradora indignação critica,—e atirei-me á historia do crocodilo, resolvido a não perdoar o mais insignificante descuido dos pedagogos zoologicos, na descripção do feio reptil.

Lí a historietta e,—não sei como o confesse para a minha eterna rila,—senti um amargoso despeito ao ver que fóra logrado, indignamente logrado, na minha aggressiva esperança de critica picaresca....

Revela o vosso livro uma observação tão criteriosa, tão attenta e tão perfeita da psychologia infantil que,—a cada lição, a cada pagina, a cada sentença que lia,—vibravame docemente na alma uma indivisivel saudade dos tempos queridos da meninice.

Ao ler a historietta da pagina 137—«Uma injustiça gera outras»—senti humedecidos os olhos, e assim fui lendo até á pagina 152, onde está a lição—«A imagem dos filhos». As lagrimas difficilmente me permitiram delettrar as ultimas palavras dessa pagina adoravel que transpira a candida meiguice, a infinita docura da alma angelical de Luizinha...

Dulçorosa nostalgia que nos mostra atravez de um prisma de lagrimas crystallizadas—o chilrear alegre da infancia descuidosa.

E, no entanto, não é triste o vosso livro; deve fazer rir ás creanças, por isso que faz chorar os homens.

A feição particularmente encantadora do livrinho,—a oportunidade com que as mais bellas lições de moral surgem naturalmente dos alegres contos infantis,—é que o torna recommendavel como livro pedagogico.

Não se pôde admittir um livro de leitura, verdadeiramente pedagogico, si em cada lição não houver um exemplo a seguir,—um conselho que possa prevenir uma falta, ou um ensinamento que desperte sentimentos nobres na alma impressionavel da criança. Mais que nunca é necessario que os livros escolares apresentem esta feição moral caracteristica, porque, infelizmente, pouco se cultivam, em nossos tempos, os sentimentos bons. A educação moral quasi descurada, já não faz do lar o cadinho rectificador onde se acrisolam os sentimentos legitimos e doces.

A leitura é, sem duvida, uma das disciplinas escolares que maior somma de esforço exigem de parte do professor, assim como a mais cuidadosa attenção por parte do alumno.

O segredo de bem ensinar a ler (já se vê que não me refiro á aprendizagem de leitura do 1.º anno)—está no livro, exclusivamente no livro.

Quantas vezes distribuindo os nossos livros para as lições de leitura em classe, notamos nitidamente estampados na physionomia dos alumnos, um tedio invencivel, um preguiçoso canção!. E' que o livro é mau; não prende sua attenção,—não lhes desperta interesse...

Quando o professor chama a at-

tenção do alumno para uma sentença mal interpretada na leitura,— para uma pontuação mal feita, a criança repete o trecho lido, arrastadamente, com pronunciado desgosto.

Entretanto, si o livro está de accordo com a espontanea alegria da criança,—si a linguagem é simples, natural e ao seu alcance, si photographa uma phase qualquer da sua vida, como é facil conseguir uma boa leitura!— A criança lê a mesma lição duas, tres, muitas vezes sempre com o mesmo interesse e attenção, e o professor consegue quasi sem esforço uma pontuação perfeita, com entonação de voz correspondente e uma boa interpretação.

Devemos ter para leitura livros mais ou menos objectivos em que se estudem sciencias physicas e naturaes; factos de historia patria que despertem sentimentos civicos, ou phenomenos scientificos quaesquer postos ao alcance da intelligencia infantil em linguagem ligeira e amena.

Entretanto, esses livros devem ser adoptados para uma leitura "supplementar, em que o professor se não preocupe demasiadamente com as exigencias da *fôrma*, prejudicando a comprehensão do *fundo*.

Para ensinar a ler, propriamente, querem-se livros mais subjectivos que, em seu conjuncto, despertem o interesse da criança prendendo-a mais pelo coração do que pela intelligencia.

Como exemplo, temos o enthusiasmo que sempre desperta nos alum-

nos de nossas classes superiores a leitura do «*Coração*».

Si Edmundo de Amicis, alliasse ao seu talento invejavel de uma cuidadosa observação da psychologia infantil, um conhecimento perfeito de pedagogia pratica,—o «*Coração*» seria, não sómente um livro admiravel como é, mas um livro quasi insubstituivel.

Todas essas qualidades necessarias e indispensaveis em um livro de leitura, o vosso as possui em alto grau. Para o 2.º anno do curso preliminar, principalmente de certa época em diante, não conheço livro que possa substituir vantajosamente o vosso. Dentre as 70 lições que o constituem não ha uma só que não seja a representação fiel do coração infantil:—é todo elle a historia da vida de uma criança, em todas as suas phases que tão bem se caracterizam numa torrente de lagrimas que borbulham dos olhos para se esconderem no cantinho de uns labios nacarinos que se desatam na alegre cavatina dos sorrisos.

Entretanto quero distinguir «*A imagem dos filhos*» e a historia toda de Zilda. São paginas admiraveis, de uma tão nitida concepção da affectividade da criança, com uma linguagem tão simples, tão encantadora que se não vislumbra o *tour de force* necessario para limitar o estylo proprio dos autores á esphera da comprehensão infantil.

Dir-se-ia que foram escriptas por uma penna de mestre, inspirada por uma alma de criança.

M. C. JUNIOR.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Nos dois ultimos mezes realisou a directoria desta Associação mais duas reuniões ordinarias.

Foram propostos socios mais 13 professores.

A directoria tomou conhecimento de duas importantes propostas, que foram acceitas: uma dos cirurgiões-dentistas srs. Italo Spinardi e Antonio Cardoso, que se offereceram para prestar os serviços de sua profissão aos associados e suas exmas. familias, fazendo 20 % de abatimento nos preços; e outra do dr. Aristides de Campos Seabra, que poz á disposição dos srs. consocios seus serviços clinicos.

Muitos foram os auxilios dispensados a associados enfermos e esse facto, que comprova a benefica influencia desta Associação no seio da classe, é um titulo que já a recommenda á benemerencia. Que não lhe falte, como um incentivo, o apoio moral do professorado paulista e que, para lhe assegurar a vida se communguem todos nós, e ella que já produz seus fructos, que são os beneficios que tem semeado, terá esperanças de commetter mais nobres e alevantados tentamens.

Para isso seremos indefessos e energeticos na nossa actividade e, então, melhor ha de nos sorrir o futuro, porque desde que haja nas nossas fileiras a mais perfeita unidade de vistas, com as sympathias que já angariamos no coração do publico, se nos desantolharão mais risonhos dias...

Uma informação sobremaneira agradavel aos srs. consocios: a da dimi-

nuição da mensalidade, proposta que foi apresentada na nossa derradeira sessão ordinaria, e que será submettida á approvação da Assembléa Geral a effectuar-se em Janeiro de 1904.

Outrosim, continuamos a expedir nossos diplomas sociaes.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo, 15 de Setembro de 1903.

ANTONIO PEIXOTO,

1.º secretario

POSTO MEDICO

São medicos da Associação:

DR. CARLOS MEYER

E' encontrado em sua residencia, á rua Amaral Gurgel, 16 (villa Buarque), todos os dias, até ás 9 horas da manhã.

O dr. Meyer promptifica-se a fazer visitas diurnas ás familias dos associados, na Capital, pelo preço de 5\$000.

DR. ARISTIDES DE CAMPOS SEABRA

Consultorio: rua de S. Bento.

Residencia: rua Barão de Itapeitinga, n. 71.

Dá consultas nas mesmas condições do dr. Carlos Meyer.

DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO

Residencia: rua Victoria, 157
(Pharmacia da Fé).

Dá gratuitamente consulta aos associados.

DR. ROBERTO GOMES CALDAS

Residencia: rua de S. Bento, 38.
Dá consultas aos associados e faz visitas diurnas ás suas familias pelo preço de 5\$000.

PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20 %:

Pharmacia de Santa Thereza, de IGNACIO PUIGGARI, á rua Santa Thereza, n. 9.

Pharmacia e Drogaria, de JOÃO SANTOS & COMP., á rua de S. Bento n. 56

Pharmacia Assis, de C. DE ASSIS RIBEIRO, á rua 15 de Novembro n. 1.

CIRURGIÕES DENTISTAS

O *cirurgião dentista*, sr. JAYME TEIXEIRA, presta aos associados os serviços de sua profissão, fazendo abatimento nos preços e com a facilidade de serem os respectivos pagamentos feitos em prestações mensaes.

Gabinete e residencia: rua General Jardim n. 73, canto da rua Cesario Motta.

CONSULTAS: das 8 ás 10 horas da manhã, e das 11 ás 5 horas da tarde.

Os *cirurgiões dentistas* ITALO SPINARDI e ANTONIO CARDOSO prestam aos srs. associados e ás suas exmas. familias os seus serviços profissionaes, fazendo a redução de 20 % sobre os preços.

Gabinete: rua da Quitanda n. 2.

TERRENOS NO YPIRANGA

Acham-se na Secretaria da Sociedade os recibos das futuras prestações.

Os sorteios mensaes de bonificação têm sido effectuados regularmente desde Março, mez em que ultimou o prazo para as inscripções.

Nos quatro sorteios já realizados e relativos aos mezes de Março, Abril, Maio, Junho, Julho e Agosto, foram premiados os numeros: 294, pertencente ao sr. Fructuoso Pinto da Silva; 210, pertencente ao sr. Angelo Fracalanza; 286, pertencente ao sr. Arthur Soares; 13, do sr. Pedro Gandolfi; o do C.^o Bernardino José Dias, e o do dr. Manoel Gonçalves Theodoro.

Os lotes sorteados tinham os numeros 146, 199, 291, 497, 406 e 185.

Para quaesquer informações, os interessados podem dirigir-se ao sr. Antonio Peixoto, 1.^o secretario.

MORDOMAS

Outubro: D. Eulalia Ortiz da Silva.

Novembro: D. Alzira de Andrade Pontes.

NOTICIARIO

Santos Dumont.

Associando-se ás justas manifestações de todo o povo brasileiro, ao receber em seu seio o seu mais notavel concidadão, a *Revista de Ensino* colloca hoje na sua pagina de honra o retrato de Santos Dumont.

Aos vibrantes applausos com que o acolheram os seus patricios, aos entusiasticos vivas que o acompanharam desde o instante que pisou o sólo de sua Patria, reuna o intrepido aeronauta esta homenagem dos educadores paulistas, a qual por ser modestissima no feittio, não é menos profunda, nem menos grandiosa na essencia.

Marchemos !

Devido á gentileza do distincto collega sr. Pedro Mello, professor do Grupo Escolar de Piracicaba, recebemos um primoroso hymno escolar com aquelle titulo, letra e musica do referido collega.

O hymno é dedicado á infancia brasileira.

Agradecido, apresentamos nossas felicitações ao incansavel educador.

Inauguração.

Brevemente será inaugurado mais um grupo escolar na cidade de Jaboticabal.

Parabens á infancia paulista por mais este auspicioso acontecimento.

Auxilio a professores.

A Camara de Ribeirão Bonito, por proposta do vereador dr. Aurelio Neves, approvou a concessão de um auxilio de 50\$000 aos normalistas que dirigem as escolas do governo, e creou uma escola municipal para o sexo masculino, vencendo o professor... 150\$000 mensaes.

Oxalá lhe seguissem o patriotico exemplo as demais Camaras do Estado de S. Paulo, que seria esse o meio de recompensar condignamente os mais fecundos obreiros da prosperidade do nosso já invejavel Estado.

João Grisante.

Estè nosso operoso collega, que exercia o cargo de adjuncto do grupo escolar de Mocóca, foi, por decreto do mez passado, nomeado para igual cargo no grupo de Itatiba.

Os pezames que damos ao grupo de Mocóca, contrabalançamos com os parabens que enviamos ao de Itatiba, e oxalá saibam alli ter aquelle nosso collega no devido conceito de que é merecedor.

A população mocoquense, per intermedio de sua imprensa local, o acatou devidamente.

E não é demais! Em Espirito Santo do Pinhal aquelle nosso collega excedeu-se pela pontualidade, amor ao ensino e exacto cumprimento de seus deveres no magisterio.

São ornamentos da classe, collegas como este.

Escola Normal.

Os alumnos deste nosso magestoso estabelecimento de ensino realisaram no dia 2 de Agosto, data anniversaria da reabertura de suas aulas, uma encantadora festa, que obedeceu ao programma abaixo.

Compareceram as principaes autoridades de ensino, que sahiram agradavelmente impressionados.

Não nos cansaremos de bater palmas á illustre pleiade de moços que desde os bancos escolares já manifestam verdadeiro entusiasmo pela agra missão a que se vão entregar.

Eis o programma que foi brilhantemente executado:

Patria, romança.

Discurso official, por Saturnino Barboza.

Discursos de Alcino Cotti e Armando Araujo, representando a secção masculina da Escola Normal.

Setembro — Canção lyrica.

Discursos das sras. Maria Antonietta de Mello Souza e Julieta Mallet, como representantes da secção feminina.

Minha mãe — Canção lyrica.

Discurso.

Todos cantam sua terra -- romança.

Hymno da Proclamação.

Dr. Frederico Abranches.

Falleceu no dia 17 do corrente, após dolorosos soffrimentos, o illustre lente da Academia de S. Paulo, Ex.^{mo} Sr. Dr. Frederico Abranches.

Não precisamos fazer o panegyrico do illustrado brasileiro: todos os jornaes desta Capital e do Brazil inteiro, por onde se acham espalhados os seus discipulos, já o fizeram com phrases cheias de justiça e saudade. Consignamos apenas o luctuoso facto, dando sinceros pezames á politica republicana e ao Estado de S. Paulo, por essa perda irreparavel.

Os mestres da literatura infantil.

O nosso collaborador R. Puiggari, á vista do successo alcançado pelas suas traducções de Tolstoi, que estão sendo transcriptas em grande numero de jornaes do interior, resolveu inaugurar pela nossa revista, com o titulo que encabeça esta noticia, a publicação de uma grande serie de trabalhos dos mais notaveis escriptores que se têm dedicado a este genero de literatura. O professor Puiggari, que ha longos annos se dedica a este ramo de pedagogia, tem um manancial por assim dizer inesgotavel.

Novo Grupo Escolar.

Mais um estabelecimento de ensino publico acaba de ser inaugurado em Casa Branca.

Foi uma festa imponentissima a da inauguração do Grupo Escolar daquella cidade.

Esteve presente o Sr. Dr. inspector geral do ensino.

O novo estabelecimento está confiado á intelligente direcção do nosso collega Moyses Horta de Macedo.

Prosperidades.

Literatura Infantil.

Acquiescendo gentilmente ao convite que lhe fizemos, começa desde hoje a abrilhantar as columnas daquella secção da nossa *Revista*, o illustrado literato e distincto poeta, Benedito Octavio.

Publicamos, neste numero, a poesia «Os Passaros», pela qual vemos mais uma vez confirmada a alta reputação do mavioso cultor das Musas, que, num concurso literario, na Bahia, alcançou o segundo premio num drama em versos apresentado em concorrência com muitos trabalhos dos nossos meliores literatos.

Cousas do dia

D'O *Taubateano*, de 16 de Julho de 1903, extractámos o que segue:

«A média da frequencia escolar tem sido alta, tanto nos grupos como nas escolas, isoladas e a procura de matricula torna-se cada vez maior. A este proposito, prevendo o sr. secretario que o Estado não poderá de futuro satisfazer as crescentes exigencias do ensino publico primario, lembra medidas tendentes a desenvolver o ensino particular, o qual, vencido actualmente pela excellencia e gratuidade das escolas officiaes, quasi tem desaparecido entre nós».

O sr. dr. Domingos Corrêa de Moraes, honrado vice-presidente do Estado de São Paulo, na sua mensagem enviada ao parlamento paulista, entre outras duras verdades, referindo-se ao ensino publico e de accordo com seu secretario, exprime-se com as palavras que acima transcrevemos fielmente e cuja importancia não necessita de maiores commentarios.

O ensino publico em nosso estado attingiu um gráo de perfeição invejavel.

O programma é o que de mais completo se pôde desejar e o professorado honra esta terra gloriosa dos Andradas.

Entretanto, com a franqueza peculiar a todos os homens de bem, o sr. Domingos de Moraes disse, e disse-o em documento solemne, que o Estado não poderá de futuro satisfazer as exigencias do ensino publico.

A crise que em medonhas convulsões faz torcer todas as clases sociais, attingiu os poderes publicos e o Thesouro do Estado debate-se tambem nessas mesmas angustias, o que aliás é naturalissimo.

Mas o objectivo de nossas palavras de hoje é diverso do que muitos até aqui tenham pensado.

O nosso fim é lembrar aos poderes publicos, ao nosso Congresso a necessidade, de não sómente darem, com leis sabias, incremento ao ensino particular, como tambem prever o futuro das familias dos professores, que nem sempre podem ou procuram prevel-o. De facto, os nossos professores, a par de suas aptidões, percebem honorarios que não dão razão a que formulem a minima queixa, aposentam-se muitas vezes no gozo de perfeita saúde, e disto elles não tem culpa porque a lei isso lhes faculta, e entretanto não poucos deixam á familia um legado que não está em harmonia com o papel nobre que em vida desempenharam.

Não haverá um meio de pôr a isso um paradeiro?

Cremos que sim. Se o professor deve perceber durante seus serviços activos 300\$000 mensaes, aliás muito bem ganhos, porque não se lhe ha de reduzir 10 ou 20 por cento, instituindo com isso um monte-pio que sirva para pôr, de futuro, a familia ao abrigo, não diremos de necessidades, mas francamente da miseria? Porque é que outras classes de empregados publicos gosam, mediante o que acabamos de lembrar, dessas regalias que nenhum onus acarretam aos cofres publicos e os preceptores da mocidade, esperança grandiosa da patria querida, não hão de tambem entrar no goso dessas mesmas prerogativas?

Meditem os que nos têm no que acabamos de expor e auxiliem-nos, os que podem, com suas luzes a fazermos tomar em consideração essa aspiração, digna por certo, de todos os que ao esbanjamento de hoje preferem o conforto de amanhã.

Novos horizontes.

Consta-nos que o governo do Estado de Minas Geraes, conhecendo as medidas economicas projectadas pelo

governo de S. Paulo, pensa em aproveitar a pratica dos nossos professores para a reforma alli começada.

Medidas preventivas.

Desde que um menino apresente febre, deve ser immediatamente retirado da escola. Em caso de variola deverá ser retirado, os livros destruidos. Far-se-á desinfecção geral. Os professores e alumnos serão revaccinados. Só depois de 40 dias poderá voltar o alumno enfermo.

ESCARLATINA—Os enfermos serão retirados; livros e cadernos, destruidos. Desinfecção geral. Si, apezar das precauções tomadas, apparecerem dentro de poucos dias muitos casos, fechar-se-á a escola durante 40 dias.

SARAMPÃO—Retirada dos enfermos; duração, 16 dias. Destruição dos livros e cadernos dos enfermos; sendo necessario fechamento das classes frequentadas por menores de 6 annos.

CATAPORAS (varicella) — Retirada successiva dos affectados.

PAROLIDITE (cachumbas) — Retirada successiva dos doentes por 10 dias.

COQUELUCHE (tosse comprida)—Retirada successiva dos enfermos por 1 mez.

SARNAS E EMPINGENS — Retiradas successivas, volta depois de tratamento methodico.

DIPHTRIA—Retirada dos enfermos por 40 dias. Destruição de livros e outros objectos que possam ser contaminados. Desinfecções seguidas.

A debandada.

Começa, infelizmente, a debandada, que se dará forçosamente com as medidas economicas. O professor Theophilo Martins de Mello, um dos collegas que honram indiscutivelmente a classe, acaba de deixar o ensino accetando a nomeação para o cartorio de Sarapuby.

Fallecimento.

Victima de pertinaz molestia, falleceu a 6 de Agosto p. passado, em Jacarehy, a Exma. Sra. D. Donaria de Paula Ferreira, virtuosa esposa do professor Sr. Acacio de Paula Ferreira.

Ao distinto collega enluctado apresentamos sinceras condolencias.

Les Requirs.

Com este titulo publicaremos no proximo numero desta «Revista» um excellente poemeto devido á penna do festejado escriptor e literato dr. Hippolito Pujol, um dos nossos mais illustres collaboradores.

Deixamos de enaltecer o merito do novo trabalho do dr. Pujol, para dar os parabens aos leitores pela satisfacção que vão ter com a leitura dos excellentes versos do illustre poeta.

11 de Agosto.

Como acontece todos os annos, foi brilhantemente festejado pelos academicos de direito a data que lembra a fundação dos cursos juridicos em S. Paulo.

Foi uma sessão imponente a que se realisou, naquelle dia, no salão nobre da Escola de Direito, onde diversos oradores se fizeram ouvir, dominando pela eloquencia da palavra o selecto auditorio que enchia o recinto do referido salão.

Esta «Revista» que se fez representar, agradece o convite com que foi distinguida.

Regresso.

De regresso de sua viagem á Europa, onde permaneceu durante dois mezes, acha-se entre nós o illustre collega Francisco Furtado Mendes

Vianna, um dos mais distinctos collaboradores desta «Revista».

Restituído ao seio da sua Exma. familia e dos seus amigos, o Sr. Vianna vem completamente restabelecido dos incommodos que o levaram a procurar melhoras em diversos paizes d'além-mar. Saudações.

Cesario Gabriel de Freitas.

Falleceu a 31 de Julho, na cidade de Ytú, o dr. Cesario Gabriel de Freitas, medico de nossa Associação.

O finado era muito estimado, não só naquella cidade, de onde era natural, como tambem nesta Capital e no Rio de Janeiro, logares onde residiu por algum tempo.

Os annos de sua mocidade, dedicou-os aos serviços de sua profissão, conseguindo crear uma grande clientela. Mais tarde dedicou-se á politica, dirigindo conjuntamente com o fallecido Dr. Francisco E. da Fonseca, a politica de Ytú.

Exerceu nesta cidade diversos cargos de eleição popular, foi membro da constituinte paulista e, mais tarde, deputado federal.

Caprichosa divergencia politica separou, então, os dois chefes da politica Ytuana.

Os republicanos de Ytú dividiram-se em dois grupos designados pelos inexpressivos nomes de *jagunço* e *maragato*.

O dr. Cesario de Freitas ficou sendo chefe daquelle partido.

E foi nessa posição que soffreu o terrivel golpe de ver seu irmão assassinado por questões politicas.

Este facto abalou profundamente o Dr. Cesario de Freitas, que, desde então, abandonou a politica, retirando-se para esta Capital, onde se dedicou inteiramente ao serviço de sua profissão.

Voltou ultimamente para Ytú e ahi falleceu.

A Associação do Professorado Publico lançou na acta de suas sessões um voto de pezar pelo seu passamento e nós aqui enviamos as nossas condolencias á sua familia.

Gymnasio de Campinas.

Pelos seus illustres redactores, srs. Aristides Mello e Lucas de Arruda Serra, nos foi offerecida a collecção do sexto anno do *Gymnasio de Campinas*, sympathica publicação do club literario dr. Cesario Motta.

Agradecidos.

Transcripções.

Continuamos a registrar, inteiramente desvanecidos, as transcripções que, de artigos nossos, fizeram alguns dos nossos distinctos collegas de imprensa.

O valor dos exames, artigo do nosso companheiro R. Puiggari, foi transcripto pel' *O 15 de Novembro*, de Sorocaba e *A Evolução*, de Casa Branca; algumas das magnificas lendas de Tolstoi, traducção ainda daquelle nosso companheiro, foram reeditadas pela *Cidade de Bebedouro*, *O Mar*, de S. Sebastião, *Gazeta de Santa Rita*, do Passa Quatro, *O Pharol*, de Juiz de Fóra, e *A Evolução*, de Casa Branca; o artigo *Garantias do Professorado*, de Gabriel Ortiz, *A Comarca*, de Mogy-mirim, e *A Folha*, de Jundiahy, trasladaram para suas columnas; *Vocações*, artigo do nosso distincto collaborador Hippolyto Pujol, foi publicado pela *A Opinião*, de Cascavel, e *Cidade de Bebedouro*; *O vendedor de jornaes*, poesia de René Barreto, foi transcripto pelo *O Pindorama*, de Bananal; e dois artigos, que, sobre trabalho manual, têm sido publicados nesta revista, foram reeditados pel' *A Comarca*, de Mogy-mirim.

Anniversario.

Arnaldo Barreto, o presado amigo e distincto collega que com toda a dedicação e proficiência dirige a nossa Revista, completou no dia 12 de Setembro mais um anno de existencia.

Não nos compete enaltecer aqui as bellas qualidades do querido compatriota.

Limitamo-nos a saudal-o, augurando-lhe todas as venturas de que é merecedor.

Publicações.

Recebemos e agradecemos: *Jus-tiça*, *O Palco*, *Minerva*, *Revista Commercial*, *O S. Paulo Illustrado*, e *Revista da Associação Feminina Literaria e Educativa*, da Capital; *O Rio Pardo*, de S. José do Rio Pardo; *O Municipio*, de Mocóca; *O Bandeirante*, de Silveiras; *O Imparcial*, de Sertãozinho; *Gazeta de Itapira*; *O Mineirense*, de Mineiros; *Comarca de Batataes* e *O Osculo*, de Batataes; *A Voz da Mocidade*, de Piracicaba; *Comarca dos Agudos*, de S. Paulo dos Agudos; *O Atalaya*, de Jaboticabal; *O Jasmim*, de Mogy-mirim; *O Porvir*, de S. José do Rio Preto; *A Cidade*, de Dous Corregos; *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, de Campinas; *O Stegomyia*, de S. João da Boa Vista; *O Arcense*, de Arêas; *Tribuna de Petropolis*; *O Therezopolitano*; *O Isabelense*, de Santa Isabel do Rio Preto; *O Ideal*, de Campos; *O Municipio*, de Diamantina; *Gazeta de Ouro Fino*; *O Abre Campo* e *A Cruzada*, de Abre Campo; *O Guarará*; *O Monte Santo*; *Monitor Sul Mineiro*, de Campanha; *Gazeta de Uberaba*; *Cidade da Vigosa*; *Cidade Diamantina*; *O Sertanejo*, de Jacarésinho; *O Estimulo*, da Bahia; *Revista Pernambucana* e *Revista da Faculdade de Direito*, do Recife; *O Progresso*, de Caruarú, e *A Renascença*, do Maranhão.

Entrou para o quarto anno de proveitosa existencia, *A Escola*, revista official de ensino do Estado do Pará. Nesse curto lapso de tempo *A Escola* tem se tornado o porta-voz das necessidades da classe e, si não tem colhido louros, a operosa revista tem aliás contribuido eficazmente para o progresso da instrucção publica no meio onde vê a luz.

A Revista de Ensino envia-lhe por esse facto entusiasticos parabens.

* * *

O Pharol, o decano da imprensa mineira, festejou ha dias o seu anniversario. Nós que sempre admiramos a sua linha de conducta séria e imparcial, não podemos deixar de enviar ao conceituado organo do jornalismo patrio os nossos emporas.

Actos officiaes.

JULHO.—*Dia 21.*— Declarou-se ao director do Grupo Escolar de Jundiáhy, que, não convindo que os professores faltem ás aulas por motivo algum, não deve considerar em commissão um dos adjunctos daquelle grupo para fazer parte da mesa examinadora dos candidatos ás escolas municipaes.

Dia 24.— Secretaria dos Negocios do Interior e da Justiça.—S. Paulo, 24 de Julho de 1903.—Directoria do Interior.—2.^a sub-directoria.—1.^a secção.—N. 227.—Sr. director da Escola Barnabé. Santos. Em resposta ao vosso officio de 18 do andante, declaro-vos que, de accordo com o artigo 152 do regulamento de 27 de Novembro de 1893, os substitutos entram em exercicio logo que são propostos e se dá a interrupção dos trabalhos escolares por parte do substituto, e, desde que comece o exercicio, deve o substituto assignar o ponto, fazendo jus aos respectivos

vencimentos, embora não tenha antes disso apresentado seu titulo á auctoridade competente, o que poderá fazer mais tarde, declarando o director, quando visar o titulo, a data em que, de facto, foi iniciado o exercicio.—Saude e fraternidade.—*Bento Bueno.*

—Declarou-se ao director do Grupo escolar do Descalvado que as suas faltas que deu, por ter vindo a esta capital com a auctorização deste secretariado, toram justificadas, e que deve requerer justificação das outras, assim como a adjuncta D. Raphaella Martins de Mello.

Ao director do Grupo Escolar do Ribeirão Preto, que devem ser justificadas as faltas dos adjunctos que não participarem os motivos das mesmas, e justificadas as dos que procarem motivos justos, comtanto que não excedam ao numero de tres.

SETEMBRO.—*Dia 4.*— Declarou-se ao director da Escola Modelo Prudente de Moraes que, sendo considerados como faltas os domingos e dias feriados que ficarem intercalados entre duas faltas, devia o mesmo ter feito no mappa conta de quatro faltas á professora D. Alzira Berlinck, dadas nos dias 1, 15, 16 e 17,

e não sómente tres, nos dias 1, 15 e 17.

Dia 14.— Secretaria de Estado dos Negocios do Interior e da Justiça.—S. Paulo, 12 de Setembro de 1903.—Directoria do Interior.—2.^a sub-directoria.—1.^a secção.—N. 275.—Sr. director do Grupo Escolar do Jahú.—Em o vosso officio de 5 do corrente, consultaes:— Si entre as faltas dadas pelos professores se intercalar o domingo ou dia feriado, se deverá tambem contar este dia como sendo falta; si deverão ser remettidos a esta secretaria os attestados de vaccina apresentados pelos alumnos na occasião da matricula; si se deverão submeter os alumnos, em Novembro do corrente anno, a exames finais, ou si os mesmos poderão ser promovidos unicamente pelas notas dos seus boletins, como se dá nas Escolas Modelo.—Em resposta, declaro-vos que o domingo ou o feriado intercallado deve figurar como falta na folha de pagamento do pessoal; que os attestados devem ser remettidos a esta secretaria; e que os alumnos poderão ser promovidos conforme as notas obtidas nos seus boletins.—Saude e fraternidade.—*Bento Bueno.*

REVISTA DE ENSINO

Publicação bi-mestral, subsidiada pelo Governo do Estado de S. Paulo

De accordo com o § 3.º do art. 7.º dos nossos Estatutos, todos os socios são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

ASSIGNATURAS

Anno	10\$000
Semestre.	6\$000
Numero atrazado	2\$000

ANNUNCIOS

Por pagina, annualmente.	20\$000
Por 1/2 pagina, annualmente.	12\$000
Por 1/4 pagina, annualmente.	8\$000

REDACÇÃO: RUA DE SANTA THEREZA N. 28

CORRESPONDENCIA: A CAIXA DO CORREIO N. 183

SANTOS DUMONT, homenagem.

DE OUTUBRO DE 1903

QUESTÕES GERAES :

A instrucção em Londres, extrahido, do <i>Jornal do Commercio</i>	PAG.
O seculo XIX, por E. de Vogué, traducção de J. Benevides	315
Da composição e do estylo, de Augusto R. de Carvalho	316
Psychologia dos povos, II, traducção de	324
Cartas anepigraphas, VIII, de Horacio Scrosoppi.	330
	336

PEDAGOGIA PRATICA:

Physiographia, de Augusto R. de Carvalho	343
Coefficiente de dilatação, de M. S.	346
Notas de Portuguez de Luiz Cardoso	348
Ensino Militar, IX, de Augusto R. de Carvalho	349
Museu escolar, traducção, de J. Brito	352

LITTERATURA INFANTIL :

Qui a fait cela ? poesia, de Hippolyte Pujol	357
Os passaros, poesia, de B. Octavio	358
Hymno infantil, de Jorge Pires de Godoy	358
Paraphrases, poesia, de B. Octavio	359
Os mertrer da litteratura infantil, collecionado por R. Puiggari	356
Les deux édifices, poesia, de Hippolyte Pujól.	361
A tempestade, conto, de C. Franco	363
A instrucção e a humanidade, poesia, de Pedro de Mello	364

HYMNS ESCOLARES :

Minha barca, letra de e musica de J. Gomes Junior	367
Minha terra, letra de Casimiro de Abreu e Musica de Antonio Carlos	374
Marchar! marchar! letra de Luiz Galvão e musica de J. Gomes Junior	378

DIVERSOS :

Dr. Antonio Caetano de Campos	385
Discurso pronunciado na sessão solemne de 22 de Abril de 1900, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo dr. Alfredo Nascimento	386
Historia e Geographia, traducção de F. E. J. de Benevides	389
7 de Setembro	395
Descontos	397
Instrução publica em Minas Geraes	398
Evangelho da Educação	405
Carta a Arnando e Puigari, de M. C. Junior.	406
	409
MOVIMENTO ASSOCIATIVO	411
NOTICIARIO	
ANNUNCIO	

REVISTA DE ENSINO

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

Redactor-chefe : — ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Redactor-secretario : — JOÃO PINTO E SILVA

REDACTORES EFFECTIVOS

JOAQUIM LUIZ DE BRITO

ROMÃO PUIGGARI

JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA

EMILIO MARIO DE ARANTES

RAMON ROCA DORDAL

JOÃO CHRISOSTOMO B. DOS REIS JUNIOR

NUMERO 5

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1903